

May-Lin Wang

Os Últimos Românticos?
Um Estudo sobre Masculinidade e
Expressão do Sentimento Amoroso

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2004



May-Lin Wang

**OS ÚLTIMOS ROMÂNTICOS?
Um Estudo sobre Masculinidade e
Expressão do Sentimento Amoroso**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2004



May-Lin Wang

**Os Últimos Românticos?
Um estudo sobre masculinidade e
expressão do sentimento amoroso**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Bernardo Jablonski
Orientador

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Rita Maria Manso de Barros
Dept^o de Fundamentos da Educação – UNIRIO

Prof^a. Andréa Seixas Magalhães
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, / /2004

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

May-Lin Wang

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em julho de 2001. Participou de atividades terapêuticas voltadas à recuperação de dependentes químicos, co-dependentes, pacientes portadores de transtornos alimentares e seus familiares. Atualmente, exerce atividade clínica comunitária, bem como em consultório particular.

Ficha catalográfica

Wang, May-Lin

Os últimos românticos? : um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso / May-Lin Wang ; orientador: Bernardo Jablonski. – Rio de Janeiro : PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2004.

155 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas

1. Psicologia – Teses. 2. Identidade masculina. 3. Estereótipos de gênero. 4. Comunicação do sentimento amoroso. I. Jablonski, Bernardo. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título. IV. Um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso.

CDD: 150

A J.L., por tudo.

Agradecimentos

A Bernardo Jablonski pela parceria, incentivo e paciência infinitas ao longo da construção deste trabalho.

A meus pais pela amizade e amor incondicionais.

A Elizabeth Capistrano do Amaral pelo apoio e incentivo indispensáveis.

A Célia Regina Henriques pela amizade e valiosa parceria ao longo dos últimos dois anos.

Aos demais familiares e amigos que me apoiaram e souberam compreender minhas ausências.

Aos professores, colegas e funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação.

Aos entrevistados que generosamente ofereceram seus relatos como material para o presente estudo.

À CAPES e à PUC-Rio pelo auxílio concedido durante a execução desta pesquisa.

Resumo

Este trabalho aborda a problemática da expressão afetiva masculina em relacionamentos heterossexuais. Para tal são discutidas questões relativas à construção cultural dos estereótipos de gênero, os fatores psicossociais que contribuem para o desenvolvimento da identidade masculina, bem como a relevância da comunicação em relações afetivas. No intuito de verificar a influência de tais estereótipos na forma como alguns homens experimentam e expressam o sentimento amoroso, foram realizadas doze entrevistas com homens de classe média, residentes na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 24 a 30 anos e 40 a 47 anos. A análise das entrevistas permitiu observar que o clichê de que os homens não falam sobre emoções e sentimentos não se verifica nas experiências amorosas de quase metade dos sujeitos.

Palavras-chave

Estereótipos de gênero; identidade masculina; comunicação do sentimento amoroso.

Abstract

This work investigates the problem of male communication of emotions in heterosexual relationships. We discuss the cultural construction of gender stereotypes, the psychosocial factors that contribute to the development of the male identity, as well as the relevance of communication in love relationships. In order to verify the influence of such stereotypes in the way a few men experience and express love, twelve interviews were conducted with middle class men, with ages ranging from 24 to 30 years and 40 to 47 years, who live in the more affluent districts of the city of Rio de Janeiro. The analysis of the interviews allowed us to observe that the *cliché* according to which men do not speak about emotions and feelings was not verified in the love experiences of almost half of the subjects.

Keywords

Gender stereotypes; male identity; expression of love.

Sumário

1. Introdução	11
2. Estereótipos de gênero	17
2.1. Entre a natureza e a cultura	22
2.2. Repensando as diferenças	27
2.3. A mudança insiste e a tradição persiste	33
3. Identidades masculinas: limites e possibilidades	42
3.1. Masculinidade: uma difícil construção	44
3.1.1. Uma visão psicanalítica acerca da masculinidade	45
3.1.2. Algumas considerações sobre o “problema” da simbiose	50
3.1.3. A socialização estereotipada dos meninos	53
3.2. Crise masculina: perigo ou oportunidade?	60
4. Feminização e Expressividade	73
4.1. A dificuldade masculina de demonstrar sentimentos	73
4.2. A comunicação nos relacionamentos amorosos	81
4.3. Demandas de feminização	88
5. Experiência amorosa e comunicação do sentimento	94
5.1. Estudo de campo	94
5.1.1. Metodologia	94
5.1.1.1. Instrumento	95
5.1.1.2. Procedimento	95
5.1.1.3. Perfil dos entrevistados	97
5.2. Análise das entrevistas	101
Resistências iniciais...	104
Preconceito por parte da entrevistadora?!	106

5.2.1. Categorias de Análise	108
5.2.1.1 O sentimento	108
5.2.1.2 A comunicação	116
5.2.1.3 Palavras, flores e gestos	122
5.2.1.4 Futebol, sexo e... problemas!	127
5.2.1.5 O peso dos estereótipos	135
6. Conclusão	140
7. Referências bibliográficas	144
Anexo: Roteiro de entrevistas	154

*There was a boy
A very strange enchanted boy
They say he wandered very far, very far
Over land and sea
A little shy and sad of eye
But very wise was he*

*And then one day
A magic day he passed my way
And while we spoke of many things
Fools and kings
This he said to me:*

*“The greatest thing you'll ever learn
Is just to love and be loved in return”*

Nature Boy – Eden Ahbez

1. INTRODUÇÃO

Questões de gênero, sexualidade e relações amorosas são temas que vêm sendo amplamente discutidos por diferentes teóricos das ciências sociais e humanas, bem como pelo público leigo em geral. Há, por exemplo, um grande interesse quanto às dificuldades que homens e mulheres têm encontrado no que tange o estabelecimento e a manutenção de relacionamentos afetivos, sejam eles namoros, casamentos ou quaisquer outros *arranjos* mais modernos.

Embora diversos aspectos do universo feminino venham sendo estudados por um grande número de pesquisadores há várias décadas, até os anos oitenta poucos autores haviam se interessado pelas questões masculinas e a escassez de trabalhos sobre masculinidade foi assinalada em Nolasco (1988), Goldenberg (1991) e Breen (1993), por exemplo.

Curiosamente, durante o período de exaltação feminista, verificaram-se inúmeras críticas à psicanálise devido à sexualidade feminina ter sido por ela abordada a partir de uma perspectiva masculina. A cultura patriarcal, mesmo em declínio, inevitavelmente deixou suas marcas na teoria psicanalítica e, portanto, tornaram-se comuns os comentários sobre a dificuldade de Freud em compreender o universo feminino. É bem verdade que o próprio Freud admitiu esta limitação em diferentes artigos de sua obra. Em *Análise Leiga* (1926), por exemplo, ao referir-se mais uma vez à *inveja do pênis*, ele afirma que “a vida sexual das mulheres adultas constitui um *continente negro* para a psicologia”. Desta forma, pode-se inferir que, em decorrência de uma suposta maior facilidade de Freud em compreender o universo masculino este foi por ele deixado em segundo plano e a psicanálise nasceu justamente de suas questões com relação à feminilidade. Foi, portanto, o seu empenho em desvendar os mistérios da vida feminina, bem como o grande interesse em explicar a histeria, que o colocou no caminho que deu origem ao desenvolvimento de toda sua obra.

Vale notar que em publicação dedicada à problemática de gênero, com artigos de autores de diferentes orientações psicanalíticas, e cuja maioria dos capítulos permanece sendo sintomaticamente dedicada à sexualidade feminina, Breen (1993) refere-se à escassez de trabalhos voltados à sexualidade masculina e acrescenta que “a compreensão da masculinidade veio na esteira dos debates sobre

feminilidade”. Parece-nos, assim, que um aparente desinteresse pela masculinidade, talvez inicialmente dada como óbvia, somado ao entusiasmo dos psicanalistas em tentar elucidar o que havia de obscuro com relação às mulheres, resultou em ter sido deixado na sombra muito do que, hoje, buscamos conhecer sobre os homens.

Já observamos, contudo, um considerável aumento nos estudos voltados tanto à sexualidade quanto à revisão dos papéis masculinos tradicionais e o questionamento dos estereótipos de masculinidade deu origem ao que Nolasco (1988, 1993) denominou *crise de masculinidade*. Este fenômeno é tratado em Cuschnir (1999 e 2000) e Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) como *masculismo*, sendo que o tema dos novos papéis masculinos tem sido, igualmente, alvo de freqüentes matérias em jornais e revistas, nos quais a expressão mais comumente empregada é o *novo homem*.

É importante salientar que a atual discussão sobre as questões masculinas só emergiu mais consistentemente após o amadurecimento de algumas propostas articuladas pelo feminismo e pelo movimento *gay*, que se destacaram no combate a todo um conjunto de valores preconceituosos e crenças estereotipadas sobre gênero e sexualidade. Tendo como eixo central a revisão de atitudes sexistas estes movimentos reivindicaram o reconhecimento dos direitos de todos os indivíduos independente de sexo biológico ou orientação sexual. Acrescentamos, ainda, que as lutas por liberdade e igualdade remontam à Europa, em particular à França, do século XVIII, de modo que, evidentemente, o ideário individualista contribuiu sobremaneira para que as diferenças individuais fossem não apenas aceitas, mas também valorizadas.

Uma série de transformações de cunho social e cultural vêm sendo igualmente acompanhadas e, em alguns casos, até estimuladas por novas descobertas no campo da medicina e da genética, afetando uma parcela considerável de sociedades ocidentais, nas quais o cotidiano de homens e mulheres tem sido aceleradamente redefinido. Os métodos de inseminação artificial, por exemplo, introduziram possibilidades até então impensáveis e, além dos inúmeros casos de famílias monoparentais, *produções independentes* e famílias reconstituídas, a união entre pessoas de mesmo sexo vem sendo

gradativamente legalizada em diferentes países, bem como a adoção de crianças tanto por homossexuais solteiros como por casais homossexuais.

Vivemos, portanto, numa época em que ideologias dominantes têm sido questionadas principalmente no plano social, mas também no plano político e, às vezes, até econômico, repercutindo nas artes, nas relações de trabalho, na estrutura familiar e na intimidade das relações afetivas. É neste contexto de profundas e múltiplas transformações que a masculinidade é debatida e repensada por diversos autores, seja a partir de um enfoque psicológico, antropológico, sociolinguístico ou sociobiológico. Embora muito seja dito a respeito de novas representações de masculino e novas formas de *ser homem*, muitos homens permanecem numa postura de certa forma acomodada, quase como meros espectadores de um intrincado processo no qual não se percebem verdadeiramente implicados.

Na esfera familiar, observa-se um número ainda reduzido de homens realmente mobilizados pela alteração de suas rotinas, no sentido de participarem mais intensamente do cotidiano doméstico e dos cuidados com os filhos. Ainda assim, quando há participação masculina, ela se dá apenas como um reflexo de demandas das mulheres. Sob o signo da “ajuda”, estas atividades são desempenhadas como se fossem gentilezas, uma vez que ainda são compreendidas por muitos, inclusive mulheres, como sendo “naturalmente femininas” (Jablonski, 1995, 1996 e 1999). Uma minoria talvez ainda menos expressiva apresenta-se de fato engajada em encontrar novas formas de *estar no mundo* para além dos papéis socialmente prescritos. Para estes, o exercício da paternidade, por exemplo, surge como uma possibilidade de vivência masculina que vem sendo redescoberta e reinventada por alguns homens de forma muito prazerosa.

É mais comum encontrarmos, no entanto, uma defasagem entre um discurso pautado por elementos de modernidade e uma atitude ainda conservadora (Nolasco, 1993; Goldenberg, 1997; Jablonski, 1999). Este distanciamento entre comportamento e atitude reflete a coexistência de ideais e normas contraditórias que constituem aquilo que Figueira (1987) chamou *desmapeamento* e que tivemos a oportunidade de observar em outro estudo (Wang, 2001). Lidar com a tensão entre valores arcaicos e ideais modernos parece ser, portanto, uma das principais tarefas que se impõem aos homens na atualidade.

Coincidentemente, ou talvez por isso mesmo, o padrão de masculinidade que vigorava inquestionável até há bem pouco tempo atrás entrou em *crise* justamente num momento em que somos todos, mulheres e homens, levados a desempenhar mais e mais papéis que exigem muita criatividade e flexibilidade não só intelectual, mas também emocional. Como parte desta tendência, somos todos instados a utilizar o máximo de nossas potencialidades humanas, isto é, tanto femininas quanto masculinas.

As mulheres já vêm adaptando suas vidas de modo a ocupar espaços até então ocupados exclusivamente pelos homens e já encontraram alguma inserção no mundo público.¹ Testemunhamos também o gradual acesso de alguns homens ao universo privado, apesar de um número considerável ainda apresentar uma certa resistência em participar efetivamente do universo privado em toda sua dimensão, isto é, uma dimensão que, para além da assunção de responsabilidade por tarefas domésticas, inclui sobretudo o aspecto afetivo.

No plano das relações amorosas, são comuns as referências a homens aparentemente perdidos e assustados diante de uma *nova mulher*, supostamente-maravilhosa, que tudo pode e tudo exige. De um lado, fala-se de homens que não sabem como ou o quê fazer para agradar uma mulher, de outro, fala-se de homens que só sabem se aproximar sexualmente das mulheres, sem que consigam realizar a entrega afetiva.

As tensões entre os estereótipos tradicionais e os *novos* esterótipos são também representadas, por vezes comicamente, em diversas personagens do cinema e do teatro, bem como da programação televisiva, e é provável que, mesmo as imagens mais caricaturadas não se afastem completamente do que se observa em alguns casos da vida real. Ou seja, mesmo que alguns homens transitem livremente num mundo repleto de novas possibilidades identitárias, outros talvez vejam-se, de fato, perplexos diante da necessidade de desempenhar papéis menos tradicionais em que o exercício pleno da masculinidade nas relações com o mundo e, sobretudo, com as mulheres não se limite ao mero exercício da

¹ Dados da última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) desenvolvida pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) durante o ano de 2002 e divulgados em 10 de outubro de 2003 revelam que o índice de analfabetismo feminino é mais baixo que o masculino, o percentual de mulheres com mais de 10 anos de instrução é 3,1% superior ao de homens e, apesar da taxa de desemprego feminino permanecer mais elevada, ela vem sendo reduzida desde 1997,

condição de *macho*. Para estes, a conquista de um lugar como *homem* ainda deverá exigir algumas batalhas contra clichês e estereótipos que aprisionaram homens e mulheres ao longo de boa parte da história da humanidade. Por esta razão, é possível que a principal luta a ser travada por grande parte deles seja contra a dificuldade em reconhecer e lidar com suas próprias emoções. Mais do que a uma demanda estritamente feminina, é provável que, hoje, esta empreitada atenda também a uma necessidade legitimamente masculina que já pode até ter sido conquistada por muitos homens.

Assim sendo, no presente estudo buscamos observar a influência dos estereótipos masculinos na vida afetiva de alguns homens da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Interessamo-nos principalmente por observar como estes estereótipos impactam a comunicação do sentimento amoroso por parte dos homens entrevistados às suas parceiras. Nossa intenção foi verificar até que ponto a tão propalada idéia de que os homens não falam sobre sentimentos e emoções realmente se aplica à experiência masculina contemporânea. Para tal, realizamos um levantamento bibliográfico a respeito do tema, que nos possibilitou montar um breve estudo de campo, através do qual foi possível chegar a uma visão, ao menos parcial, de como alguns homens da classe média carioca experimentam e expressam o sentimento amoroso em relações afetivas heterossexuais.

Lembramos que estaremos falando sempre do ponto de vista do exame de um fenômeno social que, sem dúvida alguma, tem repercussões não necessariamente idênticas nas subjetividades individuais. Mas é preciso frisar ainda que, independentemente das histórias pessoais poderem acrescentar diferentes nuances à forma como cada sujeito se percebe em suas interações amorosas, estaremos enfocando sobretudo o que há de comum nas vivências desta parcela de homens que escolhemos estudar.

As idéias desenvolvidas neste trabalho estão organizadas como se segue. No capítulo 2, apresentamos um levantamento sobre os estudos de gênero no que tangem o objeto de nossa pesquisa. Em particular, discutimos alguns posicionamentos teóricos sobre a formação de estereótipos bem como sua evolução no tempo. No capítulo 3 analisamos a problemática da construção da

enquanto o desemprego masculino só apresentou melhora a partir do último ano. Contudo, a mão-de-obra feminina continua sendo pior remunerada.

identidade masculina e as novas possibilidades de subjetivação que têm surgido na atualidade. O capítulo 4 trata das visões de diferentes autores acerca de como homens lidam com a expressão de seus sentimentos, especialmente no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Apresentamos alguns estudos que apontam a importância da comunicação nas parcerias conjugais e, em seguida, procuramos também aquilatar a influência das demandas de “feminização” senão do homem, mas talvez da própria sociedade como um todo. No capítulo 5 é apresentado um estudo de campo que teve por base 12 entrevistas realizadas com homens heterossexuais de classe média da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, com idades entre 24 e 30 anos e 40 e 47 anos. Finalmente, no capítulo 6 apresentamos nossas conclusões a respeito do universo estudado.

2. Estereótipos de Gênero

“O conceito de gênero possibilitou que se enxergassem as relações entre os sexos não como algo inscrito na eternidade de uma natureza inacessível, mas como produtos de uma construção social que é importante ‘desconstruir’.” (Goldenberg, 2000, p.8)

Diferentes enfoques teóricos norteiam os trabalhos de diversos autores que se debruçam sobre as questões de gênero. A proliferação de estudos científicos, bem como de publicações destinadas ao público leigo em geral, denota a relevância e a atualidade do tema. Observa-se que o conceito de gênero como categoria de estudo tem sido central à análise de diversos fenômenos sociais, nas quais *masculino* e *feminino* são tomados como interpretações culturais dos sexos biológicos. Assim sendo, nas últimas décadas os estudos das ciências sociais e humanas passaram a rivalizar com inúmeras pesquisas no campo das ciências naturais. Houve, de fato, um enorme avanço das neurociências e dos estudos na área da biologia molecular, que culminou nos recentes avanços relativos ao deciframento do DNA humano. Paralelamente, desde meados da década de 70, assistimos também ao desenvolvimento da sócio-biologia como um campo de conhecimento de viés evolucionista que busca na natureza as razões para comportamentos humanos e organizações sociais.

Como o interesse de boa parte destas pesquisas recai sobre as diferenças entre mulheres e homens, somos freqüentemente expostos a toda espécie de literatura a respeito das razões que levam pessoas de diferentes sexos a agirem e reagirem de formas tão díspares em determinadas situações da vida cotidiana. Com o aumento do volume de publicações destinadas ao público leigo, as principais livrarias dos grandes centros urbanos foram levadas a reservar balcões e estantes especificamente para aqueles preocupados em desvendar os mistérios do sexo oposto através de uma literatura que se propõe a esclarecer dúvidas e, em alguns casos, apresentar soluções práticas para problemas de convivência.

Os títulos adotados por algumas destas publicações são sugestivos de uma concepção biologizada de gênero. Muitos tomam por base a idéia de que algumas diferenças até podem ser atenuadas por um convívio “saudável” entre as partes.

Contudo, a “sabedoria” para se chegar à uma convivência “ideal” entre mulheres e homens residiria na aceitação de que *certas* diferenças não podem ser modificadas porque dizem respeito às *naturezas* distintas de cada um dos sexos. Assim, numa época turbulenta, de instabilidade generalizada, em que relacionamentos afetivos atravessam constantes redefinições — que muitas vezes contribuem para o agravamento de sentimentos individuais de baixa auto-estima, insegurança e solidão — livros como “Mulheres São de Vênus e Homens São de Marte”, “Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?”, “Por que os Homens Mentem e as Mulheres Choram?”, “Criando Meninos”, “Criando Meninas” e muitos outros vendem às vezes bem mais do que a maioria dos clássicos da literatura nacional e internacional.

Igualmente, jornais e revistas de grande circulação têm publicado cada vez mais reportagens sobre o assunto, levando informação sobre as últimas descobertas a um grande número de pessoas. Como exemplos recentes podemos citar, só no caso da revista VEJA, as reportagens de capa de 23 de julho de 2003 e de 1º de outubro deste mesmo ano. A primeira é intitulada *Sexo – Como Nossos Ancestrais* e tem como sub-título os dizeres: “A ciência traz à tona indícios de que, na hora de escolher um parceiro, ainda somos guiados pela biologia e por preferências estabelecidas pela espécie há milhões de anos.” A segunda reportagem, intitulada *O Novo Homem – O Homem em Nova Pele*, recebeu o sub-título: “Ele desenvolveu a sensibilidade, interessa-se mais pelos filhos, assume e exhibe emoções, preocupa-se com a aparência, aprecia culinária e apurou seu senso estético. É forte, mas tem estilo. Está nascendo o macho do século 21.” Esta mesma revista publicou ainda duas edições especiais intituladas *Mulher e Homem*, nos meses de agosto e outubro, respectivamente, cada qual falando sobre histórias de sucesso, novos papéis sociais, trabalho, família, conflitos, dúvidas e temas afins.

Em 21 de outubro de 2003, o jornal O GLOBO publicou uma pequena matéria, aparentemente sem receber grande destaque, sobre resultados de pesquisas realizadas na Universidade da Califórnia em Los Angeles, Estados Unidos. A sinopse que serve de chamada para a reportagem nos informa que foram descobertos cerca de cinquenta genes que, em animais, influenciam a formação da identidade sexual no cérebro, e que alguns desses genes estão ativos somente no sexo feminino e outros, no masculino. Para os cientistas responsáveis

pela pesquisa, esses genes desempenham importante papel no comportamento humano e podem estar relacionados à homossexualidade que, segundo eles, teria uma origem biológica. Reproduzimos abaixo título, sub-título e alguns trechos da matéria publicada na seção *Ciência e Vida*:

“Genes contribuiriam para a formação da identidade sexual. Hormônios não seriam os únicos a influenciar diferenças na formação do cérebro e do comportamento. A identidade sexual dos seres humanos pode ser fortemente influenciada pelos genes, afirmaram ontem cientistas americanos. Segundo um estudo publicado na revista *Molecular Brain Research*, as diferenças no desenvolvimento do cérebro e do comportamento nos sexos masculino e feminino estariam ligadas à ação de alguns genes e não somente a hormônios, como se acreditava até agora. (...) A identidade sexual está baseada na biologia das pessoas, antes do nascimento, e é resultado de uma variação no genoma de cada um. (...) Desde os anos 70, os cientistas acreditavam que os hormônios sexuais estrogênio (feminino) e testosterona (masculino) seriam os únicos responsáveis por organizar sexualmente o cérebro. Particularmente a testosterona, que induziria um padrão de desenvolvimento cerebral masculino e inibiria padrões biológicos e comportamentais de diferenciação feminina.”

(O Globo, 21/10/03, p.28)

Os estudos que dão origem a reportagens como esta evidenciam as explicações propostas por modelos teóricos que se mantêm numa linha estritamente biológica e evolucionista, que mantêm o gênero e a identidade sexual atrelados ao sexo biológico. A premissa de que fatores orgânicos como determinados hormônios e, agora, genes afetam a configuração cerebral, assumindo papel preponderante no estabelecimento de características masculinas e femininas, pode trazer a tranquilidade de respostas simplificadoras a algumas questões que nos parecem bastante mais complexas. Acreditar que um melhor conhecimento de nossa natureza corpórea seja suficiente para responder a boa parte, senão a todas as perguntas que nos fazemos acerca de como nos tornamos mulheres e homens, é no mínimo ingênua. Além disso, uma tal perspectiva nos remete ainda a um paradoxo insolúvel, pois se, por um lado, podemos talvez nos acomodar por não precisar assumir responsabilidades por eventuais aspectos indesejáveis de nossa natureza imutável, por outro, devemos nos submeter inapelavelmente a eles, em caráter permanente, pela total incapacidade de alterá-los ou substituí-los.

Em princípio pode parecer inadequado uma dissertação de mestrado invocar tantos argumentos que circulam fora do meio acadêmico. Circulam fora

do meio acadêmico, mas, é importante salientar, são fortemente embasados a partir dele. Ao fazermos referências a matérias de jornais e revistas temos o intuito de evidenciar o que consideramos um fator de peso na formação dos estereótipos de gênero. Deaux e Lafrance (1998) e Citeli (2001) corroboram nossa opinião de que as informações veiculadas pela mídia, seja televisiva ou escrita, têm grande influência sobre a construção de crenças e valores que permeiam a vida de uma sociedade. Por esta razão damos tanta ênfase ao assunto já nas primeiras páginas deste trabalho.^{1,2}

É interessante notar como certas descobertas científicas podem assumir um caráter de revelação tal como na fé religiosa. A imunidade de que gozam os cientistas perante jornalistas e outros leigos contribui para que notícias sobre novas descobertas sejam absorvidas como evidência incontestável, sem exigir confirmação por parte de outras fontes. Citeli (2001) faz um interessante levantamento sobre as relações “estreitas, tensas e conturbadas” entre ciência e mídia. Através de alguns exemplos de manchetes de periódicos brasileiros e americanos, a autora evidencia a atração que as explicações naturalizadoras das diferenças sexuais exerce sobre a mídia e nos informa sobre alguns estudos que visam esclarecer as bases desta atração que é mútua e se mostra benéfica a ambas as partes. De um lado, a autoridade científica confere legitimidade a matérias jornalísticas que, com isso, têm aceitação garantida junto ao público e, de outro, as *verdades* científicas são amplamente disseminadas e paulatinamente incorporadas ao imaginário social. Esta impregnação se dá de tal forma que em pouquíssimo tempo já será possível ostentarmos *estereótipos geneticamente comprovados*.

Faremos referência a uma última reportagem, um pouco mais antiga que as demais, da revista ÉPOCA de 05 de julho de 1999, intitulada *O Porquê das Diferenças*. Mais uma vez, pesquisas de universidades americanas são a principal fonte de informações, neste caso particular, sobre o papel preponderante dos hormônios no que tange uma série de comportamentos masculinos e femininos. Além do desenvolvimento dos caracteres sexuais fenotípicos (gônadas, fibras musculares, pelos corporais, timbre de voz, etc), nesta reportagem são apresentadas algumas outras características como maior ou menor vulnerabilidade

¹ Deaux e Lafrance (1998) apóiam-se nas idéias de Serge Moscovici para falar sobre a influência da mídia.

² Em suas análises, Giddens (1992 e 1999) valoriza até mesmo a literatura de auto-ajuda por considerá-la um importante elemento do que entende por *aspecto reflexivo da modernidade*.

a certas doenças, capacidade de orientação espacial, habilidade verbal, memória visual, sensibilidade e agressividade como fatores que poderiam distinguir mulheres e homens com base em suas constituições hormonais.

Também são mencionados estudos que comprovam que a flutuação hormonal que ocorre naturalmente ao longo da vida, assim como sua manipulação deliberada, podem alterar estes e outros traços. Assim, um maior nível de estrogênio dá à mulher uma melhor expressão verbal, mas, em contrapartida, reduz sua capacidade de localização espacial, que se mantém muito inferior à dos homens mesmo com o auxílio de mapas, que muitas vezes lhes parecem inúteis, quando não lhes causam ainda mais problemas, segundo advogam pesquisas desta natureza. Na esfera masculina, diz a reportagem:

“Homens adoram correr riscos, têm uma lógica mais linear do que as mulheres, circulam com mais facilidade por cidades desconhecidas e partem para a agressão quando se sentem contrariados. Quer se goste, quer não, a biologia ensina que essas atitudes são comuns ao sexo masculino e só variam de intensidade de acordo com o temperamento e as influências culturais.³ E o motor que movimenta tudo isso se chama testosterona, o hormônio sexual do macho.”
(Época, 05/07/99)

É interessante notar que, apesar do interesse em valorizar os hormônios como principal causa de certas expressões de feminilidade e masculinidade, nesta mesma reportagem são também apresentados *en passant* os resultados de um outro estudo que demonstra justamente o contrário, isto é, as taxas hormonais sendo afetadas por fatores de ordem subjetiva. No caso específico dos homens pesquisados, verificou-se uma queda nos níveis de testosterona após o casamento ou quando de outras situações estressantes como a perda do emprego, por exemplo. De forma análoga, concluiu-se que após o divórcio os níveis deste mesmo hormônio tendem a subir, indicando uma maior prontidão para a atividade sexual fora do casamento. Ou seja, o que parece ter sido evidenciado, mesmo que de forma não muito explícita, foi, na verdade, o sinal de uma mais que provável correlação entre fatores biológicos e aspectos sócio-culturais, na qual os termos da equação se invertem e estes passam a ser determinantes daqueles.

³ Grifo nosso.

2.1. Entre a Natureza e a Cultura

No âmbito da academia, os diferentes enfoques teóricos contribuem para ampliar bem mais o espectro de respostas possíveis às questões de gênero. Como vimos, alguns autores acreditam que a natureza é a principal responsável pelas diferenças entre homens e mulheres. Já no campo das ciências sociais e humanas *masculino* e *feminino* são valorizados primordialmente como construções culturais. Entre os dois extremos existem ainda aqueles que reconhecem a importância das diferenças anatômicas na construção de diferenças que se estenderam ao plano social, no qual desenvolveu-se, por exemplo, uma ideologia patriarcal e hierarquizante que culminou, dentre outras coisas, na dominação das mulheres pelos homens.

Ressaltamos que os termos multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade portam em si uma significativa marca de nosso tempo. É sabido que a psicologia social, além de dialogar com a sociologia, a antropologia e a história, lança mão de conceitos de diferentes campos “psi”, como o behaviorismo, a psicanálise e o cognitivismo, por exemplo, para a análise de fenômenos em que um conjunto de indivíduos é tomado como representativo de parcela significativa de uma sociedade que se queira estudar (Rodrigues et al., 2000). Parece-nos, portanto, que não deva ser considerado errôneo tentar manter uma via de trocas com saberes que tendemos a descartar de forma talvez por demais imediata. Neste sentido, gostaríamos de assinalar que a polarização entre enfoques que naturalizam as diferenças sexuais e aqueles em que fenômenos de socialização são mais valorizados sempre implicará em perda de conhecimento, que poderia ser bastante valioso a uma compreensão mais ampla das questões de gênero (Deaux e LaFrance, 1998). Por esta razão, mesmo que tenhamos afiliações teóricas específicas e que, neste momento, queiramos privilegiar os determinantes sociais, acreditamos que devemos nos manter minimamente informados a respeito de como os achados de outros campos científicos podem vir a acrescentar dados interessantes a estudos futuros.

Vale lembrar, contudo, que ao longo da história da psicologia social houve uma relativa indiferença com relação a essas questões. Durante um certo período os papéis masculinos e femininos não eram absolutamente problematizados ou questionados pelos psicólogos sociais, uma vez que eram, de certa forma, aceitos como parte da natureza dos respectivos sexos (Spence et al., 1985). Hoje a situação é bem diversa e os trabalhos de antropólogos, sociólogos e filósofos

como Margaret Mead, Elisabeth Badinter, Anthony Giddens e Edgard Morin, por exemplo, são frequentemente tomados como referência.

Deaux e Lafrance (1998) falam sobre a importância de que os estudos de gênero sejam contextualizados e abordados por um modelo que leve em consideração as flutuações dinâmicas da categoria gênero em si, bem como o sistema social mais amplo no qual características masculinas e femininas são encenadas. Inicialmente, os estudos de gênero eram abordados pelos psicólogos sociais apenas pelo viés das diferenças sexuais. Estas diferenças eram analisadas em diversos domínios da vida social, lançando-se mão de explicações de cunho biológico com uma certa frequência. Durante três décadas (dos anos 50 aos 70) verificou-se a ausência absoluta de trabalhos relativos a gênero nos principais manuais de psicologia social. A partir de 1985, com a publicação de *Sex Roles in Contemporary American Society* no *Handbook of Social Psychology*, Spence, Deaux e Helmreich trazem as investigações de gênero para o plano dos papéis sociais. Na época as autoras encontraram poucas construções teóricas que pudessem embasar seu estudo de forma coerente e consistente, mas apenas uma década depois, quando Deaux e Lafrance publicaram, em 1998, o trabalho que tomamos como referência para esta explanação, já haviam inúmeras conceituações que poderiam ser empregadas de forma mais produtiva, sobretudo em pesquisas empíricas. Mesmo não havendo ainda (ou talvez jamais) uma única teoria soberana que possa dar conta de todas as questões que se levantam sobre gênero, diversos posicionamentos teóricos já podem, hoje, ser articulados.

Numa análise contextualizada de gênero, conforme proposto pelas autoras, as ações de mulheres e homens são conceituadas em termos dinâmicos e interdependentes. Masculino e feminino, durante muito tempo, eram vistos como polos opostos de uma única dimensão, de tal forma que um indivíduo poderia apresentar atributos masculinos ou femininos, mas jamais ambos. A partir dos anos 70, a difusão do conceito de *androginia* levou a uma revisão de posturas, inclusive por parte dos psicólogos sociais, uma vez que atributos masculinos e femininos deixaram de se restringir aos sexos biológicos. Homens e mulheres puderam, então, não ser exclusivamente masculinos ou femininos, mas ambos. Masculinidade e feminilidade passaram a se sobrepôr, existindo simultaneamente em um mesmo indivíduo, passando a ser analisadas não mais por oposição,

complementaridade ou inversão de sinais, mas, sim, como categorias multidimensionais e intercambiáveis.

Sem negar a influência seja da biologia ou dos modelos de socialização, esta abordagem enfatiza a flexibilidade, as variações e as contingências em que ocorrem os comportamentos relacionados a gênero. Além disso, esta perspectiva assume que a categoria gênero deve ser considerada em múltiplos níveis de análise: individual, situacional e em termos de sistemas e estruturas sociais mais abrangentes. Atualmente, já existe um considerável volume de material oriundo de pesquisas empíricas que pode servir de base a estudos contextualizados que, ao invés de se limitarem a indagações sobre a existência ou não de diferenças sexuais, levantam questões com relação aos possíveis moderadores e mediadores de comportamentos masculinos e femininos. Segundo Deaux e LaFrance (1998), apesar de poder ser informada por achados empíricos, a abordagem contextualizada não é necessariamente positivista em suas raízes. Este modelo aceita um determinado conjunto de convenções na interpretação probabilística de suas premissas, mas pode igualmente questionar consensos e provocar a reavaliação de certezas, até então, consideradas básicas. Esta perspectiva não constitui, de fato, um modelo teórico fechado em limites claramente bem definidos. É, ao contrário, um modelo que lança mão de conceitos que operam em diferentes planos e que interagem de forma relativamente inespecífica, o que, certamente, o torna alvo de inúmeras críticas. Ainda assim, as autoras argumentam que esta é a melhor forma de tentar compreender a categoria gênero em toda a sua complexidade.

A abordagem que privilegamos em nosso estudo é, portanto, aquela na qual são considerados os significados que a cultura ocidental — e em especial a brasileira — atribui à categoria gênero, dando origem a diferentes processos de socialização, e a forma como estes significados são elaborados pelos sujeitos que entrevistamos. Desde Mead (1935 e 1949) vimos como as diferenças corpóreas são assimiladas de diferentes formas em diferentes culturas. Em Goldenberg (1997), tivemos reafirmada a idéia de que “a cultura apropria-se de uma distinção fisiológica, seleciona os fatos naturais e os exacerba (ou os anula).” Efetivamente, não se tem notícias de nenhuma cultura que não tenha atribuído significado às diferenças sexuais e entendemos que mulheres e homens são fortemente influenciados por padrões de feminino e masculino produzidos na cultura em que

estão inseridos — padrões, muitas vezes, não menos estereotipados do que aqueles calcados em modelos das ciências da natureza, vale lembrar.

Acrescentamos que, pelas lentes de um construtivismo *strictu sensu*, sequer veríamos o corpo como uma *realidade em si*. Da mesma forma, os resultados encontrados em pesquisas biológicas também não seriam *verdades* reveladas, mas *interpretações*, significações socialmente construídas. Ou seja, a forma como os cientistas interpretam os dados a respeito do corpo seria profundamente influenciada pelo *zeitgeist* e pelas categorias lingüísticas vigentes que, por sua vez, engendram as representações sociais de masculino e feminino da cultura em que ocorrem essas descobertas (Deaux e LaFrance, 1998). Como vimos através do estudo referido na última reportagem que mencionamos alguns parágrafos acima, alterações dos níveis hormonais podem estar associadas a diferentes momentos da vida subjetiva, sugerindo que não apenas a cultura se apropria da natureza biológica na elaboração de significados e representações, mas esta também pode vir a ser reordenada a partir daquela. Temos, então, a oportunidade de pensar que não só a cultura interpreta o corpo, mas também o corpo pode reagir a vivências subjetivas que são coloridas pelos significados socialmente construídos. Amparada por uma lógica semelhante, a psicossomática, por exemplo, trabalha com o conceito de *equilíbrio biopsicossocial*, de modo a ter uma compreensão mais abrangente do indivíduo que padece de determinadas enfermidades em toda sua complexidade e não apenas sob o ponto de vista médico. Da mesma forma, o conceito de *plasticidade cerebral*⁴ muito empregado em neuropsiquiatria poderia nos ajudar a construir uma hipótese, por exemplo, na qual nosso cérebro de hoje teria sido evolutivamente moldado por nossas *experiências* como mulheres e homens. Devemos admitir que essas reflexões podem parecer ir longe demais, carecendo de uma articulação mais cuidadosa, mas são fruto de um breve exercício, ao qual não pudemos resistir, relativo ao papel preponderante da cultura na forma como podemos perceber e interpretar o mundo à nossa volta.

⁴ A plasticidade cerebral refere-se a modificações que ocorrem no Sistema Nervoso Central dos organismos com o fim de adequá-los às novas exigências impostas pelo meio, seja no nível funcional através do aumento da eficiência da transmissão sináptica, seja no nível estrutural através do crescimento neuronal (BRANDÃO, M. L. *in* As Bases Biológicas do Comportamento: Introdução à Neurociência, EPU, São Paulo, 2004).

Nossa opção pelas explicações de cunho social está baseada, enfim, na noção de que ao tentarmos desnaturalizar as diferenças sexuais poderemos estar contribuindo para a revisão dos estereótipos de gênero.

“Os estudos de gênero questionam a idéia de ‘natureza’ feminina (e masculina) e reforçam a concepção de que as características atribuídas à mulher (e ao homem) são, na verdade, socialmente construídas. Diferencia-se, assim, o sexo (a dimensão biológica dos seres humanos) do gênero (um constructo cultural), o que é útil para mostrar que muitos comportamentos, sentimentos, desejos e emoções, vistos como partes de uma essência masculina e feminina, são produtos de determinado contexto histórico e social.” (Goldenberg, 2000, p.15)

Como já foi dito, não ignoramos o fato de que as prescrições sociais sobre o que é *ser mulher* e o que é *ser homem* também podem gerar estereótipos e preconceitos, mas sabemos que valores podem ser revistos e substituídos através da reflexão e algum empenho em questionar certezas aparentemente definitivas. O mesmo talvez ainda não se aplique à constituição hormonal e genética, sendo que podemos não estar muito longe do dia em que até isso será possível e aceito como solução para limitações impostas pela natureza.

Não queremos dizer que a desconstrução de estereótipos, mesmo daqueles calcados em prescrições sociais, seja tarefa simples e rápida, até pelo contrário. A frase de Mark Twain lembrada por Jablonski (1995) ao analisar a problemática masculina contemporânea ilustra bem a forma como pensamos a este respeito: “nós não nos libertamos de um hábito atirando-o pela janela: é preciso fazê-lo descer a escada, degrau por degrau” (p.159).

Há inúmeros exemplos que demonstram um caráter quase perene de algumas características que são, ainda hoje, comumente atribuídas a mulheres e homens. A própria etimologia do termo já nos dá a dimensão da dificuldade que representa tentar romper com supostas verdades profundamente arraigadas no imaginário social, mesmo quando há evidências que as contradigam, como acontece no caso dos preconceitos. Segundo nos informam Rodrigues et al. (2000), em grego, *stereos* significa *rígido* e *túpos* significa *traço*.

Além disso, os estereótipos de gênero são geralmente processados de forma automática e operam num nível implícito de consciência. O automatismo em que são acionados os esquemas que os constituem são responsáveis por sua influência sobre as atitudes e identidades de gênero, bem como por sua

persistência ao longo do tempo, perpetuando todo um conjunto de idéias que são centrais aos sistemas de crenças de gênero (Deaux e LaFrance, 1998). No que diz respeito à “perseverança” de tais crenças retornamos à reflexão empreendida por Maria Teresa Citeli:

“Argumentos deterministas de base biológica, resultados de seus respectivos contextos históricos e políticos, (...) têm demonstrado vigorosa tenacidade nos dois sentidos que essa palavra carrega, obstinação e constância, (...) quase como perseverança. E nesse outro sentido não se pode deixar de perceber que os estereótipos constituídos com base em metáforas de ordem biológica têm demonstrado uma grande capacidade de se manter, apesar das inconsistências que vão acumulando perante mudanças culturais, tecnológicas e políticas.”

(Citeli, 2001, p.143-144)

Insistimos que priorizar explicações de cunho social não implica em renegar os dados da natureza. Não estamos interessados em substituir determinismos ou em reafirmar o dualismo cartesiano. Apenas entendemos que devemos lançar mão de nossa racionalidade no sentido de interpretar os dados de nossa natureza corpórea em prol da construção de relações menos estereotipadas. Acreditamos que certas simplificações podem nos prender a padrões de comportamento que limitam o exercício de muitas potencialidades humanas que estão para além do sexo biológico. Gostaríamos, sim, de poder escrever um outro *cogito*, talvez, do tipo: “penso, logo posso (re-)construir a minha existência”.

2.2. Repensando as Diferenças

Não podemos deixar de ressaltar a importância e o pioneirismo de Margaret Mead que abriu as portas para a maioria das discussões sobre gênero que empreendemos atualmente nas ciências sociais e humanas. Já na primeira metade do século XX, a perspectiva culturalista desta ousada antropóloga nos possibilitou uma nova abordagem do que sempre pareceu inerente à natureza imutável dos sexos. Através de trabalhos de campo em sociedades ditas primitivas, Mead observou que as diferenças sexuais não eram privilegiadas da mesma forma como nas sociedades ocidentais, mais precisamente nos Estados Unidos e em países europeus. Em *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, publicado em 1935, foi evidenciado que nas culturas estudadas a construção de papéis sociais se dá a partir de diferenças de temperamento, qualidades emocionais que

escapam ao domínio físico, arbitrariamente escolhidas pelos grupos sociais como inerentes a um ou outro gênero. Mais tarde, com a publicação, em 1949, de *Macho e Fêmea: um Estudo dos Sexos num Mundo em Transformação*, Mead denunciou a não universalidade das concepções de gênero vigentes, apontando a cultura como fator determinante na construção dos padrões de masculinidade e feminilidade.

Como normalmente acontece com todo aquele que se atreve a questionar ideologias que reinam como única possibilidade de acesso à verdade, Mead foi muito criticada por seus contemporâneos. Em contraposição às idéias que defendiam a existência de uma *essência* masculina e outra feminina, o argumento sustentado ao longo de toda sua obra é o de que as *potencialidades humanas* independem do sexo biológico. Desde então, apesar de permanecerem marcados por suas constituições físicas, homens e mulheres puderam finalmente ser compreendidos e respeitados como indivíduos singulares para os quais o sexo passou a constituir apenas mais uma característica a ser significada segundo sua história pessoal num determinado contexto sócio-cultural.

O trabalho de Mead não tinha por objetivo negar as possíveis diferenças existentes entre os sexos, apenas abordava-as de forma absolutamente inovadora. Sua proposta era de que as diferenças não mais representassem limitações, mas, sim, potencialidades que pudessem ser desenvolvidas por pessoas de quaisquer sexos. As diferenças individuais foram por ela valorizadas como fatores enriquecedores de uma cultura e, em sua opinião, tentar eliminá-las seria, na verdade, uma forma de empobrecer a dinâmica das relações que dão vida a uma sociedade. Em suas palavras, “vida é diferença, é contraste.” Suas contribuições foram de tal ordem que inauguraram um novo olhar com relação à categoria *gênero*, que a partir daí já não pôde mais ser pensada de forma descontextualizada e/ou restrita ao corpo.

Quase setenta anos após o primeiro impacto causado pelas idéias de Margaret Mead, contamos hoje com uma profusão de trabalhos que valorizam masculino e feminino não como *essências*, mas como *experiências* datadas e culturalmente contextualizadas. Como nos diz Darcy de Oliveira (1991), “no feminino, assim como no masculino, o corpo é experiência histórica”, significada e interpretada segundo valores e ideologias emanadas de uma dada sociedade num determinado momento. O que era válido ontem pode não sê-lo hoje e, muito

provavelmente, não será amanhã. Basta nos lembrarmos das histórias de nossos avós, observarmos a forma como vivemos hoje e tentarmos imaginar como serão as gerações de nossos netos e bisnetos.

A maioria das teorias que embasam o conhecimento que se tem hoje sobre gênero deriva do engajamento de intelectuais e pesquisadoras na luta feminista contra as relações de poder estabelecidas no patriarcado, que mantiveram as mulheres subjugadas ao poder dos homens durante boa parte da história da humanidade. Este engajamento se caracterizou, inicialmente, pela luta em prol da eliminação das diferenças entre mulheres e homens, de modo a afirmar a igualdade absoluta entre os sexos. Hoje, porém, observa-se a prevalência de um novo paradigma em que se faz presente o reconhecimento de diferenças sem que estejam, todavia, a serviço dos argumentos de dominação.

Salientamos que o pensamento de Mead antecipou em algumas décadas aquilo que só se passou a cogitar depois de longo período de discussão, reflexão e pesquisa. A radical transformação ocorrida no discurso feminista traz a marca do que ela já defendera no que diz respeito às diferenças individuais independentemente de sexo. O *feminismo da igualdade* foi substituído pelo que se conhece hoje como *feminismo da diferença* e os ideais de igualdade deram lugar a um ideal pluralista que privilegia a diferença. Deve-se acrescentar, contudo, que o trabalho de Carol Gilligan, apesar de bastante posterior a Mead, não foi menos importante e a publicação de *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, em 1982, trouxe nova luz a muitas questões comumente debatidas nos encontros feministas. As propostas iniciais de eliminação das diferenças foram revistas e as categorias que norteiam o discurso feminista atual são *singularidade* e *pluralidade*. A ênfase na busca da igualdade foi deslocada para a valorização das diferenças não hierarquizadas em diversos campos de interação social. Busca-se “a aceitação da diferença sem desigualdade”, a igualdade de direitos e não de especificidades.

Esta passagem só foi possível devido às feministas terem percebido que ao almejarem igualar-se aos homens estavam, na verdade, endossando a falácia de uma suposta superioridade masculina. O ideal de igualdade, neste caso, não passava de uma armadilha, um engodo que levava as mulheres a abrir mão do universo feminino de modo a serem aceitas no mundo masculino. Ao quererem se igualar aos homens, as feministas estavam dizendo que ser mulher estava aquém

de seus anseios. O universo feminino, por tanto tempo desvalorizado, acabou sendo visto pelas próprias mulheres como insuficiente e incapaz de lhes dar acesso às mesmas opções que estavam disponíveis aos homens. De fato, ser mulher em determinadas circunstâncias não pode ser aceito em qualquer tempo ou lugar, mas não porque o universo feminino em si seja inferior ao masculino, mas, sim, porque deve ser igualmente valorizado, reconhecido e respeitado (Darcy de Oliveira, 1991).

Como parte desta mesma tendência, a preocupação centrada nas questões que diziam respeito exclusivamente às mulheres abriu espaço para discussões pertinentes às relações de poder, à desconstrução de papéis e à eliminação de fronteiras precisas entre masculino e feminino. Como resultado, o feminino deixou de estar restrito à sombra masculina, pôde ganhar visibilidade e existência próprias fora de uma complementaridade hierarquizada. Hoje, as mulheres já conseguiram acesso ao mundo público sem precisar abrir mão do privado, o que tem levado a uma outra problemática: a sobrecarga de responsabilidades pelo acúmulo de funções dentro e fora de casa. À primeira vista, esta dupla jornada de trabalho pode dar a impressão de que o esforço surtiu o efeito contrário, mas um olhar mais otimista pode tentar entendê-la apenas como um obstáculo temporário inerente a um período de transformações. A mudança do discurso feminista e a valorização das diferenças possibilitou o diálogo e a criação de um importante espaço de trocas até então inexistente entre as diversas partes envolvidas e acreditamos que, após alguns ajustes, este e outros empecilhos que por ventura venham a surgir serão paulatinamente ultrapassados por novas formas de interação social da qual não mais participarão pela total e absoluta ausência de sentido.

“A revalorização da diferença não tem por que enfraquecer a luta pela igualdade, mas deve, certamente, redefiní-la. O projeto da diferença não é uma revalorização da vida privada *para* as mulheres, mas *pelas* mulheres para o conjunto da sociedade.” (Darcy de Oliveira, 1991, p.109).

Assim, observamos que a adoção de um ideal pluralista, que respeita singularidades e permite variadas possibilidades de subjetivação, independente de sexo biológico ou orientação sexual, passou a ser a nova palavra de ordem não apenas no discurso feminista. Outros grupos também socialmente percebidos

como minorias desfavorecidas começam a usufruir de algum reconhecimento num mundo em que os ideais de igualdade há muito preconizados pela Revolução Francesa passam a ganhar alguma significação mesmo que ainda incipiente. Por esta razão, já assistimos a uma série de alterações no plano social, promovidas não só pelo feminismo mas também pelo movimento *gay*, com repercussões que vão impactar, como veremos mais adiante, o universo masculino que pareceu por tanto tempo inabalável.

Desde Mead podemos pensar a valorização das diferenças entre masculino e feminino como parte de um contexto maior de valorização das diferenças individuais. Mas precisamos recorrer a Elisabeth Badinter para entender melhor o fenômeno da “des-hierarquização” das relações como resultado de um longo processo histórico que pôs fim a todo um sistema de opressão que vigorou incontestemente no Ocidente durante milênios. Este processo teve início ainda no século XVIII com a substituição das monarquias católicas pelas democracias, passando pelas duas grandes guerras mundiais, pelo fim tardio da colonização nos anos cinquenta e sessenta, culminando na convulsão estudantil que tomou conta de Paris em maio de 1968.

A eliminação da divisão sexual do trabalho, a independência financeira conquistada pelas mulheres, bem como a possibilidade de controle da reprodução através dos métodos de contracepção e, em alguns casos, também do direito ao aborto pôs fim aos pilares fundamentais do patriarcado. Chega ao fim, portanto, uma longa etapa da história da humanidade iniciada há mais de quatro mil anos. As fronteiras entre público e privado perdem a força de segregação que mantiveram mulheres e homens em domínios separados e complementares. Mais do que uma mudança de valores e hábitos, trata-se de uma substituição de modelo e de representações que “mexe com o que há de mais íntimo em nosso ser: nossa identidade, nossa natureza de homem e de mulher.” Os estereótipos tendem a cair por terra e a supremacia do indivíduo leva a infinitas possibilidades de diferenciação, que não mais se limitam ao sexo biológico. Por paradoxal que possa parecer, no seu excesso esta diferenciação absoluta termina por aproximar homens e mulheres “até a maior semelhança possível”. A perda dos antigos referenciais masculinos e femininos e as múltiplas possibilidades que se nos apresentam colocam em evidência nossa natureza bissexual originária que, segundo Badinter (1986), assume a forma de uma verdadeira mutação. Mutação

cultural, é verdade, mas não menos ameaçadora, caso fosse biológica, é importante que se diga.

Devemos, contudo, admitir uma certa dificuldade em imaginar uma total ausência de fronteiras entre masculino e feminino. Tomamos emprestadas as palavras da autora para tentar justificar esta limitação, talvez vergonhosa de nossa parte, já que ela própria nos alerta para o fato de que

“o dualismo sexualizado é o paradigma de todos os dualismos, ‘o paradigma da história do mundo’. Isso prova até que ponto esse questionamento atual, por parte de nossas sociedades, atinge o que há de mais arcaico em nós, e corre o risco de subverter a ordem imemorial do mundo humano.” (Badinter, 1986, p.27)

Além disso, Um *ser* o Outro parece, à primeira vista, mais do que uma impossibilidade semântica. Contrariamente a tudo que foi dito, seria, na verdade, o fim da alteridade. Entretanto, mais adiante, a autora esclarece:

“Dizer que Um é o Outro não significa aqui que Um é o mesmo que o Outro, mas que Um participa do Outro e que eles são, ao mesmo tempo, semelhantes e dessemelhantes.” (Badinter, 1986, p.213)

Como já vimos, o que se delineia para o futuro, mais próximo para alguns e talvez bem distante para muitos, é a absorção de características masculinas e femininas por pessoas de ambos os sexos. As características que são atualmente significadas como pertinentes a um ou outro gênero passariam a constituir apenas qualidades humanas sem qualquer distinção de gênero. Passaríamos, todos, a ser indivíduos de uma singularidade absoluta, formando uma grande massa de diferenças sem par. Todos iguais na mais absoluta diferença, sem qualquer possibilidade de simetria.

Acreditamos, de fato, que os papéis e representações sociais podem ser modificados e reabsorvidos por um e outro sexo, como já estão sendo, ao menos em parte. Mulheres têm ocupado posições de liderança política e empresarial, assim como homens têm assumido a administração da casa e a guarda dos filhos. No entanto, não nos iludimos quanto a uma mudança “ampla, geral e irrestrita” de condições para todas as mulheres. No Brasil, pelo menos, sabemos que o cenário não mudou nada para a maioria, muito pouco para algumas, e bastante apenas para uma minoria quase inexpressiva de mulheres. Mas, o surgimento do que alguns

autores chamam de uma *nova paternidade* pode significar que os homens começam a desenvolver novas habilidades na esfera privada dos sentimentos. Possivelmente, através de uma relação mais próxima com os filhos alguns pais têm a chance de se abrir mais ao contato íntimo e à expressão dos sentimentos que nele se originam.

Desta forma, por mais que a sócio-lingüística nos informe que mulheres e homens operam, atualmente, em registros lingüísticos diferentes, é bem provável que a consolidação do ingresso feminino no mundo público, assim como, o ingresso efetivo do homem no universo privado, dê a cada um o necessário domínio lingüístico até então desconhecido ou pouco desenvolvido. Com isso, mulheres e homens poderiam dominar ambos os registros, que passariam a ser empregados igualmente por todos de forma contextualizada, ou seja, conforme determinar a ocasião. Tomando por verdadeira a idéia de que os mundos público e privado não permanecerão por muito mais tempo como domínios específicos de masculino e feminino, podemos nos imaginar transitando indistintamente por ambos os universos, que se distinguiriam apenas como universos da intimidade e do trabalho, por exemplo, sem qualquer implicação de gênero. Em cada um deles faríamos uso, então, das respectivas habilidades e registros lingüísticos, sem que, necessariamente, seja colocado em pauta qualquer questão relativa a sexo ou gênero. Sennett (1974) é ainda mais radical a este respeito, uma vez que afirma o declínio da dimensão pública, na medida em que a personalização de todas as relações sociais colocam o domínio da intimidade não só em primeiro plano, mas como o único que parece ser valorizado atualmente.

2.3. A mudança insiste e a tradição persiste

Retomaremos a questão dos estereótipos, uma vez que muitos deles continuam a vigorar no imaginário social, participando, portanto, da formação de representações e identidades de gênero que têm repercussões diretas e indiretas no cotidiano de mulheres e homens, trazendo soluções para antigos problemas e também gerando novos conflitos.

Deaux e Lafrance (1998) reforçam a noção de que as oposições e/ou as correlações negativas entre masculino e feminino são aprendidas através dos estereótipos de gênero vigentes em uma dada cultura. É possível observar que as crianças gradativamente aprendem a opor atributos masculinos e femininos à

medida que incorporam os valores e crenças transmitidos em casa, na escola, na TV, nos livros infantis e agora na *internet*, que, diga-se de passagem, é uma fonte inesgotável de reforços, bem humorados ou não, das representações mais extremadas que uma sociedade pode criar sobre os sexos.

Estudos transculturais demonstram como padrões praticados pelos adultos são internalizados pelas crianças e como alguns deles são compartilhados por indivíduos de diferentes países ocidentais. Os homens são freqüentemente vistos como aventureiros, independentes, assertivos, têm mais iniciativa, são mais fortes e mais ativos que as mulheres. As mulheres são definidas como sentimentais, emocionalmente expressivas, maternais e atentas aos sentimentos e necessidades dos outros. Os traços negativos, que não costumam suscitar o mesmo interesse da maior parte dos pesquisadores, apontam os homens como arrogantes e sem princípios e as mulheres como servis e “lamurientas”.

As conclusões da pesquisa realizada por Williams et al. (1981) com crianças francesas, alemãs, norueguesas, holandesas e italianas, em comparação a estudo anterior realizado com crianças apenas de língua inglesa (americanas, inglesas e irlandesas), apontam para a hipótese de uma similaridade nos estereótipos que diferenciam homens e mulheres em todos os países ocidentais. Embora haja algumas discrepâncias nas respostas de crianças de diferentes países, observou-se que, dependendo do estágio de desenvolvimento, alguns traços de gênero não são absolutamente identificados por crianças de nenhuma das nacionalidades pesquisadas. Segundo os autores, em estágios iniciais as crianças identificam apenas os traços de seu próprio sexo e, dependendo do contato que têm com pais e mães, podem, inclusive, identificar traços masculinos e femininos inversamente ao estereótipo vigente. Só um pouco mais tarde, por volta dos onze anos de idade, já têm internalizados os padrões habitualmente praticados pelos adultos.

Apesar dos resultados indicarem a quase unanimidade dos estereótipos de gênero praticados na maioria dos países europeus pesquisados, os autores sugerem, no entanto, que talvez o mesmo não se aplique a países em que haja maior diversidade cultural. Nestes, eles acreditam que haja uma menor confluência de padrões formadores de estereótipos. Isso não quer dizer que não hajam visões estereotipadas com relação a mulheres e homens, mas apenas um conjunto mais difuso de representações. A este respeito, Deaux e LaFrance (1998)

informam que embora haja variações dentre os diferentes subgrupos de uma mesma cultura, estas variações não têm sido alvo de muitas investigações. Segundo elas, há evidências suficientes de que diferentes grupos étnicos dentro dos Estados Unidos, por exemplo, apresentam estereótipos de gênero bastante divergentes, além de sofrerem estereotipizações igualmente diversificadas. Pode-se dizer, com alguma segurança, que o mesmo se aplica aos brasileiros de diferentes regiões e contextos sócio-culturais. As disparidades geográficas, financeiras e educacionais de nosso país, certamente, contribuem para que hajam discrepâncias acentuadas entre populações urbanas de classe média e média-alta, comunidades evangélicas, comunidades carentes dos mesmos grandes centros e populações que habitam regiões desde os pampas gaúchos até o sertão nordestino ou o interior da Amazônia, por exemplo. Como nos diz Elisabeth Badinter:

“Não há necessidade de correr mundo para constatar a multiplicidade dos modelos masculinos. Nossa sociedade é um bom observatório para essa diversidade. A masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem.” (Badinter, 1993 [1992], p.28)

Mesmo não se tratando de um país de considerável diversidade cultural nos termos sugeridos por Williams et al. (1981), podemos citar o México como exemplo de uma sociedade ocidental que desenvolveu uma alternativa distinta para um dos estereótipos masculinos mais comuns. Em estudo sobre a masculinidade segundo a visão mexicana, Mirandé (1997) aponta não propriamente uma inversão entre papéis masculinos e femininos, mas apresenta uma definição de masculinidade bastante original. Em *Hombres y Machos: Masculinity and Latino Culture* o autor dá alguns exemplos de como o homem mexicano está mais aberto que o homem americano à vida afetiva e familiar. Apesar da primazia dos valores capitalistas e da proximidade geográfica com os Estados Unidos, no México é tradicionalmente inconcebível que um homem se dedique mais à sua carreira profissional do que ao convívio familiar. Ou melhor, pelos padrões mexicanos tradicionais “um bom pai” não pode usar o excesso de trabalho como desculpa para não dar atenção aos filhos, por exemplo.

É certo que no Ocidente em geral, está havendo, atualmente, uma cobrança cada vez mais acentuada quanto à maior participação dos pais na educação dos filhos (Jablonski, 1991 e 1999; Nolasco, 1993 e 1997;), mas esta postura crítica

com relação à paternidade é um fenômeno relativamente recente. No entanto, o que Mirandé nos mostra é que no México esta atitude sempre se fez presente, enquanto pelos padrões americanos tradicionais, por exemplo, “um bom pai” deveria primordialmente, antes de qualquer contato físico ou emocional, se preocupar em trazer o dinheiro para casa, sendo o convívio afetivo relegado para um segundo plano ou até mesmo negligenciado por completo. O autor diz que seus achados sugerem a existência de éticas culturais distintas em torno da masculinidade e da paternidade. De acordo com a ética mexicana, o fato de um indivíduo ser considerado um homem de sucesso ou um bom pai é determinado não tanto por qualidades externas tais como sucesso, fama ou riqueza, mas por qualidades internas como responsabilidade, altruísmo e caráter moral.⁵

Através destes exemplos o autor conclui que, pelos estereótipos americanos de virilidade, o homem mexicano seria um homem essencialmente mais feminino, uma vez que está mais disposto a entrar em contato com seus sentimentos e emoções. Isso não significa, contudo, que os mexicanos sejam menos machistas e que esta entrega às emoções os torne frágeis, indefesos ou menos agressivos. O que está em análise não é o comportamento com relação às mulheres em si, mas, sim, uma certa abertura a aspectos normalmente associados ao universo feminino. Depois de alguns anos radicado nos Estados Unidos, Mirandé retornou à sua terra natal com a intenção de conhecer melhor a cultura latina e não precisou muito tempo de estudo para perceber que qualquer que fosse a definição americana de um “homem razoável” ela certamente não era aplicável ao homem mexicano.

“Se a masculinidade era definida como sendo fria, analítica, racional e desapaixonada e a feminilidade como sendo calorosa, impulsiva, emocional e apaixonada, os homens mexicanos, aparentemente, eram essencialmente mais femininos que masculinos [, quando comparados aos americanos].”⁶

(Mirandé, 1997, p.13)

Dentre os estereótipos de gênero que se aplicam à esfera afetiva é comum a imagem de que “as mulheres se apaixonam com muita facilidade e os homens

⁵ A respeito das diferenças entre países católicos e protestantes ver comentários de Deaux e LaFrance (1998).

⁶ No original: “If masculinity was defined as being cold, analytical, rational, and dispassionate and femininity as being warm, impulsive, emotional, and passionate, Mexican men, it seemed, were essentially more feminine than masculine.” (Mirandé, 1997, p.13)

cruelmente as abandonam”. Entretanto, em estudo realizado na primeira metade da década de 70, com 231 casais de namorados, universitários, provenientes de famílias de classe média, residentes na região de Boston (EUA), Rubin et al. (1981) encontraram o contrário do que predizem os estereótipos. Os autores acharam evidências de que os rapazes pesquisados tendem a se apaixonar mais rapidamente que as moças e revelaram que estas tendem a encerrar os relacionamentos mais prontamente do que eles. Segundo nos informam, os rapazes estariam mais presos à ideologia de amor romântico, acreditando mais do que as moças no amor à primeira vista. Eles também estariam mais propensos do que elas a acreditar que o amor é suficiente para superar barreiras raciais, religiosas e econômicas. Da mesma forma, os jovens do sexo masculino tenderiam a encontrar no amor a solução para todos os problemas que possam advir durante um relacionamento, indo de encontro ao que foi verificado junto às jovens do sexo feminino.

A atitude das moças foi explicada com base em dois argumentos. O primeiro está relacionado a uma maior seletividade por parte das mulheres, conforme amplamente exposto em outros estudos. Na época em que foi realizada a pesquisa em questão, a maioria das mulheres ainda dependia financeiramente de seus maridos e, apesar de muitas já trabalharem fora, poucas podiam realmente se sustentar sem o amparo financeiro de algum homem, seja marido ou pai. Os valores patriarcais ainda se faziam maciçamente presentes mesmo dentre universitários de classe média urbana, justificando, portanto, um maior pragmatismo por parte das mulheres ao escolherem “o parceiro ideal” para se casarem. No caso, este ideal de parceiro estaria vinculado às possibilidades dele vir a ser “um bom provedor” para ela e seus filhos. Passadas três décadas, podemos nos perguntar se esta explicação ainda é válida para algum grupo de mulheres e até que ponto.

A maior prontidão feminina ao rompimento de relacionamentos afetivos foi explicada por Rubin et al. (1981) através da hipótese de que as mulheres em geral, por estarem mais atentas do que os homens às questões de ordem subjetiva, têm uma melhor percepção dos prováveis problemas que possam surgir em seus relacionamentos afetivos. A ênfase em assuntos emocionais durante o processo de socialização das meninas é apontada como a principal razão para que as mulheres sejam mais sensíveis do que os homens à qualidade de suas relações interpessoais.

Por esta razão, uma vez vislumbrada a possibilidade de surgimento de algum problema, elas tenderiam, mais prontamente do que eles, a buscar alternativas que impeçam sua ocorrência ou que possam solucioná-lo, caso seja inevitável. Na falta de opção melhor, o rompimento do relacionamento pode ser visto pelas mulheres como preferencial à manutenção de um relacionamento problemático ou insatisfatório, o que não é tão comumente observado nos homens. Estes, em geral, diante de certos problemas de relacionamento, lançam mão de outros recursos, nem sempre muito nobres como no caso dos relacionamentos extraconjugais.

Os autores apontam que esta tendência feminina poderia ser também justificada a partir dos argumentos de base psicanalítica desenvolvidos por Nancy Chodorow (1978), para quem as mulheres teriam uma “reserva emocional mais rica”, devido a uma elaboração edipiana mais complexa que a dos homens, desenvolvendo, assim, mais recursos para lidar com dificuldades na esfera afetiva. Além disso, acrescentam que o próprio processo de socialização feminino possibilita às mulheres uma maior habilidade em controlar e lidar com suas emoções, tornando-as mais resistentes, dentre outras coisas, ao sofrimento provocado pelo término de uma relação, que pode, pelas razões inversas, ser muito traumatizante para os homens. O sofrimento masculino é também ilustrado por Rubin et al. (1981) através das impressões clínicas de George W. Goethals, que afirma categoricamente que os piores casos de depressão por ele atendidos em seu consultório diziam respeito a homens que se apresentavam como vítimas de relacionamentos com mulheres verdadeiramente predadoras de seus sentimentos. Estes diagnósticos talvez devessem ser submetidos a um exame mais minucioso, de modo a termos uma melhor noção das condições em que se estabeleceram os relacionamentos em questão — provavelmente relações neuróticas, caso contrário não seriam tema de discussão clínica. Mas como isto não é possível, contentamo-nos aqui com a hipótese de estarmos diante de exceções, mais do que de exemplos de uma regra geral. Não obstante o ceticismo também autoproclamado pelos autores da pesquisa a este respeito, os dados encontrados por Rubin et al. (1981), corroborados pelas demais explicações apresentadas, demonstraram que, ao menos no caso da amostra em questão, as mulheres são mais cautelosas, práticas e realistas, enquanto os homens, em total contradição com os estereótipos de “durão”, insensível e pragmático, parecem ser os verdadeiros românticos.

Da mesma forma, Walster e Walster (1978), apoiados em vários dados – inclusive naqueles provenientes das mesmas entrevistas com os 231 casais de Boston – também são críticos em relação à idéia de que o romantismo venha a ser uma característica preponderantemente feminina. Quando consideram a pergunta sobre quem seriam os *verdadeiros românticos*, preferem adotar uma perspectiva mais equilibrada ao avaliarem que os homens tendem a se apaixonar mais rapidamente e se agarrar mais tenazmente a um amor que vacila do que as mulheres, enquanto que estas últimas experimentam o amor de forma mais intensa do que aqueles.

Essa assimetria é explicada por Skolnick (1987) com base na avaliação de que, enquanto os homens podem ser mais românticos, as mulheres têm uma perspectiva mais realista dos relacionamentos e tendem a adotar uma atitude mais gerencial com relação aos seus sentimentos. A diferença se torna mais inteligível se levarmos em conta as posições sócio-econômicas contrastantes entre os sexos, visto que um grande número de mulheres é, ainda hoje, mais dependente financeiramente do casamento do que os homens, e portanto têm muito mais a perder ao se apaixonar pela “pessoa errada”.⁷

Isto é muito interessante, porque, neste caso específico, as experiências do cotidiano comezinho tendem a confirmar os estereótipos, ao invés do que pretendem refutar os estudos que acabamos de relatar acima. Em particular, a experiência clínica mais recente de Maria Rita Kehl, serve para ilustrar justamente o contrário do declarado por George Goethals. Segundo ela, alguns anos após as primeiras conquistas femininas, muitas das quais na esfera sexual, a mulher parece não saber o que fazer para ser amada e desejada, enquanto o homem não sabe como amar uma mulher que, finalmente, revelou o seu desejo. Kehl (1996) nos diz que “as mulheres já não sabem se fazer amar e os homens já não amam como antigamente” e o que está por trás destas constatações é, dentre outros fatores, a ameaça do desconhecido que emerge sempre que avançamos mais um pouco em direção a novos territórios.

“A própria psicanálise já nos ensinou que a cada barreira removida, a cada véu levantado, deparamo-nos não com um paraíso de conflitos resolvidos e sim com um campo minado ainda desconhecido.” (Kehl, 1996, p.23)

⁷ Ver análise de Rocha-Coutinho (1994) quanto ao papel de certa forma controlador da mulher brasileira nas relações familiares.

Em diversos trabalhos, Jablonski, assim como Spence et al. (1985), observa que nas últimas décadas têm ocorrido sucessivas revisões de posturas tradicionais, que tanto espelham quanto estimulam mudanças nas atitudes com relação aos papéis de gênero. Embora ainda se verifique a cristalização de alguns estereótipos a tendência geral é de flexibilização e mudança. Em estudo sobre a crise do casamento contemporâneo o autor faz uma análise das relações de poder entre mulheres e homens, bem como dos papéis assumidos desde a Antigüidade em diferentes culturas, sobretudo no Brasil desde o período colonial. Através de sua pesquisa, abrangendo indivíduos de classe média alta de diferentes faixas etárias e estados civis, o autor nos traz dados que contribuem para uma visão atualizada de como são vivenciadas as questões de gênero em nossa sociedade. Seus achados apontam para uma forte tendência ao igualitarismo, apesar da persistência concomitante de um sistema de crenças ainda marcado por estereótipos tradicionais e já ultrapassados em muitos aspectos, ao menos no discurso.

Igualmente, Nolasco (1993, 1995 e 1997) e Goldenberg (1991 e 1997) nos alertam para uma defasagem significativa entre atitudes conservadoras e comportamentos mais igualitários ou apenas “politicamente corretos”. Em estudo realizado sobre a identidade da amante do homem casado, Mirian Goldenberg destaca o fato de estar trabalhando com indivíduos que “compartilham um *ethos* vanguardista”, mesmo estando inseridos em uma cultura por eles próprios definida como “machista”. Ainda assim, segundo ela, a fala desses indivíduos deixa transparecer valores e crenças conflitantes com a atitude que pretendem adotar. Seus discursos revelam representações sobre *ser homem* e *ser mulher* indiscutivelmente marcadas pelo “machismo” que condena na mulher os mesmos comportamentos sexuais que são estimulados no homem.⁸

“A definição da identidade feminina em termos de sua relação com o homem — como esposa, mãe e filha — e da masculina em termos de sua ocupação e certos papéis ou *status*, naturalizando as diferenças entre mulheres e homens, aparece fortemente no discurso dos entrevistados.” (Goldenberg, 1997, p.125)

⁸ A questão também conhecida como *dupla moral sexual* surgirá em vários outros pontos deste trabalho.

Conforme assinalado, no Ocidente, durante muito tempo homens e mulheres viveram aprisionados por representações e papéis construídos para moldar *machos* e *fêmeas* de modo a adequá-los à vida social. Com o advento do feminismo e do movimento *gay*, dentre tantos outros fenômenos que tiveram profundas implicações sociais, assistimos a uma série de transformações nos papéis masculinos e femininos tradicionais, sem contudo espelhar transformações nas representações sociais propriamente ditas. Esta situação de contradição e antagonismo é tratada por Velho (1981) como um *dilema entre permanecer ou mudar* e por Figueira (1987) como um *desmapeamento*. O conflito gerado não é coisa simples de ser elaborada e, conforme constatamos em outro estudo (Wang, 2001), parece ser uma constante na vida de muitos homens. As incertezas que surgem numa era em que a pluralidade e a dispersão de sentidos balizam a construção de alternativas identitárias mais flexíveis, plurais e até voláteis são ao mesmo tempo promissoras e assustadoras. Mesmo que ainda transcorra algum tempo até que mulheres e homens possam usufrir integralmente de suas múltiplas potencialidades, acreditamos que sejam cada vez menores as chances de construirmos categorias totalizadoras que possam dar sentidos unitários e definitivos para masculino e feminino. Talvez resida justamente aí o fascínio de nos encontrarmos em eterno *devenir*, nascimento e morte, reconstrução permanente, a própria essência da vida.

3. Identidades masculinas: limites e possibilidades

“Definir é matar, sugerir é criar.”
S. Mallarmé

Como vimos no capítulo anterior, apesar das diferenças entre os sexos poderem ser interpretadas de variadas formas, dependendo da sociedade que se tome como referência, a diferenciação sexual parece ser um dado universal. Ao discorrer sobre a identidade masculina, Badinter (1992) nos diz que “as culturas evoluem lentamente e as mídias mais populares continuam a difundir estereótipos masculinos e femininos tradicionais”. Entretanto, a autora nos alerta para o fato de que não basta tomarmos conhecimento das explicações de cunho social, uma vez que “as resistências também são psicológicas e, desta forma, não aleatórias.” Sua argumentação parte do princípio de que a necessidade de uma pessoa se diferenciar do outro sexo é mais que apenas resultado de um processo de aprendizagem, é uma necessidade arcaica. Por isso, segundo ela, na maioria das sociedades, sexo e gênero são empregados como “o principal esquema cognitivo para compreender o ambiente”, sendo que as crianças utilizam-nos, sobretudo, para compreenderem a si próprias. “O ato de conhecer começa com a distinção e a classificação”, inicialmente de forma dual, de modo que, a criança aprende primeiro a separar pessoas e objetos em dois grandes grupos: os parecidos com ela e os outros, isto é, os diferentes dela ou, mesmo, seus opostos. Com o desenrolar do processo de socialização, a despeito do que sugere uma das possíveis leituras da psicanálise clássica, a criança pode distinguir meninos e meninas bem antes de conhecer suas diferenças genitais. Assim, Badinter (1992) nos lembra que nós nos definimos através dos processos de identificação e diferenciação, ou seja, nos reconhecemos através das semelhanças com algumas pessoas e das diferenças com outras.

Quanto ao termo *identidade de gênero*, é comum seu emprego para caracterizar os aspectos do eu que são relevantes à categoria gênero e que contribuem à consciência que um indivíduo tem do próprio sexo. Muito resumidamente, a identidade de gênero diz respeito, portanto, aos significados e traços que um indivíduo porta e associa como sendo masculinos ou femininos. No âmbito da psicologia social, como já dissemos, Spence (1985) propôs um modelo

de identidade de gênero que enfatiza a multidimensionalidade e a variação individual. De acordo com esta perspectiva, o sentimento típico de *ser* masculino ou feminina permanece constante, mas os traços e comportamentos que dão suporte à identidade construída podem variar muito entre diferentes sociedades, entre diferentes pessoas de uma mesma sociedade e em diferentes momentos da vida de uma mesma pessoa. Por esta razão, os termos *masculino* e *feminino* podem acionar um conjunto de representações socialmente acordado, mas a masculinidade e a feminilidade de cada um pode ser definida em termos mais variados e idiossincráticos.

Um tipo comum de abordagem sócio-psicológica considera o gênero como uma categoria de pertencimento a um grupo social, que se dá através de um processo de identificação, no qual um indivíduo cria ligações entre o *self* e uma ou mais pessoas. Assim, ao se identificar como homem ou mulher, o indivíduo não apenas se auto-identifica, como também se identifica com um grupo de pessoas que compartilham a mesma categoria de pertencimento e, presumivelmente, as mesmas características relevantes daquela categoria. Uma variante desta abordagem considera o gênero não como uma única categoria de pertencimento, mas, sim, como um conjunto de categorias. Nesta última perspectiva, o termo identidade de gênero é substituído pelo conceito de *identidades* de gênero, uma vez que diferentes características relacionadas a gênero engendram variadas representações e identificações masculinas e femininas num dado contexto social. Ou seja, traços de personalidade, atributos físicos, papéis sociais como maternidade e paternidade, orientação sexual, habilidades pessoais, escolhas profissionais, interesses recreacionais e esportivos, por exemplo, podem constituir diferentes formas de identificação social atreladas ao gênero (Deaux e LaFrance, 1998).

“Do ponto de vista social e político, não existe uma ideologia masculina absoluta e linear. (...) A representação masculina não constitui uma realidade separada do sujeito; é uma construção cultural cujo fundamento não é exclusivamente biológico e tampouco sua negação. As representações de homem e mulher enquanto categorias de análise são desenhadas de comum acordo com um sistema de crenças e expectativas.” (Nolasco, 2001, p.88)

3.1. Masculinidade: uma difícil construção

Vimos que a constituição biológica não é suficiente para explicar as diferenças entre os sexos e veremos aqui que ela também não é suficiente para promover a construção de um homem. No que tange a identidade masculina e as múltiplas variações que podem ser encontradas em diferentes culturas e épocas, o par de cromossomos XY não é suficiente para garantir o seu desenvolvimento e o menino terá que passar por difíceis etapas até se tornar um homem. Desde o momento de seu nascimento, até o desenvolvimento da identidade masculina propriamente dita, há um longo caminho a ser percorrido e este percurso “é semeado de emboscadas”, conforme apontado por Badinter (1992).

Embora insuficiente para explicar questões de ordem subjetiva, a genética é invocada pela autora para demonstrar que, ao contrário do que se pensava, a masculinidade é secundária à feminilidade. Até agora não foi contestada a tese de que as pessoas do sexo feminino são portadoras dos cromossomos XX e as do sexo masculino são portadoras de XY. Há diversas anomalias cromossômicas em que o X pode ser combinado de diversas formas, com ou sem o cromossomo Y, mas este nunca se manifesta desacompanhado daquele. O cromossomo Y, indispensável à determinação do sexo masculino, vem sempre, necessariamente, atrelado ao cromossomo X, que é a base para que se formem seres humanos de ambos os sexos. Além disso, nas primeiras semanas de gestação os embriões são anatomicamente indiferenciados e só mais tarde é que serão observados os efeitos masculinizantes do cromossomo Y. Com isso, temos o masculino como o segundo sexo e não o feminino. Deve-se acrescentar, ainda, que o cromossomo X pode ser recebido de ambos os progenitores, mas o Y é fornecido apenas pelo pai e embora sua presença seja necessária para gerar um menino, ela “está longe de ser suficiente para definir a identidade masculina,” pois não há nada de estritamente orgânico que possa garantir que uma pessoa do sexo masculino desenvolva a identidade correspondente. Há, porém, um fator biológico que pode, inclusive, tornar ainda mais complicada a aquisição da masculinidade por parte do menino: trata-se da relação de extrema intimidade e dependência da mãe durante os primeiros meses após seu nascimento.

“A formação do macho é comandada por um dado natural, universal e necessário: seu lugar de nascimento materno. Esta particularidade do menino — ou seja, ser

alimentado física e psiquicamente por uma pessoa do sexo oposto — determina seu destino de modo muito mais complexo e dramático do que o da menina.”
(Badinter, 1992, p.45)

Num sentido diferente do proposto por Freud, a origem biológica é retomada aqui como determinando, sim, o destino de pessoas de ambos os sexos. Ainda não se sabe o quanto a vida intra-uterina afeta a história psíquica do indivíduo adulto, mas já conhecemos algumas opiniões sobre a relação simbiótica que perdura entre o bebê e a mãe durante os primeiros meses após o parto. Resumiremos a seguir uma destas visões.

3.1.1. Uma visão psicanalítica acerca da masculinidade

Para falar sobre as dificuldades da construção da masculinidade tomaremos, inicialmente, como referência o conceito de *identidade de gênero* desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista Robert Stoller através do estudo de pacientes transexuais. Assim como Freud, este autor parte da exceção para chegar a uma regra geral, ou seja, através do estudo das patologias Stoller foi levado a uma compreensão do que seria a normalidade, neste caso, o desenvolvimento de uma identidade correspondente ao sexo biológico. O termo foi mais amplamente difundido a partir da publicação de *Sex and Gender*, em 1968, e se refere à masculinidade e à feminilidade de um indivíduo, significando que tanto uma como a outra estão sempre presentes em todas as pessoas, variando apenas em forma e grau. Suas pesquisas já contam com algumas décadas de vasta experiência clínica, que foi condensada em *Masculinidade e Feminilidade: Apresentações do Gênero*,¹ livro considerado pelo autor como apenas um capítulo em sua “contínua busca para compreender as origens, o desenvolvimento, a dinâmica e a patologia da identidade de gênero”.

Na esteira das transformações que tomaram conta do discurso acadêmico na segunda metade do século passado, brevemente indicadas no capítulo anterior, Stoller também toma por base a distinção entre sexo e gênero, relacionando o primeiro com a condição biológica de ser mulher ou homem e o segundo com o desenvolvimento das características comportamentais e caracteriológicas relativas à condição sexual. Apesar da masculinidade ser mais diretamente associada a

¹ Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1985 e no Brasil, em 1993.

peças do sexo masculino e a feminilidade a peças do sexo feminino, a identidade de gênero refere-se a qualquer qualidade humana que é sentida, por quem a possui, independente de sexo, como masculina ou feminina e está intimamente ligada à auto-percepção e às convicções de cada um. Estas convicções pessoais são constituídas pela combinação entre os fatores biológicos, a designação do sexo no momento do nascimento, os comportamentos e as atitudes dos pais, sobretudo durante a infância do indivíduo, corroborando ou não crenças e valores sociais vigentes, mas sempre engendrando fenômenos psíquicos específicos.

Tendo o *Complexo de Édipo*, a *angústia de castração* e a *inveja do pênis* como fundamentais ao desenvolvimento sexual infantil, a psicanálise clássica toma a *atividade* como qualidade principal, tanto de homens quanto de mulheres, entendendo a *passividade* como uma qualidade secundária (Freud, 1933). A precedência de uma qualidade sobre a outra não exclui, contudo, a noção de que ambas estão presentes em pessoas de quaisquer sexos, uma vez que, em 1905, Freud já afirmara a natureza bissexual de todo ser humano. Apesar do intenso temor à castração, segundo esta visão, o menino parece ter sido melhor aquinhado que a menina, uma vez que esta sequer tem um pênis a ser perdido — ela já nasceu castrada. Desde o nascimento, a posse do pênis dá ao menino a garantia de um primeiro amor heterossexual, mesmo que essa orientação não venha a se confirmar mais tarde, ao final de seu desenvolvimento. Contrariamente, a menina terá que lutar mais arduamente por sua heterossexualidade, uma vez que deverá substituir o amor que sente pela mãe, originariamente homossexual, pelo amor heterossexual ao pai, o que implicará em uma solução edípica bem mais complexa que a do menino.

Por diversos motivos, estas formulações freudianas deram origem a uma série de críticas por parte de diversos teóricos, feministas ou não, mas hoje a situação é bem diversa. Inúmeros psicanalistas voltaram seus estudos a fases anteriores do desenvolvimento psicosssexual humano. Enquanto Freud concentrou seus esforços no período edípico, hoje há um grande número de trabalhos relativos aos estágios pré-edípicos, valorizando a relação primeva da criança com sua mãe, que só mais tarde sofrerá a influência paterna. Robert Stoller é um desses psicanalistas e o conceito de *identidade de gênero*, como foi por ele elaborado, vai contra algumas premissas básicas da teoria freudiana. Assim, embora o primeiro

amor do menino seja de orientação heterossexual, não se pode negar que um estágio mais precoce de simbiose, no qual há uma total fusão com a mãe, pode ser um grande empecilho ao desenvolvimento de sua masculinidade, pois ao sentir-se como parte da mãe ele também sente-se como parte de sua feminilidade e identifica-se com ela. Ou seja, o estado simbiótico, que é uma vantagem para a menina, traduz-se numa clara desvantagem para o menino. A este respeito Stoller afirma que, “dependendo de como e com qual intensidade a mãe permite ao filho separar-se, esta fase de fusão com ela deixará efeitos residuais que podem ser expressos como distúrbios de masculinidade.”

Meninas também deverão separar-se de suas mães, entretanto, para elas, separar-se da mãe não implica em desfazer-se de sua feminilidade. Pelo contrário, desde cedo ela já está identificada com uma pessoa do mesmo sexo e, mesmo que haja um núcleo potencialmente homossexual, sua feminilidade não corre maiores riscos. Ao que parece, o estágio de *protofeminilidade* coloca o menino em maiores dificuldades quanto ao desenvolvimento de sua masculinidade e, para que possa mais tarde sofrer os efeitos esperados do Édipo, será necessário que já tenha se separado suficientemente de sua mãe. A confirmação de sua identidade masculina vai precisar, portanto, de um esforço anterior de reconhecimento da mãe como uma pessoa separada de si e pertencente a um sexo diferente do seu. “Quanto mais longa, mais íntima, mais mutuamente prazerosa for a simbiose mãe-bebê, maior será a probabilidade do menino se tornar feminino” e cabe ao pai pôr fim a este estágio fusional, promovendo uma ruptura tanto qualitativa quanto quantitativa, de modo que o bebê-menino possa diferenciar-se da mãe, pois só assim ele poderá vir a se identificar com o pai e desejar ter uma mulher, ao invés de desejar *ser* uma mulher.

Não resta dúvida de que o sucesso da empreitada paterna depende de como a mãe reage à interferência do pai em sua relação com a criança, o que, por sua vez, está associado a vários outros aspectos. Dentre eles destacam-se a dinâmica estabelecida entre o casal parental, isto é, a forma como o pai se coloca, como homem, em relação à mãe da criança e a forma como a mãe responde a isso; o lugar que ela reservou para o filho em sua vida; a maneira como lida com sua sexualidade e com sua própria identidade feminina, enfim. Vale lembrar que isso tudo está relacionado à história pessoal de cada um dos pais, cada qual inserida

em um contexto sócio-cultural particular, constituído de normas, crenças e valores que definem ideais específicos de masculinidade e feminilidade.

Considerando que a intervenção paterna seja bem sucedida, para que a masculinidade se desenvolva, o menino precisará, ainda assim, construir “barreiras intrapsíquicas” que o afastem do desejo de completude através da simbiose com a mãe. A partir de então, ele tentará desenvolver e preservar sua masculinidade, que será marcada por um conjunto de fantasias que constituirão uma espécie de *ansiedade de simbiose*² (Stoller, 1985).

Com o passar dos anos o menino incorporará uma série de refinamentos ao “estilo de masculinidade” que desempenhará na vida adulta. Vivências gratificantes, traumáticas ou conflitivas influirão em sua identidade de gênero até uma idade avançada, mas apenas delineando os contornos mais ou menos sutis dos fundamentos que foram precocemente estabelecidos pelos conflitos pré-verbais e edípicos. A masculinidade será moldada também através de “sistemas complexos de recompensa e castigo”, nos quais prescrições, proibições, ameaças e comunicações dúbias, quando ocorrerem, serão interpretadas e absorvidas pelo menino em diferentes estágios de maturidade.

As exigências culturais se manifestarão através dos discursos e comportamentos de pais, irmãos, demais familiares, professores e também figuras públicas que costumam estar em evidência em programas de televisão, por exemplo. Cabe lembrar, ainda, que os estereótipos de gênero estarão presentes durante todo o tempo que durar o processo de socialização do menino, na forma como os adultos interagirão com ele, no tom e no timbre de voz que empregarem quando se dirigirem a ele, na forma de falar, nas expressões utilizadas, nos tipos de brincadeiras, jogos e estimulações que promoverem, nos modelos e cores das roupas que lhe serão vestidas, enfim. Em cada gesto, em cada palavra e em cada olhar a ele direcionado estará sempre implícito aquilo que se espera dele e do

² A *ansiedade de simbiose* foi também verificada em estudo etnográfico realizado em meados da década de 70, através da observação dos costumes dos Sâmbia, uma tribo isolada de guerreiros, caçadores e horticultores, que habitam o leste da Nova Guiné. Nesta cultura, as mulheres são vistas como ameaçadoras à masculinidade, seja pelo poder contaminador de seus fluidos, seja pelo contato sexual que enfraquece os homens. Os meninos têm ligação estreita com suas mães até aproximadamente os dez anos, idade em que são drasticamente delas separados. Durante os dez anos seguintes, serão submetidos a uma série de rituais que visam expurgar qualquer traço de feminilidade e garantir a entrada no mundo masculino. Ao que parece, “os homens consideram mais incerto que eles próprios atinjam a competência adulta do que as mulheres”, conclui Stoller (1985).

projeto de masculinidade que lhe foi “destinado” e que deverá ser concluído dentro de menos tempo do que talvez ele possa desejar.

As formulações de Stoller (1985) sugerem que os diferentes significados que serão construídos pelo menino, a partir de tais experiências, estarão sempre, de uma forma ou de outra, remetidos à *ansiedade de simbiose*, que é apontada como sendo a principal responsável pelas representações estereotipadas do comportamento masculino. Assim, o comportamento que as sociedades ocidentais, em geral, definem como sendo masculino é pautado por “manobras defensivas” que buscam evitar o desejo de simbiose e, portanto, o retorno ao estágio de *protofeminilidade*.

“A beligerância do macho que degrada as mulheres faz com que muitos homens temam a ternura e a intimidade e contribui, em minha opinião, para que as perversões sejam mais comuns nos homens do que nas mulheres. Eu atribuo estas diferenças sexuais não apenas ao cérebro e aos hormônios, mas à necessidade dos homens de constante vigilância contra um anseio inaceitável de voltar à fusão da simbiose.” (Stoller, 1993 [1985], p.34)

Este argumento tem sido abraçado por alguns estudiosos de gênero que explicam a agressividade masculina, o medo de intimidade e a homofobia como tentativas desesperadas de garantir a masculinidade tão arduamente conquistada. As defesas masculinas, freqüentemente inconscientes, incluem o medo de manifestar e desta forma revelar a posse de atributos femininos físicos e/ou emocionais, como ausência de pêlos, voz aguda, sentimentos de ternura, expressão desinibida de afetos, medo da intimidade, inveja e conseqüente menosprezo e agressividade em relação às mulheres, desejo de cuidar e envolver os outros, mas, sobretudo, medo de ser desejado e de desejar outro homem. Ou seja, a idéia de que ser homem é antes de tudo não ser mulher, nem homossexual parece ter sido amplamente disseminada (Nolasco, 1988; Badinter, 1992; Giddens, 1992; DaMatta, 1997).

“Sendo assim, seja áspero, beligerante, abuse e fetichize as mulheres; seja amigo apenas dos homens, mas também odeie os homossexuais; fale palavrões; despreze as atividades femininas.” (Stoller, 1993 [1985], p.243)

3.1.2. Algumas considerações sobre o “problema” da simbiose

Como vimos, se as primeiras formulações psicanalíticas levantaram dificuldades quanto ao desenvolvimento da heterossexualidade feminina, acréscimos posteriores, como os de Robert Stoller, evidenciaram as dificuldades do desenvolvimento da identidade masculina. Uma pessoa do sexo feminino pode, desde o nascimento, identificar-se com a mãe, desenvolver uma identidade feminina e, mais tarde, adotar uma orientação homossexual. Porém, jamais existirá um homem, qualquer que seja sua orientação sexual, se não houver a construção de uma identidade masculina. Se antes pensava-se a feminilidade como problemática, hoje a masculinidade é que tem sido abordada desta forma, pois, ao contrário do que se pensava, a construção masculina envolve fatores psíquicos e sociais talvez bem mais complexos do que a própria diferenciação genética.

“A masculinidade nos homens não é simplesmente um estado natural que precisa apenas ser preservado para desenvolver-se sadiamente [como pensava Freud]; ao contrário, ela é uma conquista.” (Stoller, 1993 [1985], p.37)

Gostaríamos, então, de sugerir que esta nova forma de abordar o desenvolvimento da feminilidade e da masculinidade pode ser mais um indício do fim da lógica patriarcal, ao menos no discurso acadêmico. Um *zeitgeist* que privilegiou as diferenças e abriu caminho para a valorização do feminino, parece ser bastante favorável a novas construções teóricas que retirem o homem do pedestal em que, durante milênios, esteve ancorado e desloquem as luzes para explicações que enalteçam, de uma forma ou de outra, a mulher e a feminilidade. É neste cenário que surgem trabalhos como os de Nancy Chodorow (1978), por exemplo, que afirma ser a relação da mãe com o bebê-menina mais favorável ao seu desenvolvimento do que com o bebê-menino.

Todavia, é preciso notar que apesar da análise das relações pré-edipianas ressaltar a importância da maternagem e apontar uma possível causa para as dificuldades relacionadas ao desenvolvimento da masculinidade, ela não deve e não pode servir para argumentações que busquem um revide, mais ou menos explícito, de algumas mulheres contra os homens. Isto se deve ao fato de que, ao tentar compreender a problemática masculina, mesmo sob este enfoque, não podemos nos furtar à constatação da tremenda importância do princípio masculino

no desenvolvimento infantil. Diante do monopólio materno sobre o bebê, o papel do pai surge como ainda mais fundamental, uma vez que se evidencia como indispensável à separação, caso contrário fica comprometido o desenvolvimento da subjetividade da criança, qualquer que seja seu sexo biológico. Ou seja, a simbiose e a maternagem são tão necessárias quanto a separação e a paternagem, não havendo, portanto, razão para se privilegiar um aspecto em detrimento do outro. Mais ainda, a simbiose e a maternagem não dizem respeito exclusivamente à mãe, assim como a separação e a paternagem não precisam ser exercidas exclusivamente pelo pai.

Neste sentido, é importante trazer novamente à discussão as contribuições de Elizabeth Badinter quanto ao que ela denominou *mito do amor materno*, amplamente difundido na cultura patriarcal ocidental como forma de manter a mulher afastada da esfera pública. Alienante e culpabilizante para as mulheres e devastador para as crianças, especialmente para os meninos, este mito postula que a mãe é a única pessoa instintivamente capaz de cuidar do bebê recém-nascido porque foi biologicamente determinada para tal. A autora nos diz que

“O amor materno é infinitamente complexo e imperfeito. Longe de ser um instinto, ele é condicionado por tantos fatores independentes da ‘boa natureza’ ou da ‘boa vontade’ da mãe que é preciso um pequeno milagre para que este amor seja assim como nos é descrito. (...) A boa maternidade é uma missão quase impossível, que prova – como se ainda houvesse necessidade – que não há instinto nesses assuntos.” (Badinter, 1992, p.67)

A “boa maternagem”, no caso dos filhos homens, seria aquela na qual a mãe guarda a distância necessária, a “boa distância”, de modo a propiciar o desenvolvimento de sua masculinidade — nem muito distante para não lhe parecer ausente, nem muito próxima para não lhe sufocar. A “boa distância” é, em outras palavras, aquela que garante ao mesmo tempo o sentimento de segurança e o desejo de independência. Se não permitir a separação, a mãe “pesará” sobre seu filho e ele tenderá a temer as mulheres, fugirá delas ou reagirá de forma a oprimi-las. Mas antes que as mulheres sejam acusadas de seu próprio sofrimento por engendrarem “filhos sexistas”, Badinter (1992) conclama todas as mães a colocarem um fim à exclusividade materna nos cuidados com a prole, de modo a romper com o que chamou de um “círculo vicioso”.

A crença de um amor instintivo que une a mãe ao “seu” bebê legitima a exclusão do pai e reforça o caráter de aparente intransponibilidade da simbiose que se estabelece entre eles. Durante um bom tempo, alguns psicanalistas da escola inglesa contribuíram, direta ou indiretamente, para a manutenção deste mito. Atualmente, a maternagem já não é mais vista como papel inerente à mulher e entende-se que ela pode ser exercida por qualquer pessoa que tenha disponibilidade afetiva para tal (Badinter, 1992). Da mesma forma, o papel do pai tem sido interpretado pelos lacanianos, por exemplo, como uma função, que é exercida primariamente pela mãe, quando esta ocupou de antemão seu lugar de sujeito desejante. Se a mãe não direciona seu desejo exclusivamente à criança, o princípio masculino pode ser desempenhado também por ela e não exclusivamente pelo pai ou outra pessoa do sexo masculino. É importante ressaltar que isso não elimina, no entanto, a necessidade de uma figura masculina com a qual o menino possa se identificar. Mas, assim como já não faz sentido reduzir o pai exclusivamente à lei, à razão e ao princípio de realidade, também já não cabe mais pensar que à mãe compete apenas o princípio do prazer. A rigidez de posições que limitam mulheres e homens, respectivamente, aos universos privado e público combina bem com a lógica patriarcal, mas aos olhares mais atualizados e, portanto, menos tradicionais, este tipo de prescrição parece no mínimo anacrônica. Hoje em dia, sabe-se que pai e mãe devem igualmente ser referências tanto de amor como de limite. Em função disso, os pais têm sido cada vez mais convocados a participar de modo mais efetivo nos cuidados com os filhos, embora haja dúvidas com relação a quantos deles têm comparecido, de uma forma ou de outra.

Por fim, mas não menos importante, gostaríamos de propor uma segunda alternativa para a abordagem da feminilidade originária, que foi concebida por Stoller (1985) como uma desvantagem para os meninos, quando, na verdade, ela é muito importante para todas as crianças em geral. Os laços que unem o bebê à mãe, ou a quem quer que seja a pessoa que dele se ocupa de forma zelosa e amorosa, são a origem dos sentimentos de proteção e ternura essenciais ao desenvolvimento humano (Badinter, 1992). A qualidade dos cuidados recebidos desde o nascimento é fundamental para o desenvolvimento da auto-estima, da auto-confiança, do sentimento de não estar só, de sentir-se amparado e de tudo que pode, enfim, contribuir para que se tenha a angústia existencial reduzida e a

capacidade de enfrentar a vida ampliada. Estes sentimentos podem, inclusive, ajudar o menino a suportar melhor a própria *ansiedade de castração* que será mais tarde promovida pelo *Complexo de Édipo*. Além disso, uma experiência prazerosa de feminilidade originária poderá repercutir de forma igualmente benéfica no estabelecimento das demais relações ao longo de toda a vida. Em outras palavras, se a simbiose pode, por um lado, apresentar-se como problemática ao desenvolvimento da masculinidade, por outro, vencidas as barreiras iniciais, ela pode revelar-se como uma matriz profícua de sentimentos que farão parte dos relacionamentos do homem adulto.

Como última conjectura acrescentamos ainda a proposição de que o caráter problemático que é atribuído à *protofeminilidade* para o desenvolvimento da masculinidade, só tem razão de ser quando o modelo de masculinidade culturalmente disponível — e que é inescapavelmente tomado como premissa de análise — exclui qualquer traço de feminilidade. Dito de outra forma, um modelo pluralista de gênero, bastante menos estereotipado, que não vetasse ao homem a comunhão de uma “porção feminina” com uma “porção masculina” talvez desse origem a outros desdobramentos teóricos. Numa cultura menos afeita a distinguir mulheres e homens, masculino e feminino, a *ansiedade de simbiose*, por exemplo, perderia parte de sua força, senão toda, na construção de uma identidade masculina.

3.1.3. A socialização estereotipada dos meninos

Abordamos algumas questões acerca da construção psíquica da masculinidade, mas como esta se encontra sempre inserida num contexto social, veremos agora como se dá o processo de socialização através do qual o menino será transformado em um homem adulto. Este processo contará com a participação ativa de todos aqueles que lidam direta ou indiretamente com ele e será responsável por sua aproximação com os ideais culturais da sociedade da qual faz parte. Estes ideais definem papéis, prescrevem padrões e normas de comportamento que fazem parte de um sistema de crenças que será lenta e continuamente apresentado ao menino.

Forte, confiante, ativo, destemido, determinado, realizador, independente, objetivo, pragmático, racional, emocionalmente equilibrado, profissionalmente competente, financeiramente bem sucedido e sexualmente arrasador são algumas

das descrições pertinentes a um modelo ideal de masculinidade. A esta lista podem ser acrescidos outros adjetivos de conotação mais pejorativa como frio, insensível, agressivo, arrogante, dominador, autoritário, violento e opressor. Sabe-se que uma mulher também pode ser tudo isso, mas durante o patriarcado estas características foram consideradas inerentes à “natureza” masculina e até hoje os estereótipos de gênero têm forte influência no cotidiano de muitos homens e mulheres. Inicialmente, a influência destes estereótipos se faz presente na socialização do menino através da relação com os pais. Mais tarde, à medida que travar contato com outros membros da comunidade, novas representações poderão ser acrescentadas, enquanto outras serão reforçadas.

“Os homens, ainda hoje, trazem uma consciência sobre eles mesmos produzida por conceitos vagos de autoridade e tradição como referência para definirem o masculino.” (Nolasco, 1993, p.32)

Na relação com os pais os estereótipos de gênero serão mais ou menos evidenciados não apenas através da maneira como o menino é educado, mas, sobretudo, através de como estes estereótipos são vivenciados pelos próprios pais. Assim, o “tipo de homem” que é o pai e o “tipo de mulher” que é a mãe revelam, de forma mais silenciosa e menos óbvia, modelos de masculinidade e feminilidade que terão papel fundamental no seu desenvolvimento. As histórias pessoais dos pais, para além dos contextos familiares de origem, também foram atravessadas pelas representações de mulher e de homem vigentes à época do desenvolvimento de suas próprias identidades. Podemos dizer, então, que há uma espécie de superposição do contexto sócio-histórico em que cresceram os pais com aquele no qual o menino é socializado, enfatizando determinadas crenças sobre gênero. A visão de mundo que será paulatinamente construída pelo menino levará também em consideração a observação da dinâmica estabelecida entre o casal parental. A crença na superioridade masculina, por exemplo, pode ter raízes na forma como seus pais interagem e nos papéis que assumem em relação um ao outro (Nolasco, 1993).

Os próprios modelos de paternidade e maternidade têm influência sobre a relação que se estabelece entre pais e filho. Esta relação — antes, durante e depois da fase edípica — se dá sempre dentro de um contexto social mais amplo que, além de inúmeras conseqüências psíquicas, vai deixar suas marcas na

subjetividade masculina que está em construção. A própria ausência paterna, tão criticada atualmente, pode ser considerada fruto de uma ideologia que excluiu, durante muito tempo, o homem da vida privada. Os mesmos ideais que limitavam a mulher ao espaço doméstico, restringiam o homem ao espaço público. Além disso, ou justamente por isso, a ausência do pai pode ser estimulada, consciente ou inconscientemente, pelo desejo da mãe “ter” o filho só para si, de modo a manter o máximo controle possível sobre o território que lhe foi instituído (Badinter, 1992; Rocha-Coutinho, 1994; Burdon, 1998).

Seja como for, todo menino passará por um longo período durante o qual será submetido ao aprendizado do que se espera dele como um representante do sexo masculino. Ele será apresentado aos significados culturais, mais ou menos estereotipados, que são vinculados à sua constituição anatômica e terá sua vida radicalmente modificada. Não resta dúvida de que há inúmeros fatores que contribuem para que ocorram variações no plano individual, mas alguns pontos deste processo são comuns mesmo quando se observam culturas bastante distintas.

Nos últimos quatro milênios, a masculinidade nunca pôde ser dissociada da noção de virilidade e diversas “pedagogias” foram criadas para transformar um menino fisicamente fraco e indefeso em um homem forte, corajoso e independente. Os ritos de iniciação de diferentes sociedades tribais como os Sâmbia, Kikuyo, Baruya, Amkara e Masai, dentre outras, servem como exemplo extremo de como a socialização dos meninos pode chegar a elevadíssimos níveis de crueldade. Estes rituais têm por princípio impedir qualquer contato com a mãe e com o universo feminino, de modo a possibilitar a inserção gradativa no mundo dos homens. Além da dor psíquica pelo afastamento forçado, será necessário o convívio diário com práticas frequentemente brutais e a necessidade de superação também do sofrimento físico, de preferência sem que haja qualquer manifestação de medo ou de dor, uma vez que a fragilidade emocional e física são características reservadas apenas às mulheres (Stoller, 1985; Badinter, 1992; Nolasco, 2001).

Observa-se que a máxima “menino não chora” parece ser uma constante quando se tem por propósito a construção de um homem destemido e capaz de enfrentar as inúmeras dificuldades que envolvem a necessidade de provimento e proteção da família ou da comunidade em termos mais gerais. Talvez esta seja a

razão pela qual, nas palavras de Badinter (1992), “ainda existem relíquias desses ritos de iniciação masculina em algumas unidades militares.” Como nos informa a autora, o treinamento dos *marines* norte-americanos, por exemplo, tem como lema a idéia de que, para criar um grupo de guerreiros “matadores”, é necessário “matar a mulher que há neles.”

“Os recrutas são submetidos a um regime que muita gente, ainda hoje, considera desumano: disciplina de ferro, conformismo extremo, treinamento físico estafante, zombarias e humilhações dirigidas aos novos recrutas, que mal conseguem dormir e comer. Tratados como ‘estúpidos’ e ‘maricas’, eles são obrigados a sofrer inúmeros trotes sem reclamar. Estas são as condições para o nascimento de um novo homem, um homem de verdade, livre de toda contaminação feminina.” (Badinter, 1993 [1992], p.78)

Mas não é preciso integrar as forças armadas de um país que tem especial atração pela guerra para estar sujeito às atrocidades de um treinamento que pode levar um soldado à morte mesmo em tempos de paz. No Brasil, por exemplo, um país de ideais reconhecidamente pacifistas, ainda somos surpreendidos por notícias de jovens que não resistiram a determinadas atividades de preparação para possíveis situações de confronto e/ou de sobrevivência em lugares inóspitos, sem acesso à comida e água potável, por exemplo. Só no último ano, um recruta do exército brasileiro, outro do corpo de fuzileiros navais e um soldado de um grupo especial da polícia militar do Estado do Rio de Janeiro morreram durante, ou logo após, “treinamentos de rotina” oficialmente instituídos nestas corporações. Entretanto, segundo o que nos diz Nolasco (1993), estes acontecimentos não deveriam gerar surpresa alguma, pois “no decorrer da história humana o imaginário masculino tem se identificado mais com os exemplos de figuras autoritárias e controladoras do que com as moderadoras e pacifistas.”

O modelo de virilidade que imperava inquestionável até bem pouco tempo deu origem, portanto, a um processo de socialização opressivo e estereotipado no qual “ser homem ficou limitado a ser macho” e, para atingir o ideal de “macheza” socialmente prescrito, o menino precisará ignorar suas necessidades afetivas. Ou seja, aprenderá desde cedo a desvalorizar aquilo que sente e a ignorar seus desejos mais íntimos.

“Um menino cresce ignorando as sensações que brotam do próprio corpo, distanciando-se da possibilidade de formar uma visão particular sobre ele mesmo.

Assim, ele é conduzido pela sedução viril da família e da escola por sobre sucessivos estereótipos machistas. Desta forma, eles são mantidos alheios aos afetos que os mobilizam e, portanto, embotam a sensibilidade que lhes é característica. Um menino educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carcereiro.” (Nolasco, 1993, p.47)

Os meninos crescem estimulados a ser livres e independentes, a contar vantagens e alardear seus méritos, desenvolvendo o senso de competitividade como uma das principais características à sobrevivência na vida adulta. A preocupação com desempenho será uma constante ao longo de toda a vida e os meninos são, desde cedo, incentivados a participar de atividades e jogos nos quais só há duas possibilidades: perder ou vencer. É como se não existisse o prazer pelo jogo em si, independentemente de seus resultados. O perdedor é invariavelmente ridicularizado e o vencedor é enaltecido e festejado, já que esta é a lógica masculina tão freqüentemente observada na esfera pública, cujos ideais foram intensamente reforçados pelos valores do capitalismo liberal. Na disputa por trabalho, mesmo em tempos de estabilidade econômica, a competitividade é indispensável, pois não é fácil garantir um lugar ao sol e, menos ainda, fazer com que ele brilhe mais para si do que para os outros. O trabalho é a principal maneira de inserção no mundo público e, portanto, um dos pilares sobre o qual se ergue a identidade masculina tradicional, uma vez que é através do sucesso profissional que um homem será socialmente reconhecido como tal. Talvez não seja demasiado supor que, em alguns casos, por ser tão central à vida do homem, a realização profissional pode ser até mesmo confundida com realização pessoal.

Para ter sucesso no mundo público o homem tem que ser racional, objetivo, prático e pragmático, tem que ter o total controle de suas emoções para que possa tomar as decisões “corretas”. Muitas vezes é preciso que tenha “sangue frio” e coragem para prosseguir adiante em situações em que, no seu íntimo, talvez preferisse recuar. Como no mundo do trabalho não há lugar para “sentimentalismos”, aprender desde pequeno a não chorar faz parte do processo de construção de um homem que não se abala por “qualquer” motivo. Quando se machuca durante uma partida de futebol com os colegas o menino tem que agüentar firme. Da mesma forma, quando apanha dos garotos maiores, não pode “correr para baixo da saia da mãe”, sob pena de ser ridicularizado e tomado por “bicha” ou “bebezinho”. A este respeito Elisabeth Badinter nos diz que

“o menino só pode existir opondo-se à sua mãe, à sua feminidade, à sua condição de bebê passivo. Por três vezes, para afirmar uma identidade masculina, deve convencer-se *e aos outros*³ de que não é uma mulher, não é um bebê e não é um homossexual.” (Badinter, 1992, p.34)

O reconhecimento público da masculinidade está atrelado à necessidade interna de sentir e agir como homem, o que implica uma série de cuidados específicos a começar pelo controle das emoções e do próprio corpo. Todo o gestual masculino tem que ser ajustado a parâmetros rigidamente estabelecidos, pois para construir o que se convencionou chamar um *homem de verdade* é preciso, antes de tudo, garantir que ele seja *macho*. Ordens do tipo “para de chorar e fala que nem homem, rapaz!”, “para de rebolar e anda direito, menino!”, “medo é coisa de mulherzinha” e expressões afins indicam que a virilidade que se espera de um homem não vem pronta e precisa ser arduamente conquistada. Justifica-se, assim, a permanente preocupação do homem também com a *performance* sexual, de modo a jamais perder a oportunidade de reafirmar sua virilidade, segundo uma tradição cultural que fez do pênis uma importante referência da dominação masculina.⁴

Levado ao extremo, o controle emocional e corporal culmina numa espécie de embotamento afetivo que restringe as inúmeras possibilidades de prazer masculino ao órgão sexual e, por esta razão, a sexualidade masculina sofre também um processo de empobrecimento. O auto-controle traça o caminho inverso do auto-conhecimento e o homem fica à mercê do desconhecimento de si próprio, atribuindo ao pênis toda a responsabilidade pela obtenção de satisfação. Decorre daí a freqüente obsessão com relação às suas medidas, bem como com relação à quantidade e à qualidade de suas ereções (Nolasco, 1988 e 1993; Giddens, 1992; Betcher e Pollack, 1993; DaMatta, 1997; Veiga, 1997).

Não restam dúvidas de que o ideal patriarcal somado à lógica capitalista teve uma influência funesta sobre o modelo ocidental de masculinidade (Coontz, 1992). Por esta razão, um desempenho profissional e sexual se tornaram as principais referências para a construção do modelo de comportamento masculino e, com isso, limitam as possibilidades de realização na vida de um homem, em

³ Grifo nosso.

⁴ A supervalorização do *falo* pela cultura ocidental gerou como consequência uma série de outras dificuldades para o homem *estar no mundo*, como resultado de uma lógica conhecida como *falocracia* (Falconnet e Lefaucheur, 1975).

muitos casos, à esfera do trabalho, ao acúmulo de dinheiro e patrimônio, ao desenvolvimento intelectual voltado principalmente para o aprimoramento profissional e a uma vida sexual tão intensa quanto possível. Desempenho profissional ou sexual pouco satisfatório constitui fracasso difícil de ser elaborado, reforçando ainda mais a carga dos estereótipos sobre aquele que se torna vítima desta ou daquela vergonha. A conjunção destes fatores pode levar o homem a ter a violência como principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia. “Autorizado a usar a força física para dar prova de virilidade, o sujeito se predispõe a usá-la quando se vê envolvido em situações em que não se sente reconhecido como homem,” nos informa Nolasco (2001). Uma vez aprendida a lição, o menino que já não chora, bate.

Entretanto, a agressividade é uma qualidade inerente ao ser humano, independente de sexo ou idade, o que significa, portanto, que não é exclusividade natural dos homens, como pode ser indiscriminadamente sugerido. Por diversas razões eles são levados a comportamentos violentos como uma válvula de escape, por exemplo, para emoções que tiveram que ser represadas desde estágios muito precoces. Para Betcher e Pollack (1993), que reinterpretaram o mito edipiano e elaboraram a problemática masculina como sendo oriunda do que chamaram *complexo de Laio*, a agressividade masculina remete diretamente a uma relação insatisfatória entre pai e filho. Para Stoller (1985) e Badinter (1986 e 1992), ela é, quando direcionada exclusivamente às mulheres, resultado de uma reação inconsciente ao desejo frustrado de retorno à simbiose materna e à feminilidade originária. Mas, qualquer que seja o argumento, ele não serve para isentar os homens de suas responsabilidades, mesmo sendo um argumento que defenda a primazia hormonal sobre o comportamento humano, que teria, neste caso, a testosterona como principal determinante da agressividade masculina.

É preciso lembrar ainda que a agressividade masculina não se expressa apenas sob a forma de violência física. Comportamentos agressivos como o autoritarismo, a ironia e o desrespeito às necessidades alheias, por exemplo, podem ser exercidos em diferentes modalidades de interação social, constituindo fonte de insucesso na esfera pessoal, que tenderá a ser sistematicamente desconsiderada pelos seus agentes.

“Quando um menino nasce, o modelo de comportamento do macho é sua referência. Este processo começa com mecanismos de negação e desvalorização de toda e qualquer demanda afetiva que porventura um menino tenha. Em contrapartida, a valorização de respostas objetivas diante da vida faz com que ele aprenda como deve colocar-se diante das exigências sociais, mantendo frente a elas uma atitude de senhorilidade e força.” (Nolasco, 1993, p.47)

Assim, o modelo de masculinidade que se define meramente em termos de uma virilidade limitada, empobrecida e que, além de tudo, é associada a características como autoritarismo, dominação e opressão costuma ser alvo de freqüentes ataques. Ele é “fonte de alienação para os homens e de desentendimento com as mulheres” e vem sendo progressivamente questionado e repensado nos últimos anos. Por esta razão, o célebre enunciado de Simone de Beauvoir tem sido regularmente adaptado por diferentes autores para descrever a compreensão que se tem hoje acerca da masculinidade: “o homem não nasce homem, ele se torna homem.” Como nos diz Badinter (1992) “se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar.” Como não é um dado meramente biológico ela pode ser socialmente reconstruída, ou seja, talvez a biologia não seja realmente o destino, mas a forma como lidamos com ela, definitivamente, o é.

3.2. Crise masculina: perigo ou oportunidade?

O processo de industrialização iniciado na Inglaterra em meados do século XVIII promoveu uma drástica transformação não só nos meios de produção, mas também em diversos aspectos da vida de homens e mulheres. A urbanização e a demanda por mão-de-obra, retirou as famílias do campo e trouxe-as para as cidades que começavam a se estruturar em função da produção industrial. Até então, cada família se organizava, sobretudo, como unidade econômica na qual todos os seus membros participavam, de uma forma ou de outra, da produção da sobrevivência de todo o grupo familiar. Em termos sócio-econômicos, com o deslocamento do trabalho para fora do espaço familiar, a família foi deixando de ser uma unidade de produção para se tornar uma unidade de consumo e, apesar da mão-de-obra feminina e infantil ter sido empregada num primeiro momento, o trabalho fabril era preponderantemente masculino. Como resultado, efetivou-se, mais uma vez e talvez com ainda mais nitidez, uma divisão sexual do trabalho e a cisão entre os espaços público e privado, cabendo o primeiro aos homens e o

segundo às mulheres. Em virtude desta segmentação, as representações de feminilidade e masculinidade, como tradicionalmente as conhecíamos estiveram durante muito tempo remetidas, direta e exclusivamente, a estas duas esferas da vida. Até o advento das primeiras conquistas feministas, a concepção de mulher que reinava soberana no imaginário social estava vinculada à maternidade, aos afazeres domésticos e ao cumprimento do “papel de esposa” no que concerne a satisfação das necessidades sexuais do marido. Por seu turno, a masculinidade era, até bem pouco tempo atrás, indissociável da imagem do homem provedor e protetor da família. Os meninos cresciam sabendo que deveriam tornar-se fortes, independentes e financeiramente bem sucedidos, de modo a promover o conforto material de suas futuras famílias; o desenvolvimento das habilidades necessárias ao conforto emocional ficava a cargo das meninas (Shoumatoff, 1985; Badinter, 1986; Jablonski, 1991).

Como tem sido amplamente constatado, hoje, a situação é bem diferente. Poucos são os homens que conseguem se manter no lugar de provedor exclusivo da família, que via de regra não pode abrir mão do salário da mulher para custear, em alguns casos, boa parte das despesas com escola, planos de saúde, supermercado ou outros itens do orçamento doméstico. No trabalho, freqüentemente, o homem tem que disputar com mulheres que podem desempenhar as mesmas tarefas e funções tão bem ou até melhor do que ele. Mas, além disso, sexualmente a mulher deixou de ser apenas objeto da satisfação masculina e agora exige o direito ao gozo; ela não se limita a dar prazer ao homem, pois também quer ser satisfeita. Temos aqui enunciados, então, dois aspectos cruciais sobre os quais se apoiava a concepção patriarcal de masculinidade e que se encontram fortemente abalados: trabalho e sexo (Nolasco, 1993). Inúmeros casos de disfunção sexual masculina, dentre os quais figuram, principalmente, a impotência e a ejaculação precoce, têm sido justificados como conseqüência do medo que a *nova mulher* está causando nos homens que insistem em permanecer *antigos* ou que ainda não sabem qual a melhor forma de se *modernizar* (Barasch, 1997; Kehl, 1998; Gratch, 2001; Diehl, 2002). Mas, restringir o fenômeno que alguns autores denominaram *crise de masculinidade* ao exame apenas das transformações resultantes do feminismo parece insuficiente, uma vez que estamos todos vivendo uma redefinição do próprio sentido de identidade, como resultado de uma “radicalização do individualismo” que nos

desafia com subjetividades cada vez mais voláteis e instáveis (Sennett, 1974; Nolasco, 1993 e 2001; Bauman, 1997 e 2000).

Indiscutivelmente, o feminismo colocou em pauta uma série de questões fundamentais à revisão dos papéis de gênero e às relações de poder que se estabeleceram entre os sexos durante toda a vigência do patriarcado. O movimento *gay* também tem contribuído enormemente para a quebra de estereótipos que não nos servem mais, sejamos mulheres, homens, hetero ou homossexuais. Ou seja, pode-se dizer resumidamente que, a crítica ao que ficou conhecido como *falocracia* teve caráter determinante na redefinição de papéis sociais até então rigidamente definidos e, atualmente, já bem mais flexibilizados, mas a problemática masculina, juntamente com as questões das ditas minorias, está inserida em um contexto social bem mais amplo que espelha um quadro geral de incertezas, no qual, segundo Sennett (1974), a esfera pública entrou em declínio como decorrência de uma supervalorização da vida privada e da intimidade. Conforme nos lembra Ramos (2000), a crise masculina talvez não seja um fenômeno isolado, pois, ao que parece, estar em crise é um estado típico da contemporaneidade. Mas será que atravessar períodos de crise não faz parte da própria construção da história da humanidade? Momentos de grandes rupturas são sempre portadores de muitas dúvidas e não são vividos sem que sejam suscitados sentimentos de insegurança e ansiedade. No entanto, são estes períodos que nos permitem encontrar novas perspectivas e modalidades de existência que nos manterão em movimento por mais algum tempo. Tempos de incerteza para uns, tempos interessantes para outros...

Em *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (1997), Zigmunt Bauman fala sobre a busca desenfreada por liberdade e pelo direito de escolha em detrimento de valores como segurança e estabilidade. “A liberdade individual reina soberana: é o valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados”, nos diz ele. Numa referência explícita a Freud, Bauman produz uma análise pormenorizada de como os ideais individualistas contribuíram para que vivamos agora de forma diametralmente oposta à que Freud havia concebido como explicação para o problema da civilização.

“Os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da

modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.” (Bauman, 1998 [1997], p.10)

Para melhor entendermos o momento atual, que costumamos interpretar como excessivamente individualista, é preciso lembrar que a liberdade individual como valor a ser buscado teve suas sementes plantadas há mais de duzentos anos. As reivindicações do povo francês, que, cansado de ser usurpado, clamava por liberdade, igualdade e fraternidade, foram enunciadas em Assembléia Nacional, em 29 de agosto de 1789. Os *Direitos do Homem e do Cidadão* declaravam os direitos “naturais, inalienáveis e sagrados do homem, a fim de lhes lembrar, sem cessar, seus direitos e seus deveres” tendo em vista “garantir a constituição e a felicidade de todos”. Mas, a declaração dos direitos do cidadão francês não foi um marco apenas na história de seu país de origem, uma vez que, se estendeu também por todo o Ocidente. Portanto, se hoje os grupos comumente conhecidos como minorias têm a possibilidade de lutar por seus direitos à liberdade e à igualdade⁵ é porque houve um certo amadurecimento dos ideais que, antes de se firmar, precisaram provocar uma revolução.

Assim, ao tentarem redefinir seus lugares numa sociedade eminentemente patriarcal, as mulheres e os homossexuais coagiram os homens a fazer o mesmo, sendo que, de um modo ou de outro, estes acabariam tendo que fazê-lo em algum momento não muito distante do atual. Como nos diz Jacques le Rider, citado em Nolasco (1993), as inúmeras transformações a que as subjetividades contemporâneas estão submetidas refletem as “crises do individualismo, vivenciadas sob a forma de uma crise do sentimento de identidade”. O que as reivindicações de mulheres e *gays*, de fato, proporcionaram foi uma maior visibilidade de uma crise que já vinha sendo gestada também por outras vias e os seus questionamentos tiveram como mérito evidenciar o que tem sido apontado como a fragilidade inerente à própria masculinidade (Badinter, 1992; Trevisan, 1997; Ramos, 2000; Diehl, 2002).

“A revelação homossexual cumpre uma importante tarefa no cenário da crise: acirra as contradições no sentido de tirar a máscara do masculino imposto, apontando para um masculino temperado por nuances nas quais cabem o frágil e

⁵ A fraternidade parece que ainda está por vir... a este respeito ver Martins (2001).

o sensível, aí incluída aquela tão execrada passividade que também compõe o macho — simplesmente porque faz parte do humano e não apenas do gênero feminino. O que pode parecer um paradoxo, do ponto de vista patriarcal, é uma aquisição importante, sem a qual não se chegará ao coração do masculino — justamente porque ele é feito de paradoxos, ao contrário do que deixa transparecer o protótipo do macho consagrado.” (Trevisan, 1997, p.87-88)

Neste novo estágio da modernidade, o homem está sendo levado a repensar os limites de seus próprios direitos e obrigações, mas, mais do que isso, está sendo levado a repensar suas necessidades individuais para além dos estereótipos instituídos pela lógica patriarcal; está sendo levado, enfim, a repensar as bases de sua própria identidade.

Como já foi sugerido, apesar de serem fonte de questões importantíssimas, feminismo e movimento *gay* não são causa da crise masculina, mas, sim, peças de um mesmo jogo, de âmbito social bem mais abrangente do que as questões sexuais em si. Feminismo, movimento *gay* e crise masculina fazem parte de uma espécie de dominó cultural, constituído de inúmeras peças, entremeadas de tal forma, que produzem efeitos contagiantes de umas sobre as outras, efeitos que se propagam levando o movimento de uma ao das demais. É possível que a metáfora do *efeito dominó*, como habitualmente se conhece, não seja a mais adequada para o que queremos exemplificar, pois o que temos em mente é o desenho de uma trama social bastante complexa — como o de uma rede, talvez — na qual não há implicação de seqüência necessariamente, pois o movimento pode ter início em qualquer uma das peças, tomar qualquer direção e se propagar indistintamente através das demais. Seja como for, o que queremos ilustrar é a idéia de que todas as manifestações da *contracultura*, que também incluiu as reivindicações estudantis, o movimento *hippie* e a defesa da androginia, como forma de alcançar uma “mistura confusional de papéis e identidades de homem e de mulher”, são todos elementos de uma interação social em mutação, na qual foi evidenciada, de forma talvez definitiva, a instabilidade das bases nas quais apoiava-se uma masculinidade que já não tinha mais do que se orgulhar.

É num cenário de valorização de singularidades mais do que identidades, estimulação à pluralidade mais do que a padrões rígidos, que os valores patriarcais e *viris* têm sido ostensivamente contestados. À medida que a valorização das diferenças individuais abre espaço para a valorização do feminino e dos valores a ele associados, como delicadeza, sensibilidade, expressividade e generosidade

para com as necessidades alheias, observamos uma concomitante desvalorização do masculino tradicionalmente identificado como violento, arrogante, dominador, egoísta e ganancioso. A valorização das expressões até então restritas à esfera da intimidade anunciou a “decadência moral do homem ocidental” e equiparou o feminino aos valores humanos mais sublimes (Sennett, 1974; Badinter, 1986 e 1992; Darcy de Oliveira, 1991; Nolasco, 1993).

Cabe ressaltar que a crítica impetrada contra a lógica *falocêntrica* tratou o homem como sinônimo de todas as características negativas associadas ao patriarcado e o discurso, que havia inicialmente se mostrado inovador, provou-se, um pouco mais tarde, tão polarizado e estereotipado quanto os valores que pretendia reformar (Darcy de Oliveira, 1991; Bourdieu, 1998).

Durante o período que compreendeu principalmente as décadas de 1960 e 1970, falava-se abertamente em *guerra dos sexos* e a imagem da mulher oprimida pelo homem autoritário era uma constante nos argumentos feministas, mas a crença de que as mulheres foram as únicas prejudicadas pela sociedade patriarcal também já não se sustenta mais. Um exame um pouco mais cuidadoso das relações de poder nas sociedades ocidentais mostra como os homens também estão sujeitos a situações humilhantes de abuso de toda sorte, uma vez que, para que haja um vencedor, alguém terá que ser derrotado, mesmo que seja homem, branco e heterossexual. Assim, apesar de ainda haver alguma resistência a esta forma mais imparcial de abordar a problemática de gênero, não podemos mais permanecer na postura maniqueísta que coloca o homem no lugar do vilão e a mulher no lugar de vítima. Após os primeiros estudos sobre a masculinidade contemporânea já podemos perceber como a imagem do homem identificado com o *papel de macho*, antes inabalável, está sendo desconstruída. Os estereótipos de herói, protetor, provedor, forte, seguro e até insensível já não têm a mesma aceitação que há algum tempo atrás, ao menos nas camadas médias urbanas, até pelo contrário, em alguns casos, os próprios homens já passaram a rejeitá-los. Com a crescente valorização de características como sensibilidade e maior fluência de expressão afetiva, tradicionalmente restritas ao universo feminino, passamos a viver uma época em que está cada vez mais difícil manter o orgulho masculino nos patamares habituais (Betcher e Pollack, 1993; Gratch, 2001; Cuschnir e Mardegan, 2001; Diehl, 2002).

Por outro lado, pensar o feminismo como principal responsável pela crise masculina contribui para que análises mais apressadas do fenômeno coloquem, desta vez, a mulher no lugar de vilã. Alimentar a crença de que a mulher financeiramente independente e sexualmente “liberada” representa uma ameaça para o homem contribui para a perpetuação da já tão desgastada *guerra dos sexos*, só que, agora, com os sinais invertidos. Goldenberg (2000) analisa matérias de jornais e revistas de grande circulação publicados durante 1998 e 1999 e constata como o discurso da mídia impressa reforça a noção equivocada de que o homem tem medo da dita *nova mulher*.

“Esse discurso consolida a idéia de que a mulher independente representa um perigo para o homem e é determinante na crise que ele (e a família) atravessa. A mulher, em vez de ser vista como uma parceira que pode tirar dos ombros do homem uma série de obrigações que lhe eram exclusivas, transforma-se em rival, disputando poder, emprego e regalias. Não é mais uma companheira a ser conquistada, mas uma inimiga a ser vencida. É a ‘guerra dos sexos às avessas’.”
(Goldenberg, 2000, p. 28)

Aludindo à manifestação feminista que ficou conhecida pela queima de sutiãs em praça pública, a autora se pergunta se os homens precisarão analogamente queimar suas gravatas. Pensamos que talvez não precisem chegar a tanto, mesmo porque os projetos de novas masculinidades, abraçados por aqueles que estão efetivamente engajados em expandir suas potencialidades para além de qualquer novo estereótipo que possa estar surgindo, não se limitam a repetições atualizadas da trajetória feminina. Da mesma forma, para estes homens não cabe falar em mera reação masculina às exigências feministas. Presenciamos um movimento que Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) chamam *masculismo* e que, apesar do que possa estar sendo sugerido pelo termo, este movimento não se trata de uma mera adaptação daquele anteriormente perpetrado pelas mulheres. Os homens estão em busca de suas próprias soluções para uma problemática que é muito particular e, sem dúvida alguma, muito distinta à das mulheres e dos *gays*. Igualmente, os modelos a serem adotados na construção do que chamam *o novo homem* não podem se limitar a absorver características tradicionalmente femininas. O *masculismo* é um movimento ainda incipiente, mas que representa a iniciativa de alguns homens no sentido de repensar os estereótipos vigentes e construir novos modos de *estar no mundo* para além das demandas e cobranças

que lhes têm sido impostas nas últimas décadas. Há por parte destes homens um desejo genuíno de ocupar outros lugares e expandir suas possibilidades de realização no plano pessoal e afetivo (Nolasco, 1993, 1995 e 1997; Betcher e Pollack, 1993).

Os *grupos de homens*, que tiveram início no Canadá e Estados Unidos durante os anos sessenta, foram gradativamente se estendendo a outros países. Na França houve uma dificuldade inicial em que fossem estabelecidos com a mesma independência em que ocorreu no continente americano. Valabrègue (1976) descreve os primeiros grupos de homens franceses como apêndices dos grupos feministas, sendo compostos basicamente por maridos que acompanhavam suas esposas no movimento de libertação das mulheres. Cuschnir (2000) nos informa que, no Brasil, os primeiros grupos se formaram na década de 80 e eram pejorativamente vistos como uma “proposta típica de *gays*”, mas, atualmente, já são respeitados e reconhecidos como resultado do desejo legítimo de alguns homens por “mais qualidade de vida”, independentemente de orientação sexual, através do abandono de “velhos mitos da masculinidade”. Assim, um homem insatisfeito com a indesejável e insuficiente condição de *macho* pode, hoje, procurar outros referenciais, oriundos de novos sistemas de valores e crenças mais compatíveis com os tempos atuais, distintos em todos os aspectos daqueles tradicionalmente instituídos pela sociedade patriarcal.

“O esforço a ser desenvolvido pelos homens se situa hoje na reavaliação do ‘preço’ que têm pago para se manter no lugar onde imaginam que devam estar. Esta reflexão amplia a visão que os indivíduos têm de si e da vida, favorecendo a reformulação da representação de um super-homem para a de um homem comum. Esse caminho necessariamente passa pelo reconhecimento da dinâmica do próprio conflito e contradições, pela satisfação dos desejos e suas frustrações.”
(Nolasco, 1993, p.39)

Nas discussões dos grupos de homens há uma busca por novas representações para sujeitos que se querem diferentes do padrão estereotipado de invencibilidade e, para tal, são trabalhadas questões relativas à paternidade, à sexualidade e ao comportamento fisicamente violento e moralmente agressivo. A paternidade é abordada em dois sentidos: na condição de filho de um pai cuja masculinidade foi definida em termos tradicionais e na condição de pai através do exercício de uma paternidade que se constrói segundo novos modelos e cria a

possibilidade de engendrar uma nova geração de homens realmente distinta das anteriores. Estes novos modelos, além de se basearem no resgate de uma paternidade, que pode, finalmente, ser amorosa, incluem também novas articulações sócio-políticas e não apenas a simples participação demagógica em atividades domésticas ou o mero desenvolvimento da habilidade de se emocionar em determinadas circunstâncias. Os esforços e a coragem que alguns homens têm demonstrado ao se comportar de forma diametralmente oposta aos estereótipos masculinos tradicionais devem ser reconhecidos, mas é preciso ressaltar que as aspirações masculinas não devem se ater apenas ao desempenho de novos papéis ou ao intercâmbio de papéis masculinos e femininos, posto que, mais do que à redefinição de papéis, a crise masculina diz respeito à instauração de uma nova ordem, que questiona e desconstrói o paradigma da hierarquia e do autoritarismo que fundamentava todos os aspectos da sociedade ocidental (Badinter, 1992; Nolasco, 1993; Armony, 1995; Pereira, 1995; Jablonski, 1996 e 1999; Dario, 2001).

É neste sentido que cabe pensarmos a própria noção de *crise* que, em geral, nos remete à idéia de tensão, dúvida, perturbação de um estado de equilíbrio, mas que também pode ser associada à idéia de transição, que implica movimento, mas não necessariamente em direção a algo ruim, por mais que o desconhecido e o novo possam ser assustadores. Como nos lembra Jablonski (1991), “em chinês, a palavra correspondente ao termo *crise* é uma combinação de duas outras palavras, que significam *perigo* e *oportunidade*”, o que nos leva a pensar que a crise masculina não precisa ser vista exclusivamente como uma ruptura problemática, mas também como uma possibilidade de transformação e crescimento. Um momento de crise pode ser, desta forma, muito profícuo em termos de ganhos jamais imaginados, de modo que a desconstrução de uma masculinidade obsoleta abre caminho para a reconstrução de novas condições, talvez bem mais favoráveis a todos, mulheres e homens, principalmente. Nesta mesma linha de pensamento, Goldenberg (2000) considera a crise masculina como possibilidade de “invenção do novo” e pergunta: “Será que podemos falar de crise quando tantas portas foram abertas?” Da mesma forma que a autora, acreditamos que a resposta mais adequada seria “não”.

É justamente no campo das oportunidades, geradas também em períodos de crise, que os limites podem ser transformados em possibilidades e, por esta

razão, alguns autores defendem a idéia de que um novo projeto de masculinidade não deve culminar numa nova descrição do que é *ser homem*, pois isto levaria à estereotipização que tanto questionamos. A desconstrução da identidade masculina tradicional deve propiciar a construção de várias novas formas de subjetivação masculina. Expressões como *novo homem* e *nova mulher* renovam noções de uma lógica excludente que não respeita singularidades e que, portanto, não nos serve. Se o paradigma atual é de inclusão, o mais coerente seria buscarmos não *um novo homem* ou *uma nova mulher*, mas, sim, novas e múltiplas possibilidades de *ser homem* e *ser mulher*. A redefinição do masculino passa pela redefinição do feminino e o caminho que está sendo trilhado por homens e mulheres leva a uma pluralidade identitária que permite aos sujeitos lançar mão de categorias livres de demarcações rígidas e empobrecedoras. Por esta razão, Hamawi (1995) e Armony (1995) não acreditam na possibilidade de surgimento de uma resposta unificadora de todas as potencialidades que podem vir a ser descobertas e desenvolvidas seja por homens ou mulheres. Da mesma forma, ao pensar a respeito de que homem estamos falando quando problematizamos a questão masculina, Pereira (1995) nos lembra que “nosso presente pós-moderno valoriza a ambigüidade, a fragmentação, a indefinição, enfim, as zonas cinzentas do comportamento” e, no que diz respeito às idéias de Robert Musil, desenvolvidas no livro intitulado *O Homem sem Qualidades*, Nolasco (1995) esclarece que

“a crise moderna revelada enquanto *crise de identidade* ganha apoio frente ao que Musil aponta como busca de uma vida melhor. Para isto, há necessidade de permanecer em situação de disponibilidade subjetiva, de deixar seu caráter (o conjunto de qualidades) inacabado, para que com isto surjam novas combinações possíveis. É preferível uma liberdade feita de indeterminação a todas as certezas que subordinam à sua volta. Assim, o homem sem qualidades se afirma como um homem do possível e da experimentação, que não se alarma ao ver sua identidade passar por contínuos remanejamentos.” (Nolasco, 1995, p. 29)

Interessante a imagem de homem descrita acima... O futuro parece promissor, mas ainda requer que o homem seja corajoso, muito embora sua coragem deva ser aplicada a um outro campo de batalha. À primeira vista a idéia de pluralidade que tende ao infinito parece muito sedutora, pois, hoje em dia, não há nada tão fascinante quanto a liberdade de optar pela forma individual de cada

um viver sua própria vida. Nossas convicções individualistas fazem com que ansiemos por tantas oportunidades quantas forem possível desejar, mesmo que desistamos delas no meio do caminho, o que importa é saber que temos autonomia para tentar alcançá-las. Todavia, a ambigüidade, a fragmentação, a indefinição e as possibilidades infinitas também assustam e provocam angústia. Bauman (2000) refere-se ao momento sócio-histórico atual através da expressão *modernidade líquida*, contrapondo-o ao período anterior que, segundo este viés semântico, seria uma modernidade sólida, inflexível, rígida e pesada. A fluidez é uma metáfora que serve para caracterizar o sentimento de transitoriedade que perpassa a experiência subjetiva contemporânea. A solidez está associada à noção de durabilidade, enquanto o estado líquido remete ao que é impermanente, que escorre, transborda, vaza.

“Nesse mundo, poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas são definitivas, pouquíssimos contratemplos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final. Para que as possibilidades continuem infinitas, nenhuma deve ser capaz de petrificar-se em realidade para sempre. Melhor que permaneçam líquidas e fluidas e tenham ‘data de validade’, caso contrário poderiam excluir as oportunidades remanescentes e abortar o embrião da próxima aventura.” (Bauman, 2000 [2001], p.74)

Segundo esta visão, a ilusão de liberdade que o individualismo possibilitou chega a dar vertigem, pois estamos diante de uma verdadeira compulsão à experimentação, característica indispensável à atividade de consumo, que será mais adiante analisada pelo autor como alternativa identitária numa sociedade que não oferece muitos outros referenciais: “só o desejar é desejável — quase nunca sua satisfação”.

“Viver em meio a chances aparentemente infinitas (ou pelo menos em meio a maior número de chances do que seria razoável experimentar) tem o gosto doce da ‘liberdade de tornar-se qualquer um’. Porém, essa doçura tem uma cica amarga porque, enquanto o ‘tornar-se’ sugere que nada está acabado e temos tudo pela frente, a condição de ‘ser alguém’, que o tornar-se deve assegurar, anuncia o apito final do árbitro, indicando o fim do jogo (...) Estar inacabado, incompleto e subdeterminado é um estado cheio de riscos e ansiedade, mas seu contrário também não traz um prazer pleno, pois fecha antecipadamente o que a liberdade precisa manter aberto.” (Bauman, 2000 [2001], p.74)

Diante deste cenário, ao mesmo tempo promissor e caótico, a imagem do homem perdido e amedrontado poderia ser apenas mais uma num universo habitado por subjetividades fragmentárias, instáveis e voláteis. Neste sentido, acreditar que o motivo principal da insegurança masculina seja a mulher independente parece até pueril.⁶

Para melhor entendermos os limites e possibilidades do que hoje conhecemos como *crise masculina* será preciso deixarmos transcorrer um pouco mais de tempo. Como muitos já disseram, só tomando o devido distanciamento histórico poderemos produzir interpretações ao mesmo tempo mais acuradas, abrangentes e isentas acerca das transformações que estão em andamento. Contemporâneos que somos do fenômeno, que nos suscita tanta curiosidade, devemos nos contentar, por enquanto, em proceder levantamentos iniciais de seus principais aspectos aos olhos de hoje. Se soubermos esperar, poderemos evitar conclusões precipitadas e julgamentos previamente concebidos, que podem nos levar à formação de novos estereótipos em substituição ou em complementação aos inúmeros já existentes. Se soubermos esperar, poderemos gradativamente acrescentar novos olhares para que tenhamos uma melhor visão dos sujeitos submetidos às novas regras.

Não queremos dizer, com isso, que não se devam produzir estudos que busquem respostas às inúmeras questões que vêm sendo levantadas à medida que observamos, ao mesmo tempo que experimentamos, os acontecimentos e “tendências” que assomam ao nosso cotidiano. Pelo contrário, acreditamos que a busca por respostas é indispensável à construção do futuro que queremos viver. Entretanto, devemos estar atentos ao fato de que a proximidade pode turvar nossa visão, fazendo com que as explicações a que chegamos devam ser encaradas como possibilidades de verdade e não como verdades definitivas. Neste sentido, citamos mais uma vez Rosiska Darcy de Oliveira:

“O distanciamento crítico iluminará, talvez, a experiência de hoje com uma lucidez que a convivência com o fato perturba. Nossa observação de hoje se faz como numa sala escura, em que procuramos aos poucos acomodar a visão para

⁶ Uma vez que o gênero, como categoria de pertencimento social, teve suas fronteiras esgarçadas, as diferenças, antes sexuais, foram trazidas para o plano individual, engendrando um sentimento de desamparo pelo “não pertencimento”. A este respeito ver Badinter (1986) e Deaux e Lafrance (1998).

distinguir os contornos e identificar formas reconhecíveis. Toda conclusão é, por isso mesmo, provisória.” (Darcy de Oliveira, 1993 [1991], p.129)

Se, hoje, as mulheres já podem realizar uma crítica com relação ao feminismo, substituindo a busca pela igualdade pela valorização da diferença, é porque suas questões iniciais já experimentaram algumas décadas de amadurecimento. Da mesma forma, num futuro talvez não muito distante, estaremos empreendendo novas reflexões acerca das transformações experimentadas pelos homens.

4. Feminização e Expressividade

“Com o desenvolvimento das sociedades modernas, o controle dos mundos social e natural — o domínio masculino — ficou centralizado na ‘razão’. Assim como a razão, guiada pela investigação disciplinada, foi separada da tradição e do dogma, também foi separada da emoção.” (Giddens, 1992, p.218)

4.1 - A dificuldade masculina em demonstrar sentimentos

Vimos que a virilidade tal qual foi concebida na vigência do patriarcado é determinada por um conjunto de qualidades, sentimentos, atitudes e por um repertório de comportamentos que vão definir o que é *ser homem*. No capítulo sobre identidade masculina falamos sobre como o processo de socialização de meninos está a serviço de uma visão estereotipada, segundo a qual deverão tornar-se homens tendo como referência um padrão de virilidade que lhes é dado sem muita margem de escolha ou questionamento. Um processo cruel e opressivo, limitante e empobrecedor, no qual, segundo Nolasco (1993) “ser homem ficou reduzido a ser macho”. Este padrão de *macho*, a ser copiado por meninos e perpetuado pelos homens, exclui o desenvolvimento e a atualização de inúmeras potencialidades que podem ser muito valiosas na vida adulta, dentre as quais destacamos a capacidade de entrar em contato com suas emoções e expressá-las de forma assertiva.

“A educação de um menino, tal como concebida por nossa cultura, desenvolve-se valorizando mais o esfacelamento das características emotivas da dinâmica subjetiva da criança do que propriamente um modelo de homem que transcenda as fronteiras de seu sexo e do uso que deve fazer do mesmo. Ao longo de sua vida, um menino vai aprendendo a sufocar e a não revelar o que sente. Com isto, sutilmente vai abandonando a si mesmo, e deste abandono nasce a ilusão de que a incorporação do estereótipo do macho lhe concederá, quando adulto, o resgate do paraíso perdido na infância.” (Nolasco, 1993, p.47)

Betcher e Pollack (1993), Muzio (1998), Gratch (2001) e Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) entendem a dificuldade masculina em demonstrar seus sentimentos como sendo vinculada ao temor que o homem tem de se expor, de

mostrar-se frágil e de tornar-se vulnerável diante do outro,¹ de tal modo que, ser “reservado” e “fechado” tornaram-se traços comuns ao modelo estereotipado de homem. A necessidade de abafar suas emoções, de viver como se elas não existissem ou fossem pouco importantes, de modo a se enquadrar no modelo masculino que é socialmente prescrito traz as experiências de meninos e homens para um plano muito árido e, por vezes, embrutecido, além, é claro, de inibir o desenvolvimento de uma habilidade fundamental: a de entrar em contato consigo próprio e de se conhecer. Este “embotamento” afetivo contribui para tornar o homem ainda mais vulnerável em situações nas quais não é possível ter o controle total de suas emoções. Nessas ocasiões, a agressividade pode surgir como única resposta viável por parte de um sujeito que se vê represado e sem chances de manifestar seus medos, angústias e carências (Nolasco, 1993 e 2001). Uma vez chegado à idade adulta, o homem ainda poderá portar-se como um menino, um homem emocionalmente imaturo que vai, em certos casos, ter inúmeras oportunidades de assustar-se e surpreender-se com o que desconhece de si mesmo.

Uma das atribuições mais importantes de uma masculinidade estereotipada, segundo Muzio (1998), é a de não poder se emocionar, nem se permitir afetar por nada de ordem sentimental, não sendo, igualmente, autorizadas quaisquer queixas sobre problemas de origem emocional. A autora acrescenta que a ideologia machista leva os homens a crerem que sequer têm do que se queixar e que, pela pouca consciência que têm do peso cultural a que estão submetidos, eles têm se mantido em silêncio. Em outras palavras, os homens foram silenciados pela ação da visão estereotipada que têm de si próprios. Por acreditarem que o sofrimento e o isolamento existencial são coisas naturais e normais, que devem ser vividas, mas jamais questionadas — uma vez que isso também implicaria em questionar suas próprias identidades —, durante muito tempo, os homens permaneceram distantes dos consultórios psicológicos, que por razões opostas sempre foram maciçamente freqüentados por mulheres de todas as idades. Quando um homem chega a pedir ajuda é porque o nível de tensão chegou a um ponto insuportável, nos diz Muzio (1998). A habitual resistência dos homens em procurar ajuda psicológica e a dar continuidade a um tratamento psicoterapêutico

¹ Em *Análise Terminável e Interminável* (1937), ao tratar do problema da transferência Freud fala da resistência que os pacientes homens apresentam em se apresentar na posição passiva sobretudo diante de outro homem, no caso o analista.

surge como efeito de prescrições culturais estereotipadas tais como: “Problema? Você deve resolvê-lo sozinho!”; “Agüenta firme!”; “Você tem que ter auto-controle!”; “Seja forte!”; “Descontrole emocional é coisa de mulher!”

No trabalho com famílias, por exemplo, é comum observar-se grande resistência por parte dos maridos e/ou pais, de modo que a problemática familiar é quase sempre explicitada pela mulher. Quando solicitado a se pronunciar, na maioria dos casos, o homem não chega a falar sobre como se percebe diante das situações de conflito, nem a expressar nominalmente nenhum sentimento suscitado pela questão. Em geral, limita-se meramente a emitir opiniões racionais a respeito daquilo que considera como sendo as razões objetivas do problema (Muzio, 1998). Este comportamento tão tipicamente masculino está relacionado à dificuldade que muitos homens encontram em lidar com problemas que não se limitem a fatores exclusivamente externos ou de ordem prática, pois caso sejam identificados como sendo de caráter subjetivo, eles correm o risco de serem estigmatizados como “problemáticos” e/ou “fracos” (Nolasco, 1993 e 1997; Gratch, 2001; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001). Estes homens, portanto, se mantêm calados e, desta forma, seus medos, desejos e anseios mais profundos são, finalmente, reprimidos por um processo lento — mas certo! — de construção do que seria um *homem de verdade*. Este ideal, tão acriticamente valorizado pela cultura patriarcal, mais reflete, no entanto, a imagem de um sujeito parcialmente destituído de sentido para uma vida plena e podemos acrescentar ainda que, na visão de Nolasco (1993), o homem que se constituiu a partir do modelo de *macho* é um ser incapacitado a “se envolver e se apaixonar pela vida, já que para a paixão ou o amor a objetividade escapa”.

Assim, observa-se que as imposições do modelo masculino tradicional limitam a comunicação e a vida emocional dos homens, pois também as expressões de ternura estão vetadas, uma vez que devem ser evitadas quaisquer manifestações consideradas como tipicamente femininas. Desde pequenos os meninos têm o choro inibido por ser socialmente interpretado como expressão de fraqueza e vulnerabilidade emocional e, a este respeito, Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) vão ainda mais além afirmando que, com base em pesquisas que indicam uma maior extroversão por parte das mulheres do que dos homens no convívio social, até mesmo o riso, o entusiasmo e a alegria foram extirpados das vivências masculinas. Esta argumentação nos parece um tanto exagerada, não obstante, vale

lembrar que, há não muito tempo atrás, a expressão “ele é um rapaz alegre”, era freqüentemente empregada para se referir de forma pejorativa aos homossexuais masculinos, que, em alguns casos, podem constituir a mais perfeita antítese da noção de *macho* ou *homem de verdade*.

A expropriação dos sentimentos masculinos desde a mais tenra infância conta também com o empenho das mães, igualmente capturadas pela ideologia patriarcal e machista, que, por vezes, assim como os pais, educam seus filhos para serem “durões” e senhores de si. Mais tarde, quando adultos, os homens serão cobrados por outras mulheres — suas namoradas, companheiras e filhas, principalmente, mas também por colegas de trabalho — pela falta de carinho, atenção e ternura, pela incapacidade de comunicação emocional, pela dificuldade de reconhecer seus erros e de aceitar críticas (Muzio, 1998).

Pelas mesmas razões, expressar afeto e carinho por amigos homens requer destreza especial em disfarçar sentimentos que possam gerar interpretações dúbias. No caso dos homens brasileiros, por exemplo, abraçar um amigo com o corpo inteiro só ocorre em circunstâncias muito específicas de comemoração de gol em partida de futebol. Em encontros sociais o aperto de mãos com alguma veemência e o “tapinha” rápido nas costas é a expressão máxima socialmente permitida. Mesmo o amor meramente fraternal por outro homem é sempre encarado como uma ameaça à virilidade e as demonstrações de felicidade e alegria ao rever um amigo querido também devem ser contidas ou, então, disfarçadas, seja por alguns comentários jocosos, ou pelo enaltecimento de alguma conquista recente do amigo no trabalho ou em alguma outra esfera preferencialmente bastante masculina da vida. Assim, Da Matta (1997) nos diz que um dos preços da masculinidade é a eterna vigilância das emoções, dos gestos e do próprio corpo. Ou seja, a expressão corporal também deve ser controlada uma vez que, como vimos, a construção da identidade masculina passa antes de tudo por negar o feminino e a homossexualidade, podendo, em muitos casos, chegar até mesmo a uma *homofobia*.

Outros autores como Giddens (1992), Badinter (1992) e Betcher e Pollack (1993), ao confirmarem a idéia de que o *macho* se constrói em oposição à mulher e ao *gay*, apontam ainda para um excesso de polarização nas formas como muitos homens percebem e compreendem o mundo. Esta polarização, segundo Nolasco (1993), “os leva a opor masculino e feminino, dever e prazer, controle e

descontrole” através de uma postura maniqueísta que reflete um empobrecimento subjetivo gerado pela socialização restritiva a que foram submetidos. Nesta perspectiva, as diferenças individuais entre pessoas de sexos distintos só podem ser compreendidas pelos homens quando são biologicamente definidas. Ou seja, sob a influência de simplificações estereotipadas, as representações do que é *ser homem* e do que é *ser mulher* ficam delimitadas pela posse do órgão genital e pelo funcionamento hormonal correspondente ao respectivo sexo. Um agravante à polarização masculino-feminino foi descrita por Nolasco (1993) como “uma prática sexual que nega o corpo masculino como fonte de prazer, fazendo com que desta negação seja mantida uma separação entre corpo, genitais e envolvimento afetivo.” Para este autor, “a liberdade sexual masculina é um blefe de que os homens ainda não se deram conta”, uma vez que “no contato sexual, a entrega do corpo não significa necessariamente a entrega de si” (Nolasco, 1993, p.71). Somado a isso, o desconhecimento de si próprio vai implicar ainda no desconhecimento do outro, bem como de suas necessidades, fazendo com que nas relações amorosas a entrega pessoal se constitua em experiência desconhecida por um número de homens maior do que muitas vezes gostaríamos de admitir.

Em vista disso, levada ao extremo, a necessidade de demonstrar potência e virilidade pode transformar momentos que poderiam ser de amor e prazer em verdadeiras competições. Nestes casos, como em qualquer competição, o homem está sujeito a não vencer e a frustrar-se, o que pode levá-lo indistintamente à violência e/ou à busca de “encontros impossíveis” e “relações superficiais”. Assim, a intimidade se apresenta quase como um enigma a ser desvendado, uma vez que, nas parcerias amorosas, tudo que não é de ordem prática, objetiva ou sexual parece imerso em um ambiente meio nebuloso. Ainda como à época de Freud, qualquer coisa que diga respeito à esfera privada, ao feminino e às mulheres parece, freqüentemente, envolto por um véu de mistério. Neste território o homem pode, então, sentir-se como um forasteiro, uma vez que não desenvolveu as potencialidades necessárias para lidar com situações em que a lógica racional não serve como principal ferramenta a ser manejada (Giddens, 1992; Nolasco, 1988 e 1993; DaMatta, 1997; Veiga, 1997; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001). Na esfera das relações afetivas é comum que a desenvoltura, tão habitual no mundo público, se mantenha apenas até os primeiros encontros, sendo as etapas seguintes marcadas

pelo medo do desconhecido mundo subjetivo. Para muitos, o exercício da sedução talvez seja simples, mas o que fazer com a conquista? O que ela representa?

“Desde o início das transformações que afetam o casamento e a vida pessoal, os homens em geral excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade. As ligações entre o amor romântico e a intimidade foram suprimidas, e o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado à idéia de acesso: acesso a mulheres cuja virtude ou reputação era protegida até que pelo menos uma união fosse santificada pelo casamento. Os homens tenderam a ser ‘especialistas em amor’ apenas com respeito às técnicas de sedução ou de conquista.”

(Giddens, 1992, p.70-71)

Por anacrônico que possa parecer, alguns homens permanecem, como dissemos, presos a uma polarização maniqueísta que os leva a categorizar as mulheres segundo padrões há muito descartados por uma moral sexual mais igualitária (Jablonski, 1991, 1996; Goldenberg, 1991 e 1997; Veiga, 1997; Wang, 2001)². Não importando em que categoria a mulher conquistada seja enquadrada (“pra casar”, “galinha”, “cachorra” ou simplesmente mulher, para aqueles que já não adotam categorização alguma), ela será sempre portadora de uma ameaça, ou quem sabe na melhor das hipóteses, um desafio, na medida em que representa a necessidade do homem lidar com seu mundo interno, seus desejos, suas emoções, sua subjetividade, enfim. A este respeito Betcher e Pollack (1993) e Gratch (2001) relatam diversos casos clínicos de homens que passaram a buscar seus consultórios devido a problemas de relacionamento com suas namoradas, esposas e/ou companheiras. Ao que parece, as dificuldades masculinas agravam-se ainda mais quando aliadas a uma série de desdobramentos do *zeitgeist* individualista, propiciando uma lamentável dinâmica de relações freqüentemente insatisfatórias e que foram descritas por Nolasco (1997) como sendo “concentradas no sexo de baixa emoção e alta intensidade”.

A respeito da preocupação constante do homem no tocante à necessidade de afirmação de sua identidade sexual, DaMatta (1997) nos fala de como no Brasil a *crise de masculinidade* já se fazia presente há muito tempo. O autor nos fala sobre a importância do papel da mulher na construção de um *homem* e descreve um processo muito particular e distante da socialização estereotipada de que vimos falando. Um processo que, não obstante todo um conjunto de valores e

crenças que dificultam o encontro do homem consigo próprio e com a mulher, só se dá precisamente na realização deste encontro. A reflexão empreendida por DaMatta toma por base suas vivências pessoais, numa pequena cidade do interior de Minas Gerais, em que, ainda jovem, pôde perceber que sua condição de homem dependia menos da posse de um pênis e mais de sua capacidade subjetiva de relacionar-se.

“Mais importante do que ter o aparato masculino era saber relacionar-se. E relacionar-se consistia basicamente em descobrir que *ser homem* não era a mesma coisa que *sentir-se como um homem*. Pois *ser homem* era ter o aparato físico masculino, mas *sentir-se homem* era passar pela maravilhosa aventura de experienciar o relacionamento como *homem* com uma mulher (...)”

(DaMatta, 1997, p. 48)

As palavras de DaMatta podem ser inspiradoras, não obstante os repetidos enganos masculinos — que muitas vezes contam com o auxílio feminino, é importante que se diga — no que se refere aos esforços empreendidos para garantir *status* e poder através de um *falo imaginário* que é frequentemente confundido com o próprio pênis.³ Em muitos casos, os embates para alcançar determinadas posições de reconhecimento social acabam se estendendo aos diferentes setores da vida pública e privada, de modo que as relações de poder se tornaram comuns não só na vida profissional, mas também no contato com amigos e, sobretudo, na esfera familiar.

É desnecessário dizer, todavia, que, apesar das visões estereotipadas que perpassam o imaginário social, nem todos os homens são ou foram sempre uns “brutamontes tirânicos”, nem muito menos uns “perdidos” que não sabem como se relacionar com uma mulher. Apesar destas imagens serem recorrentes em boa parte da literatura a respeito do tema, gostaríamos de frisar que tudo o que vimos apresentando diz respeito aos estereótipos masculinos e ao peso que exercem sobre alguns ou muitos homens, mas não sobre todos. Além disso, como assinalamos no capítulo anterior, já estão em curso uma série de transformações relativas à identidade masculina, muito embora nem sempre tão alardeadas como as transformações dos papéis desempenhados pelas mulheres. As transformações

² A questão da *dupla moral sexual* já havia sido, de certa forma, abordada por Freud em *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens* (1910).

³ Ver capítulo 3, nota n.4 sobre *falocracia* (p.55).

atravessadas por alguns homens talvez sejam mais silenciosas e apenas observadas em algumas atitudes corriqueiras ou na esfera pessoal mais íntima (Muzio, 1998; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001).

Não estamos com isso dizendo que pretendemos nos enganar a respeito de uma realidade que não é simples de ser recriada. Se mesmo após algumas décadas de trabalho árduo o feminismo ainda está longe de muitas de suas metas iniciais, como podemos esperar que as questões masculinas cheguem a termo em tão pouco tempo? Neste sentido, ao falar sobre as dificuldades de construção do que seria *um novo homem* — ou *novos homens* como preferem alguns autores por nós anteriormente citados —, Jablonski (1995) constrói a metáfora bem-humorada do *boçalossauro*, um animal pré-histórico que habita os recônditos da alma masculina e que resiste aos diversos apelos e movimentos que já poderiam ter levado à sua extinção.

“Não devemos ser ingênuos o bastante para ignorar o fato de que — escancaradamente em muitos homens e sutilmente em outros tantos — há ainda um boçalossauro não extinto, perigosamente à espreita. É a consciência de que o caminho em direção a uma nova identidade é longo, sinuoso, difícil e ameaçador que pode torná-lo um pouco menos isto tudo.” (Jablonski, 1995, p.164)

Não podemos encerrar este tópico sem mencionar, ainda que muito rapidamente, as posições de António R. Damásio e Philip G. Zimbardo quanto ao engano forjado pela modernidade de que razão e emoção não andam, ou não devem andar juntas. Em contextos distintos estes autores nos alertam para uma das principais falácias na qual se apoiaram os ideais tradicionais de masculidade, qual seja: a razão não deve permitir-se influenciar pela emoção.

Em *O Erro de Descartes* (1994), Damásio apresenta alguns casos de pacientes neurológicos, a partir dos quais questiona a concepção cartesiana de separação entre mente e corpo. O autor esclarece que sentimentos e emoções são uma percepção direta de estados corporais e constituem um elo indispensável entre o corpo e a consciência, de modo que, uma pessoa incapaz de sentir, mesmo tendo o conhecimento racional relativo a uma determinada coisa ou situação, será incapaz de tomar quaisquer decisões a respeito dela. Dito de outra forma, a racionalidade por si só não é suficiente para a tomada de qualquer decisão, pois os

sentimentos e as emoções são peças fundamentais também neste processo que é exclusivamente objetivo apenas na aparência. Já na introdução o autor nos diz:

“É provável que as estratégias da razão humana não se tenham desenvolvido, quer em termos evolutivos, quer em termos de cada indivíduo particular, sem a força orientadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais a emoção e o sentimento são expressões notáveis. Além disso, mesmo depois de as estratégias de raciocínio se estabelecerem durante os anos de maturação, a atualização efetiva das suas potencialidades depende provavelmente, em larga medida, de um exercício continuado da capacidade para sentir emoções.” (Damásio, 1994, p.12)

Por sua vez, ao falar sobre os efeitos da modernização associada à urbanização no processo de nuclearização da família — que se tornou, segundo Lasch (1977), um abrigo para os males externos, “um refúgio afetivo em meio a uma sociedade fria e extremamente competitiva” —, Jablonski (1991) recorre às reflexões de Zimbardo (1975) sobre o famoso experimento da prisão.

“Quando as pessoas perdem a capacidade de experimentar emoções, quando suas manifestações emocionais são tolhidas’, ocorre o que há de pior em termos de distúrbios psicológicos. ‘Sem emoções, não há base para a empatia, para a ligação com os outros, para o amor, para a atenção e até para o medo das conseqüências de nossos atos.’ (...) Nesse sentido, nossa sociedade funciona igualzinho a uma prisão, ‘ingenuamente acreditando que suprimindo as emoções estaríamos elevando a razão.’” (Jablonski, 1998 [1991], p.61-62)

4.2. A comunicação nos relacionamentos amorosos

Giddens (1992) abre seu trabalho sobre a transformação da intimidade afirmando a existência de um “abismo emocional entre os sexos”. Para explicar a passagem de um modelo de relações hierarquizadas para um modelo mais igualitário, que denominou *relacionamento puro*, o autor parte de um estudo sobre a sexualidade, passando por uma análise sobre o amor, até chegar à noção de intimidade como um exercício de democracia. Depreende-se de sua explanação que o ponto central da democratização das relações amorosas é o diálogo constante e a redefinição permanente da interação entre os parceiros.

Segundo Giddens (1992), a criação desse “abismo emocional” contou com a ampla disseminação dos ideais de *amor romântico* nas sociedades patriarcais ocidentais. Estes ideais contribuíram, juntamente com outros fatores analisados nos capítulos anteriores, para manter mulheres e homens em extremos opostos,

consolidando, por fim, a separação entre papéis sociais definidos segundo os gêneros feminino e masculino.⁴

“Desde suas origens”, diz Giddens (1992), “o *amor romântico* suscita a questão da intimidade” e, neste sentido, ele é um precursor do *relacionamento puro*, apesar de ser essencialmente um amor feminilizado e restrito ao âmbito doméstico, tendo surgido numa época em que os homens precisavam administrar as tensões entre o amor sacralizado da esposa e a paixão profana pela amante. A superação da distância que separava mulheres e homens, segundo o autor, foi possibilitada pela desvinculação do exercício da sexualidade da necessidade de reprodução, culminando no que chamou de *sexualidade plástica*.

A análise de Giddens (1992) é extensa e minuciosa, mas, no momento, o que nos interessa ressaltar é o aspecto democratizante do *relacionamento puro* no que diz respeito à possibilidade de diálogo aberto entre os parceiros, conforme definido pelo autor. Chamamos atenção para a premissa de que este tipo de relação pressupõe igualdade sexual e emocional, sendo que a comunicação é o meio pelo qual ela é reflexivamente organizada e permanentemente reavaliada.

Se as mulheres venceram algumas das barreiras da desigualdade sexual, a desigualdade emocional ainda é, contudo, um obstáculo a ser vencido pelos homens, uma vez que sempre se mantiveram mais envolvidos com as esferas práticas e não subjetivas dos relacionamentos. Giddens (1992) enfatiza o fato dos homens terem sido inibidos a se desenvolver na esfera da intimidade, necessitando, assim, de um empenho especial para uma comunicação eficaz nos moldes requisitados pelos *relacionamentos puros*.

“Intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo. Na verdade, a revelação do que é mantido oculto das outras pessoas é um dos principais indicadores psicológicos capaz de evocar a confiança do outro e de ser buscado em retribuição.” (Giddens, 1992, p.153-154)

Assim, a abertura de um em relação ao outro consolida uma possibilidade real de construção de um “relacionamento especial”, abrindo mão da busca idealizada por uma “pessoa especial”. O autor nos informa que quanto maior a

⁴ Assim como Anthony Giddens, Badinter (1986 e 1992), Coontz (1992), Kehl (1996 e 1998) e outros também entendem que o ideário romântico teve papel preponderante da divisão entre os mundos público e privado.

igualdade na doação e no recebimento emocionais, mais o laço amoroso aproximar-se-á do protótipo do *relacionamento puro* e acrescenta que:

“(...) o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve a intimidade, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro.”

(Giddens, 1992, p.73)

Mas, como nos lembra o autor, o *ethos* do *amor romântico* contribuiu para a idéia de que o homem deve apresentar-se como “frio” e “inatingível”, características que sempre foram exibidas como “máscaras para a vulnerabilidade emocional masculina” que precisa poder ser exposta, sob pena da intimidade do relacionamento ser corrompida por segredos e silêncios intransponíveis. A valorização da intimidade e da comunicação nos *relacionamentos puros* pressupõe, como já foi dito, reavaliações permanentes para constantemente renegociar as formas como se dá a interação entre os parceiros.

Algumas pesquisas realizadas no Brasil nos últimos dez anos abordaram, direta ou indiretamente, a questão da comunicação entre casais heterossexuais de classe média da cidade do Rio de Janeiro. Dentre elas, destacamos as de Travis(1997), Magalhães (1993) e Dias (2000).

Em uma pesquisa sobre conflitos conjugais e expectativas no casamento, Travis (1997) verificou que a comunicação entre os membros do casal foi a categoria que suscitou as respostas mais longas e o maior número de comentários por parte dos sujeitos por ela entrevistados. A autora acredita que este resultado espelha o fato da comunicação ser o meio utilizado para a transmissão de sentimentos, desejos, opiniões e expectativas, além de ser também o veículo através do qual são intermediados os conflitos conjugais, através de interações verbais e não verbais.

Ressaltamos que, além disso, foram encontradas algumas distinções entre as formas como mulheres e homens lidam com os diferentes aspectos abordados no estudo conduzido por Travis (1997), uma das quais diz respeito à forma como as expectativas individuais são comunicadas ao cônjuge. Neste caso, de um modo geral, apenas as mulheres falaram explicitamente sobre seus anseios, enquanto as expectativas dos homens foram observadas através de uma comunicação mais indireta por parte destes. A falta de consciência das próprias expectativas e/ou a

não comunicação destas ao parceiro foi apontada pela autora como podendo originar, bem como acirrar desentendimentos não resolvidos pelo casal. Assim, podemos inferir que a postura mais reticente por parte dos homens poderia contribuir, mais que a das mulheres, para alguns conflitos conjugais.

Outro achado interessante diz respeito à qualidade da comunicação ter sido relacionada pelas mulheres às noções de intimidade e companheirismo e pelos homens ao grau de compreensão das dificuldades do outro e à possibilidade de rever posições e opiniões. Não obstante as diferentes correlações, tanto homens quanto mulheres consideraram a comunicação pouco efetiva como um elemento desencadeador de conflitos conjugais, sendo que, quando esta era considerada problemática, as mulheres atribuíam a responsabilidade direta e explicitamente ao companheiro, enquanto os homens não procuraram fazer atribuições, limitando-se apenas a descrever as dificuldades encontradas. Com relação às expectativas relacionadas à vida sexual, as mulheres reportaram ansiar por mais romance e os homens por maior frequência de atividade sexual.

Travis (1997) também assinalou que o desenvolvimento emocional é mais estimulado nas mulheres do que nos homens, fazendo com que a tarefa de administrar as emoções na parilha conjugal caiba principalmente àquelas. Por fim, concluiu que as mulheres pareceram mais cientes de suas próprias expectativas, falando delas de forma explícita, bem como demonstrando disposição para analisá-las e comentá-las. A maioria dos homens, por sua vez, deixou transparecer suas expectativas de forma não explícita, indicando, em alguns casos, uma ausência de reflexão e, em outros, uma certa dificuldade em comunicá-las.

Em estudo realizado sobre individualismo e conjugalidade, Magalhães (1993) teve o “segredo” como uma dentre diversas categorias de análise. Segundo a autora, o segredo se refere à área privativa de assuntos considerados estritamente individuais, não compartilhada entre os membros do casal. O segredo representa, assim, o espaço para a individualidade em termos de pensamentos, desejos, sonhos e fantasias. A valorização do espaço para o segredo individual na relação conjugal foi, portanto, interpretada pela autora como uma manifestação significativa da individualidade no casamento.

Magalhães (1993) observou que os grupos de casais mais jovens são os que mais valorizam esse aspecto, enquanto nos grupos mais velhos houve uma

maior valorização do compartilhamento de idéias e pensamentos, sendo que, neste caso, o segredo passa, além disso, a ser considerado como ponto de afastamento entre o casal.

Nos casais mais jovens as diferenças entre mulheres e homens foram mais acentuadas no que diz respeito à importância atribuída ao espaço para o segredo, tendo os homens se mostrado mais reservados que as mulheres. Segundo a autora, à medida que vão envelhecendo, os homens passam a valorizar o compartilhamento, abrindo mão do que chamou “aspecto defensivo do segredo”. Este aspecto é interpretado por Magalhães (1993) como uma barreira para a entrega amorosa e para a revelação da intimidade, elementos cruciais da conjugalidade que são vistos pelos homens mais jovens como indicadores de fragilidade e vulnerabilidade. A equação se inverte, entretanto, na medida em que, com o tempo, as mulheres passam a lançar mão do segredo mais do que os homens, muito embora já o tenham valorizado desde o início da relação, sem que, contudo, o tenham empregado durante os primeiros anos de casamento.

Nos grupos mais velhos houve um maior compartilhamento de diversos aspectos da vida conjugal entre mulheres e homens indistintamente, bem como uma maior ênfase, por ambas as partes, em valores como solidariedade e estabilidade.

Dias (2000) também estudou as relações conjugais num contexto de valorização da individualidade e, assim como Jablonski (1991), observou os efeitos de uma série de ideais que se encontram em permanente conflito. A constante tensão entre interesses antagônicos é administrada de modos variados pelos casais entrevistados, mas, de forma geral a autora verificou que a vida em comum cria demandas que diminuem a atuação do indivíduo e favorecem o contexto compartilhado. A busca de equilíbrio entre demandas individuais e conjugais requer disposição permanente para observar a si mesmo e ao outro, de modo a garantir o respeito às diferenças individuais, aspecto igualmente valorizado por mulheres e homens. A preocupação em aprender a lidar um com o outro envolve, desta forma, estar atento às características de personalidade e às oscilações dos estados emocionais do cônjuge.

“Assim, o auto-conhecimento e a troca entre os parceiros são condições essenciais para a construção do relacionamento[, que] é concebido como um

espaço de aprendizagem e de crescimento comum, onde cada parceiro se enriquece como pessoa e um ajuda o outro no seu processo de desenvolvimento individual.” (Dias, 2000, p.215)

O conflito entre os ideais de amor-paixão e amor-companheiro foi descrito por Dias (2000) como “o dilema do companheirismo/erotismo” e, segundo pôde observar, ele se estrutura em torno da premissa de que a relação é construída na convivência cotidiana de companheirismo, mas o casal, para se manter enquanto tal, precisa também preservar o erotismo e o prazer. A este respeito, ao analisar os diferentes fatores que contribuem para o que denominou a *crise do casamento contemporâneo*, Jablonski (1991) diz:

“Assim, se o amor-paixão faz, nos dias de hoje, ‘acontecer’ os casamentos, é o amor-companheiro que vai mantê-los. Mas se uma cultura desvaloriza esse último e faz do primeiro o único digno do nome de amor, então, as coisas podem se complicar.” (Jablonski, 1998 [1991], p.79)

O sentimento amoroso traduzido em cumplicidade e carinho entre parceiros é privilegiado pelos casais estudados por Dias (2000). A intensidade erótica, que inevitavelmente diminui no casamento, é substituída pelo prazer de estar junto e de se sentir amado, apesar de, a longo prazo, não haver quaisquer garantias quanto às tensões que podem advir da necessidade de renovação na esfera sexual. Além disso, a autora indica outros pontos de tensão que estão relacionados às formas distintas como mulheres e homens lidam com aspectos relativos ao romance, aos conflitos e à comunicação.

As mulheres se apresentaram contraditórias quanto à superação dos ideais românticos: acreditam que a idealização deve dar lugar a uma visão mais realista, mas parecem sentir uma certa nostalgia pela perda do ideal de amor eterno, desejando que o relacionamento seja eterno e, também, apaixonado. Apesar de procurarem ser cautelosas e críticas com relação a estas expectativas, demonstram o desejo de viver uma relação intensa e apaixonada no casamento, mesmo considerando que isso não é possível, uma vez que, em alguns casos, as dificuldades enfrentadas no cotidiano impedem a manutenção da paixão e até mesmo a própria continuidade do relacionamento. A este respeito, cabe ressaltar que as mulheres entrevistadas por Dias (2000) vinculam a continuidade do relacionamento aos seus sentimentos pelo parceiro e à sua satisfação no

relacionamento. Elas querem que o casamento seja uma escolha amorosa e não uma mera relação de acomodação.

Os homens, no entanto, não se referem tão enfaticamente a esse aspecto e apenas acentuam que a relação deve ser satisfatória para ambos, sem demonstrar qualquer interesse em discutir a opção conjugal ou os sentimentos pela companheira. Ademais, os homens entrevistados por Dias (2000) mantêm uma postura de “ir lidando com as situações conforme estas se apresentam”, enquanto as mulheres se preocupam mais em refletir sobre a relação. Além disso, elas estão constantemente mobilizadas para agir, logo que detectam algo que consideram problemático, enquanto os homens não se mobilizam, até que “algo” tenha efetivamente ocorrido. As mulheres parecem estar sempre atentas ao relacionamento e sempre dispostas a questionar e analisar as situações, buscando soluções para os conflitos ou, pelo menos, tentando conversar sobre eles. Os homens, por sua vez, resistem um pouco aos questionamentos freqüentes e se aborrecem com o que consideram uma “excessiva necessidade das mulheres” em avaliar constantemente a relação. Eles se dispõem, sim, a conversar sobre suas insatisfações, mas apenas quando diante de algum fato concreto, divergindo das mulheres também quanto ao momento mais apropriado para a discussão, uma vez que, geralmente, elas querem discutir o assunto no momento em que o fato está ocorrendo, enquanto eles preferem “deixar os ânimos serenarem primeiro”.

A autora assinala que, na maioria das vezes os homens são instigados pelas mulheres a conversar sobre quaisquer indícios de conflito, pois estas entendem que o acúmulo de mágoas e ressentimentos decorrentes da falta de diálogo é um dos fatores que dificulta a continuidade da relação, justificando, desta forma, valorizarem tanto a comunicação. Assim, apesar de concordarem com o argumento feminino os homens discordam da dimensão dada pelas mulheres à necessidade de diálogo.

Esses aspectos da comunicação entre mulheres e homens também foram por nós verificados, ainda que de forma breve, em outra ocasião (Wang, 2001). Embora tenhamos nos concentrado no estudo apenas da visão masculina a respeito de seus relacionamentos amorosos, alguns de nossos entrevistados admitiram por si sós a existência de eventuais conflitos com suas companheiras no que diz respeito à categoria “discutir a relação”. Seja quanto à necessidade ou não de conversar, seja sobre quando fazê-lo, os homens por nós, então, entrevistados,

demonstraram, contudo, uma espécie de cuidado com a relação. Ao evitarem conversar sobre questões por eles consideradas menores, argumentam que não querem transformar em problema algo que pode ser superado sem muito trauma, bastando que cada uma das partes adote uma postura “mais *light*”, relevando aquilo que não merece ser ponto de desgaste no relacionamento. Da mesma forma, ao quererem adiar uma conversa a respeito de algum fato impactante estão, na verdade, procurando evitar o risco de se exaltarem e falarem de forma inadequada, demonstrando também uma atitude de cuidado com a manutenção do respeito entre os parceiros na relação. Ou seja, aquilo que normalmente é interpretado pelas mulheres como resistência, descaso, ou “desculpa esfarrapada” é argumentado pelos homens de forma diametralmente oposta, passando a constituir um ponto de discórdia entre o casal.

Aqui verificam-se algumas das diferenças lingüísticas existentes entre mulheres e homens, que segundo Gilligan (1982) e Tannen (1991), por exemplo, derivam dos processos de socialização diferenciados por que passaram. Assim, é como se mulheres e homens falassem línguas diferentes, pois mesmo quando empregam as mesmas palavras podem estar se referindo a experiências completamente díspares. Então será que os homens têm que aprender a falar a língua das mulheres? Ou será que as mulheres têm que aprender a respeitar o silêncio masculino? Quem sabe uma combinação de ambos?

4.3. Demandas de feminização

Ao cruzarem os limites da casa em direção à rua, as mulheres esperam que os homens façam o caminho inverso. Na medida em que passam a ocupar parte do seu tempo com tarefas externas ao lar, ficam para trás tarefas da vida privada que continuam exigindo atenção. Mas, o cotidiano privado não se reduz a meras tarefas domésticas, sendo que as atividades ditas femininas são, na verdade, “gestos” de cuidado, carinho e atenção, uma vez que dizem respeito a inúmeras maneiras de se ocupar das necessidades do outro (Darcy de Oliveira, 2003). Assim, seria muito simplista e ingênuo acreditar que as exigências de uma participação mais efetiva do homem no universo privado se limitam apenas às trocas de fraldas, às idas ao supermercado e atividades afins. A participação efetiva do homem no universo privado deve ser, antes de tudo, uma participação afetiva.

Entretanto, como já foi exaustivamente comentado, à falta, já parcialmente superada, de liberdade da mulher no mundo masculino, corresponde a falta de fluência do homem no mundo feminino — castrações diferenciadas, mas castrações *quand même*... Se as mulheres estão sendo requisitadas a desempenhar inúmeros papéis dentro e fora de casa, os homens, que já eram cobrados por desempenho no trabalho, passaram a ser cobrados também na vida privada.

Ao ideal patriarcal de virilidade e potência sexual, corresponde também a imagem de um homem afetivamente mutilado e emocionalmente impotente. O homem anteriormente todo-poderoso se vê agora despreparado para enfrentar outro tipo de problema para o qual não foi suficientemente treinado e para o qual encontra-se desarmado (Badinter, 1992).

Ternura, delicadeza e sensibilidade são novas exigências impostas aos homens que até então tinham que ser “apenas” fortes, valentes, protetores, durões e bons provedores das necessidades materiais da mulher e dos filhos. Alguns dos homens entrevistados por Nolasco (1988) disseram que têm procurado atender a estas exigências de modo a serem melhor aceitos pelas mulheres, que, segundo dizem, têm preferido se relacionar com homens mais sensíveis e carinhosos.

De fato, as transformações que vêm ocorrendo na esfera dos relacionamentos afetivos também contribuíram para que as mulheres passassem a exigir mais de seus companheiros. Como diz Rosiska Darcy de Oliveira, “o provedor saiu do ar” e o que algumas mulheres, hoje, demandam dos homens está cada vez menos relacionado às suas contas bancárias. É bem verdade que muitas continuam anacronicamente mais interessadas no financiamento de suas necessidades pessoais e, por vezes, também futilidades, outras tantas querem tudo, carinho, atenção, sexo e financiamento, inclusive! Bem, a discussão destas questões tão controversas do universo feminino terão que ficar para uma outra ocasião e o que nos importa agora são as demandas das mulheres que efetivamente mudaram e que estão mais relacionadas à interação amorosa em si. Neste caso, além do muito que se tem falado quanto às exigências femininas no campo sexual, é preciso acrescentar que as expectativas das mulheres não são relativas exclusivamente à qualidade e/ou à quantidade de seus orgasmos, ou seja, no que diz respeito à satisfação conjugal, o que vem sendo priorizado por muitas delas está também relacionado a exigências por mais afeto, amor, atenção, carinho

e companheirismo, apesar destas não serem demandas necessariamente restritas às mulheres (Diehl, 2002).

A este respeito, citamos recente pesquisa sobre satisfação conjugal, realizada na PUC do Rio Grande do Sul e publicada no ano de 2002, com quarenta e cinco casais de classe média da cidade de Porto Alegre, com idades variando entre 21 e 65 anos, que destacou a valorização das trocas afetivas pela maior parte dos participantes, independentemente de sexo ou idade.

“(...) mais da metade dos sujeitos disseram que se satisfazem só de sentar e conversar com o(a) companheiro(a). (...) Com relação ao que gostariam de aperfeiçoar no relacionamento, 54,6% dos participantes gostariam que existisse mais carinho e afeto (...)” (Falcke, Diehl e Wagner, 2002, p.181)

Em outro trabalho, Diehl (2002) argumenta que, embora o comportamento sexual feminino possa ter se tornado similar à criticada forma masculina de tratar o sexo, “as mulheres parecem ter conservado sua sensibilidade e afetividade” e acrescenta que:

“O homem, por sua vez, apesar de estar se tornando mais companheiro e participativo, ainda parece estar distante da mulher na área da afetividade. Em razão de uma sociedade ainda machista e voltada para a noção de homem como sinônimo de força e desempenho, ele enfrenta sérios problemas para conciliar certas expectativas sociais, como por exemplo: ser viril, duro e forte como um homem, e ao mesmo tempo, sensível, meigo e carinhoso, sem parecer homossexual.” (Diehl, 2002, p.154-155)

Em suma, como vimos, ao menos em parte, também no tópico anterior, as mulheres parecem querer que os homens falem mais sobre o que pensam e sentem, querem conhecer os desejos e expectativas de seus parceiros e, mais uma vez, o que observamos em estudos acadêmicos sobre questões cotidianas, amplamente exploradas por publicações destinadas também ao público leigo, são reflexos de um contexto social bastante mais complexo. Neste caso específico, o dilema masculino face a demandas de feminização não é um problema circunscrito apenas às questões de gênero.

A modernidade inaugurada por René Descartes glorificou a razão, colocando-a num patamar que acreditava-se jamais poder ser ocupado por qualquer outra faculdade. Durante quase quatro séculos pensou-se que a lógica

objetiva era, senão o único, pelo menos, o melhor meio de se chegar às verdades que pareciam importar para o controle da natureza e da vida humana. Após um longo período de diversas revoluções que afetaram as relações políticas e sociais, observamos, hoje, a crescente valorização de atributos tais como delicadeza, sensibilidade e intuição, bem como, através de diferentes modalidades terapêuticas nos ocupamos, cada vez mais, de questões de ordem subjetiva.

Com a queda do patriarcado, estamos vivendo um processo de feminização não só do homem, mas também de diferentes formas de expressão humana no mundo. O ciclo de debates *Pecados e Virtudes* realizado na PUC-Rio durante o ano de 2000 é um pequeno retrato das preocupações atuais. Maria Clara Bingemer, por exemplo, falou sobre a urgência da delicadeza como meio de

“(...) redimir a violência e a grosseria que parecem tomar conta da vida e do mundo em que vivemos. É tempo de sermos delicados, atentos, pendentes do outro e de sua dor, de seu sofrimento, de sua necessidade, de seu desejo. Tornar-nos sensíveis e vulneráveis ao sentimento do outro que faz vibrar profunda e belamente e, às vezes, dolorosamente as cordas mais íntimas e profundas de nosso coração e de nosso sentir.” (Bingemer, 2001, p.58)

A feminização da sociedade passa pela valorização dos gestos de cuidado com o outro, sendo este um valor social primordial. Neste sentido, vale lembrar ainda, o trabalho incansável das milhares de organizações não-governamentais espalhadas pelo planeta que se ocupam diariamente de inúmeras questões vitais que assomam às esferas tanto da natureza quanto das relações sociais. O mutirão, a cooperação e o trabalho voluntário surgem como opções à competição e ao egoísmo desmedido.

Uma radicalização, talvez utópica, da lógica feminina que se opõe à lógica do capitalismo liberal, masculino por excelência, na qual o trabalho, visando o consumo, se impôs como prioridade na vida de mulheres e homens, seria a *reengenharia do tempo*, conforme proposta por Darcy de Oliveira (2003). A autora apresenta uma proposta verdadeiramente ambiciosa de equilíbrio entre as demandas da vida pública e as do espaço privado e, para tal, sugere que se tenha mais tempo para a vida privada.

“A reengenharia do tempo é uma tentativa de repensar o cotidiano de homens e mulheres (...) que envolve medidas práticas, como a alteração dos horários da administração pública, dos serviços públicos e das escolas; a diminuição ou a

remodelagem dos tempos de trabalho, flexibilizados dentro das empresas; mudanças nos espaços de trabalho para permitir maior investimento em casa; transformação das mentalidades nas relações de gênero. (...) A reengenharia do tempo é a condição de eficiência na produção de si e de uma sociedade revitalizada. É uma nova arte de viver.” (Darcy de Oliveira, 2003, p.16)

Segundo a autora, a articulação entre a vida profissional e vida privada é um problema da sociedade, de como ela se organiza e de quais valores ela prioriza. Por enquanto, o que observamos são as negociações privadas entre mulheres e homens, porque ainda não reconhecemos o valor social da vida privada que é, na verdade, o espaço primeiro de promoção da civilização. Ainda não nos demos conta de que “transformar uma pequena criatura, um bebê recém-nascido, em um ser humano, é um ato civilizatório por excelência”, nos diz Darcy de Oliveira (2003, p.39), e, por esta razão, as responsabilidades inerentes a ele não podem ser delegadas. O chamado trabalho doméstico pode ser realizado por terceiros, mas as responsabilidades afetivas constituem um núcleo insubstituível de funções relativas à transmissão aos filhos da certeza de amor e proteção, bem como de todo um conjunto de valores que os introduz ao mundo civilizado.

A *reengenharia do tempo* realocaria o tempo que, hoje, mulheres e homens dedicam integralmente ao trabalho, de tal forma que poderiam dispor de mais tempo de convivência familiar, para viverem com seus parceiros e filhos tudo aquilo que não tem sido vivido por falta de tempo.

“A reinvenção da articulação entre a vida privada e o mundo do trabalho, de modo a preservar o direito de ambos os sexos a usufruir ambos esses mundos, sem ter que sacrificar um ao outro, é um desafio da contemporaneidade.”

(Darcy de Oliveira, 2003, p.65)

Assim, a *reengenharia do tempo* não constituiria um benefício exclusivo às mulheres, mas, sim, um benefício para toda a sociedade, um benefício que mulheres e homens estariam fazendo a si mesmos e a todos. Em trabalho anterior a autora pensa a incorporação dos significados da vida privada pelos homens da seguinte forma:

“A presença dos homens no mundo das mulheres trará uma possibilidade simétrica de reconstrução do masculino. Talvez então se poderá falar de igualdade, porque a verdadeira igualdade é a aceitação da diferença sem

hierarquias. E a certeza da diferença permanecerá no corpo, e nele o encontro mais fecundo.” (Darcy de Oliveira, 1999 [1991], p.74)

5. Experiência amorosa e comunicação do sentimento

“Eu procuro o equilíbrio. Eu procuro deixar o emocional me conduzir, mas... usar a razão pra quê? Pra tentar avaliar e saber se o que eu tô sentindo realmente é aquilo ou não, né? Porque dizer é fácil, né? Mas, racionalmente você compreender algo que você tá sentindo... porque eu tenho sempre essa preocupação... de não magoar, entendeu? Mas, claro, que também, conseqüentemente, me proteger também, né?”

(Homem solteiro, 36 anos)

Neste último capítulo descrevemos o estudo de campo que realizamos durante o ano de 2003 com o intuito de verificar a influência dos estereótipos de gênero nas vivências amorosas masculinas. Quase vinte anos após os primeiros estudos brasileiros sobre masculinidade, o que mudou com relação à forma como alguns homens experimentam e expressam o sentimento amoroso em relações afetivas heterossexuais?

5.1. Estudo de Campo

O presente estudo foi realizado com doze sujeitos que descrevemos no item 5.1.1.3, no qual apresentamos as características gerais da amostra e detalhamos o perfil de cada um de nossos entrevistados. Procuramos não trabalhar com hipóteses previamente definidas, pois poderiam inibir nossa escuta, direcionando os resultados para um ponto de chegada pré-determinado. Ainda assim, encontramos algumas dificuldades que descrevemos no início do item 5.2 (Análise das Entrevistas). O interesse que norteou nossa ida ao campo foi tão somente realizar um levantamento sobre o peso dos estereótipos masculinos no que tange nosso objeto de estudo e, se possível, contribuir para a desconstrução de alguns deles.

5.1.1. Metodologia

Para a realização do presente estudo empregou-se o *método qualitativo de análise de discurso* (Nicolaci-da-Costa, 1989, 1992 e 1994), através do qual realizamos entrevistas semi-estruturadas, tendo como principal instrumento um roteiro com tópicos pertinentes à experiência amorosa e à comunicação de sentimentos.

5.1.1.1. Instrumento

Com a constante preocupação de não direcionar as respostas dos sujeitos, construímos um roteiro com tópicos a serem abordados através de perguntas abertas, de modo a permitir que os entrevistados falassem livremente sobre o que pensam e sentem a respeito dos temas constantes do roteiro em anexo.

Inicialmente, foi elaborado um roteiro-piloto que, após testado através de uma única entrevista, foi reescrito e novamente testado com dois outros sujeitos. A análise destas novas entrevistas-piloto levou a outras modificações, dando origem a uma terceira e última versão do roteiro, que foi, finalmente, empregado nas entrevistas que serviram como objeto para o presente estudo.

5.1.1.2. Procedimento

Com base na versão final do roteiro, foram realizadas doze entrevistas semi-estruturadas com duração média de quarenta e cinco minutos cada. O tempo de duração das entrevistas não foi previamente fixado, mas estimava-se que seria em torno de trinta minutos. Contudo, os tempos variaram bem mais do que o esperado devido à ampla dissimetria entre as falas que variaram desde as mais econômicas até as mais exaustivamente detalhadas. Assim, apenas uma entrevista transcorreu dentro do tempo previsto, duas ficaram abaixo dos trinta minutos previstos, sete duraram em torno de quarenta e cinco minutos e duas levaram mais de uma hora para serem concluídas.

Vale comentar os constrangimentos surgidos no tocante a este aspecto. Se, por um lado, fazer com que os entrevistados mais contidos (apenas três) falassem um pouco mais do que pareciam, inicialmente, dispostos gerou na entrevistadora a preocupação de não ser demasiado invasiva, por outro, cortar as falas dos entrevistados mais expansivos foi, além de constrangedor, muitas vezes frustrante, pois a necessidade de manter o foco das entrevistas entrava diretamente em conflito com o interesse em ouvir o que mais estes homens tinham para dizer. Mesmo correndo o risco de um afastamento excessivo da questão central, todas as vezes em que optou-se por deixar o entrevistado falar mais livremente foram recompensadas por falas muito enriquecedoras.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, em locais, datas e horários escolhidos pelos sujeitos. Todos os solteiros e um único casado optaram por ser entrevistados em suas próprias residências e os demais escolheram lugares

públicos variados: pilotis da PUC-Rio, cafés, bares, restaurantes e até um quiosque na praia do Leblon! Em *Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel* (1995), Maria Isabel Mendes de Almeida questionou “até que ponto cenários, contextos e circunstâncias tão diversos para a realização das entrevistas podem ter interferido em alguns dos resultados ou avaliações” de sua pesquisa também com homens de classe média. Por acreditarmos que as mesmas considerações poderiam se aplicar ao nosso estudo, procuramos nos manter alertas quanto a este aspecto.

Antes de iniciar cada entrevista era solicitada permissão para gravação, assegurando sigilo absoluto quanto à identidade do entrevistado. De imediato constatamos que nenhum sujeito pareceu intimidado pela gravação e, conforme também observado na pesquisa acima referida, em alguns casos, os próprios entrevistados se preocuparam com a qualidade da gravação devido ao elevado ruído ambiente.

Uma vez realizadas as entrevistas a maioria delas foi transcrita praticamente na íntegra, incluindo pausas, suspiros, hesitações, risos, etc — os trechos que fugiam muito do tema em estudo não foram transcritos. A análise dos dados coletados nas entrevistas seguiu o modelo de *análise qualitativa de discurso*, que foi dividida em três etapas (Nicolaci-da-Costa, 1989 e 1994).

Na primeira foi realizada uma *análise inter-sujeitos* na qual foram analisadas as respostas dadas por cada um dos sujeitos a cada um dos tópicos do roteiro. Desta forma, obtivemos uma idéia geral sobre como cada aspecto do tema em estudo é visto e experienciado pelos diferentes entrevistados. Respostas recorrentes serviram como indicadores de tendências gerais do grupo pesquisado, algumas das quais deram origem às categorias gerais de análise.

Na segunda etapa realizamos uma *análise intra-sujeitos*, na qual verificamos como cada entrevistado respondeu às diferentes perguntas do roteiro. Nesta fase, procuramos observar a ocorrência de opiniões antagônicas com relação a diferentes itens da pesquisa. Através da evidenciação de percepções e sentimentos contraditórios de um mesmo sujeito ao longo da entrevista, foi possível identificar algum grau de inconsistência em determinadas falas. As incoerências encontradas serviram como indicadores de possíveis conflitos com relação ao tema em questão.

Na terceira fase procuramos depurar todo o processo, retornando ao início e repetindo as duas primeiras etapas tantas vezes quanto necessário, de modo a

verificar outros indicadores que não foram detectados nas visadas anteriores, bem como para dirimir dúvidas quanto a alguns pontos obscurecidos pelas incoerências e contradições dos discursos dos diferentes entrevistados. Ao final, chegamos a um rol de categorias, algumas das quais não estavam previstas no roteiro, uma vez que as perguntas abertas permitiram a emergência espontânea de elementos inesperados que passaram a integrar o estudo a partir do momento em que foram considerados relevantes. Nossa análise contou, portanto, com questões formuladas tanto *a priori* quanto *a posteriori*.

5.1.1.3. Perfil dos entrevistados

O presente estudo foi realizado com doze homens heterossexuais, pertencentes à classe média, com curso superior (completo ou incompleto), moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Todos foram indicados por amigos, filhos, irmãos, namorado(a)s e/ou colegas de pessoas conhecidas da entrevistadora. No que diz respeito à distribuição etária, os sujeitos estão divididos em dois grupos: um composto por cinco homens com idades entre 24 e 30 anos e outro composto por sete homens com idades entre 40 e 47 anos.

Coincidente, mas não surpreendentemente, durante a realização da pesquisa, ainda que não houvesse a intenção de separar os sujeitos por estado civil, constatou-se que todos os integrantes do grupo mais jovem eram solteiros de direito e de fato, sem jamais terem vivido, mesmo que temporariamente, com namorada ou companheira — um único sujeito deste grupo mora sozinho, todos os demais moram com suas famílias de origem. Analogamente, no grupo dos homens com mais de 40 anos não havia nenhum solteiro — apenas dois não se casaram oficialmente, apesar de nomearem seus relacionamentos de “casamento” e suas companheiras de “esposa”. Um deles permanece “casado” há onze anos e outro, apesar de “separado”, viveu durante quatorze anos com sua única companheira. Em suma, no momento em que foram realizadas as entrevistas este grupo se distribuía da seguinte forma quanto ao estado civil: dois eram casados, três separados e dois eram recasados (um pela segunda vez e outro pela terceira vez).

A divisão dos sujeitos em duas faixas etárias teve por objetivo verificar, a presença de possíveis distinções, caso houvesse alguma, no que diz respeito à influência dos estereótipos de gênero nas vivências dos homens pesquisados.

Mesmo que não tenhamos trabalhado com uma hipótese explícita a este respeito, imaginávamos que pudessem haver diferenças entre as duas gerações, uma vez que os mais velhos nasceram entre a segunda metade da década de cinquenta e os primeiros anos da década de sessenta (entre 1956 e 1963) e os mais jovens nasceram todos ao longo dos anos setenta (de 1973 a 1979). Ou seja, os mais velhos nasceram no período em que o movimento feminista se encontrava em gestação no Brasil e cresceram em meio às lutas ainda incipientes de algumas mulheres pioneiras. Os mais jovens, por sua vez, nasceram e cresceram no período conhecido como o *boom* do feminismo, em meio a todos os questionamentos da *contracultura* e das lutas das minorias de que falamos anteriormente. Toda esta efervescência cultural foi vivida pelos mais velhos já na fase da adolescência, enquanto os mais jovens ainda eram crianças. Por esta razão, tínhamos a impressão de que talvez pudéssemos observar nos mais jovens uma postura mais atualizada com relação aos papéis de gênero e, portanto, menos estereotipada do que no grupo dos mais velhos. Achávamos que os com mais de quarenta anos, por terem sido educados em famílias que ainda se organizavam, talvez, segundo padrões mais tradicionais¹, poderiam ter suas experiências ainda muito marcadas por concepções patriarcais de gênero. Porém, como veremos mais adiante, não foi bem isso o que pudemos constatar, muito pelo contrário.

Também foi possível observar uma distribuição relativamente homogênea das idades dentre os dois grupos. A diferença de idades entre o mais novo e o mais velho de cada grupo é de seis anos no do grupo dos homens mais jovens e de sete anos no grupo dos homens mais velhos. Como consequência, as diferenças entre os mais novos e os mais velhos dos dois grupos também ficou equilibrada: o mais novo do grupo de homens abaixo de 30 anos tem dezesseis anos a menos que o mais novo do grupo de homens acima de 40 anos e o mais velho do grupo abaixo de 30 anos tem sete anos a menos que o mais velho do grupo acima de 40 anos.

¹ Famílias em que o pai é o principal provedor do sustento material, participando pouco da educação dos filhos, e a mãe é a principal, quando não única, responsável pelas trocas afetivas e pela administração de toda a vida doméstica, mesmo quando exerce atividade profissional em tempo integral.

Salientamos que, visando garantir a privacidade dos entrevistados, foram-lhes atribuídos nomes fictícios, bem como às parceiras e amigos por eles referenciados. Para tentar facilitar a leitura do item 4.2, no qual descrevemos a análise das entrevistas, tentamos atribuir nomes que pudessem auxiliar minimamente a identificação da faixa etária dos sujeitos. Portanto, a ordem dos nomes segue a cronologia das idades, sendo que os mais jovens têm nomes iniciados pelas letras de “D” a “G” e os mais velhos, por letras de “M” a “V”. Apresentamos abaixo uma descrição sucinta de cada um dos entrevistados:

Daniel, 24 anos, solteiro, estudante de direito e *videomaker*, mora com os pais em Ipanema, não tem filhos, não segue nenhuma religião e nunca fez nenhum tipo de psicoterapia, mas disse que poderia ser proveitoso — algum tempo após a realização da pesquisa, soubemos que havia começado tratamento com uma psicanalista. Há seis meses Daniel retomou um namoro de três anos que havia sido interrompido durante um ano devido à namorada ter ido estudar fora do país.

Eduardo, 25 anos, solteiro, bacharel em administração e microempresário, mora sozinho no Jardim Botânico, não tem filhos, não segue nenhuma religião e não faz psicoterapia. Seu único namoro teve início aos 19 anos e já dura seis anos. Eduardo relata sentir-se apreensivo por estar sendo pressionado a se casar.

Fábio, 26 anos, solteiro, formado em administração de empresa, desempregado e se preparando para fazer concurso público. Mora com a mãe em Copacabana, não tem filhos, é católico, mas também frequenta centros espíritas (“que era a religião do meu pai”), nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Namora há quatro meses uma mulher de 33 anos e diz que é comum se envolver com mulheres “um pouco mais velhas” do que ele.

Fred, 26 anos, solteiro, administrador de empresas, mora com a mãe e a irmã no Leblon, não tem filhos, diz-se católico, mas só frequenta igreja socialmente, nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Conta que já teve quatro namoradas dentre as quais gostou mais especialmente da penúltima delas. Seu último relacionamento terminou há pouco mais de um ano devido aos ciúmes excessivos da namorada.

Gabriel, 30 anos, solteiro, estudante de economia, mora com os pais e a irmã no Leblon, não tem filhos, é católico, nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Gabriel teve ao todo três namoros, com intervalo de seis anos entre o primeiro e o segundo, período durante o qual “ficou” com um número incontável pessoas: “Eu tava na guerra!”

Miguel, 40 anos, vive há onze anos com a companheira a quem se refere como “esposa” e quanto ao estado civil diz: “na verdade, eu sou solteiro, mas, de fé, eu sou casado”. Mestre em publicidade, professor universitário, reside no Jardim Botânico com “esposa” e duas filhas pequenas, não segue nenhuma religião, faz análise há oito anos.

Paulo, 41 anos, casado há onze anos, fez MBA em finanças, é gerente de informática de empresa multinacional, mora na Lagoa com a esposa e três filhas pequenas. Diz que não tem religião, mas como a esposa é muito católica (reza todo os dias à noite com as filhas antes de dormir), ele vai à missa “só pra acompanhá-la, pra dar uma força e pra dar exemplo pras crianças.” Durante a análise ficará claro que este “exemplo” é parte de todo um estilo de vida pautado por uma série de estereótipos.

Pedro, 41 anos, recasado pela terceira vez, administrador de empresas, mora com a “esposa” atual em Laranjeiras; tem duas filhas adolescentes do primeiro casamento; é agnóstico; fez psicoterapia durante dois anos (há aproximadamente sete anos atrás) após uma crise hipertensiva, desencadeada pelo falecimento da mãe, “mas que já vinha sendo gestada por graves problemas financeiros e conjugais” — é hipertenso desde os dezessete anos.

Rui, 43 anos, foi casado durante seis anos e está divorciado há cinco; é formado em comunicação social e trabalha com comércio exterior. Reside oficialmente em Copacabana com a irmã, mas passa grande parte do tempo na casa da atual namorada no Leblon; tem um casal de filhos (um menino de seis anos e uma menina de oito anos). É católico e costuma ir à igreja rezar “fora dos horários de missa”, além de freqüentar centros kardecistas. Fez psicoterapia

durante apenas três meses há seis anos e parou porque se envolveu com a psicoterapeuta, não tendo procurado outro profissional.

Tadeu, 45 anos, engenheiro, doutor em ciência da computação e professor universitário; recasado pela segunda vez há quatro anos, reside na Gávea com a atual companheira; não tem filhos; é agnóstico; nunca fez psicoterapia, “mas pensa em...”

Vicente, 47 anos, separado há dois anos, foi casado durante quatorze e tem uma filha adolescente. É sociólogo, doutorando em letras, cantor e compositor; reside no Leblon com o pai; é católico praticante e faz análise há um ano.

Victor, 47 anos, foi casado durante sete anos e está separado há onze; tem um filho adolescente e mora sozinho na Urca. Trabalha como analista financeiro; é “cristão-kardecista”; fez um ano de psicoterapia — iniciou uns nove meses antes de se separar em 1991 e prosseguiu até uns quatro meses após a separação. Entretanto, alega não ter buscado o tratamento em função dos problemas conjugais, mas, sim, para refletir sobre suas próprias questões independentemente do relacionamento com a ex-esposa.

Como última observação acrescentamos que os dados acerca de religião e psicoterapia foram incluídos como parte do perfil dos entrevistados por entendermos que, de um lado, a afiliação a determinados credos pode aprisionar o sujeito em um imaginário dogmático com repercussões em diferentes esferas da vida, muito especialmente no que concerne aos estereótipos de gênero e à vida amorosa. De outro, a experiência psicoterapêutica pode auxiliar o sujeito justamente a desconstruir certezas, a questionar verdades, a afrouxar algumas amarras e a desatar os nós que o aprisionam em papéis e padrões de comportamento que não lhe servem.

5.2. Análise das entrevistas

De uma forma geral, a atitude dos sujeitos durante as entrevistas foi bastante colaborativa. Desde a primeira pesquisa que realizamos durante o ano de 2000 (ainda não publicada) sobre a visão masculina quanto a relacionamentos afetivos,

alguns colegas e pessoas conhecidas questionavam a possibilidade de conseguirmos encontrar homens realmente dispostos a falar sobre suas vidas afetivas, principalmente para uma mulher. Nós mesmos, de certa forma, concordávamos que talvez não fosse muito fácil fazer com que falassem abertamente durante as entrevistas, o que pode ser um indicativo de como os estereótipos de gênero se fazem presentes de forma, muitas vezes automática, mesmo quando desejamos deles nos abster. No entanto, esta experiência mostrou que a realidade de alguns homens não confirma a “suposta regra” de que os homens não falam sobre sentimentos e vida íntima. Assim como toda regra, esta visão estereotipada do gênero masculino também tem suas exceções e, às vezes, em número bem maior do que costumamos imaginar. Por esta razão, foi também desconstruída pela pesquisa anterior a crença de que os homens ficam especialmente inibidos diante de uma entrevistadora do sexo feminino.

Contudo, muito provavelmente em função do universo em questão, a experiência de Muzio (1998) contraria a nossa. Quando solicitada pelas forças armadas cubanas a realizar um trabalho com grupos de homens a autora teve que enfrentar uma série de dificuldades justamente por ser mulher. Cansados de serem constantemente criticados por *machismo*, os militares custaram muito a se abrir diante de mais uma mulher que supunham estar ali exclusivamente para tentar corrigí-los.

Por outro lado, o problema do *outsider* é abordado em Mirandé (1997) como uma forte interferência no estabelecimento da confiança necessária entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador, uma vez que a maioria dos sujeitos que participaram de sua pesquisa não o consideravam como representante da cultura objeto de seu estudo. Mas a experiência de Nolasco (1993) revela uma outra faceta que talvez não tenha sido cogitada por Mirandé (1997). O pesquisador brasileiro relata receios e dúvidas por parte de seus entrevistados a respeito da delicada situação criada entre eles, pois, “para um homem, falar de seus medos e inseguranças para um outro homem é como ‘entregar de bandeja a própria cabeça para o inimigo’” (p.25-26).²

Mendes de Almeida (1995), por sua vez, parece não ter encontrado qualquer resistência por parte de seus entrevistados, cujas falas fluentes foram motivo de análise do que denominou “efeito torrente”. Outro aspecto de seu

trabalho que veio a ser de especial interesse ao presente estudo está relacionado ao fato da autora ter feito da tensão entre a subjetividade feminina da pesquisadora e a masculina de seus entrevistados questão central de sua análise, sendo que em vários pontos de seu relato é possível observar uma crítica contundente a atitudes tipicamente masculinas. Desta forma, o jogo intersubjetivo que fica claramente explicitado pela autora nega qualquer possibilidade de neutralidade comumente exigida pela atitude científica.

No que diz respeito à neutralidade do pesquisador, Gilberto Velho (1986) tece interessantes considerações acerca dos possíveis problemas que poderiam advir do fato de ter sua própria subjetividade envolvida com as questões estudadas:

“(…) Quando elegi a minha própria sociedade como objeto de pesquisa, assumi, desde o início, que fatalmente a minha subjetividade deveria ser, permanentemente, não só levada em consideração, mas incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Ou seja, deveria tentar não escamotear sua ‘interferência’, mas aprender a lidar com ela. Assim, permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções e crenças.” (Velho, 1986, p.17-18)

Retomando rapidamente o ponto de onde havíamos iniciado, gostaríamos de acrescentar que, alguns dos entrevistados falaram com desenvoltura desde o início das entrevistas, enquanto outros iam ficando mais à vontade aos poucos. Houve casos em que se mostraram intensos e passionais, chegando a dar a impressão de estarem aproveitando a ocasião até para “desabafar” algumas mágoas. Um se auto-intitulou como “verborrágico”, outros faziam questão de explicar com detalhes as razões pelas quais pensavam ou agiam de determinada maneira. Algumas destas explicações tinham um tom bastante psicologizado, o que não chegou a constituir uma surpresa, na medida em que é comum observar tais manifestações em indivíduos integrantes das classes médias urbanas (Velho, 1986 e 1987; Goldenberg, 1991). No caso de nossos entrevistados, a psicologização de seus discursos pode refletir também o fato de cinco deles já terem tido contato pessoal direto com a psicanálise ou com algum tipo de psicoterapia e, vale lembrar que, dois dos que nunca haviam se submetido a

² Ver capítulo 4, nota n.1, p.71.

nenhum tratamento deste tipo, disseram que pensavam em fazê-lo algum dia, um dos quais, começou a fazer análise pouco depois de ter participado da pesquisa.

Resistências iniciais...

Houve apenas três casos de atitudes que podem ser interpretadas como resistência por parte dos entrevistados, dos quais dois pertenciam ao grupo dos homens mais jovens. Ambos eram filhos de pessoas conhecidas da entrevistadora e, quando foram consultados por seus pais sobre a possibilidade de participarem da pesquisa, pareceram um pouco apreensivos e quiseram saber do que se tratava em detalhes. Como não obtinham as respostas que buscavam, antes de se decidirem a conceder as entrevistas perguntaram reiteradas vezes: “Mas o que é que ela quer saber?” “O que é que ela vai perguntar?” “Essa pesquisa é pra quê?” “Eu vou ter que responder tudo?” “Eu posso não responder alguma coisa se não quiser?”

Uma vez que aceitaram participar, fizemos contato diretamente para marcar data, hora e local para realização das entrevistas. Com um deles (Eduardo, 25 anos) o processo foi relativamente complicado e quando, finalmente, chegou a data marcada para nosso encontro, fizemos contato para confirmar o horário combinado e, ainda assim, ele chegou quase meia hora atrasado, dizendo que não poderia demorar muito, pois tinha um outro compromisso logo em seguida. Sua apreensão era evidente, apesar de ter sido simpático em oferecer *drinks* e salgadinhos, que foram aceitos como forma de tentar amenizar um pouco do clima tenso que havia se agravado pela constatação de seu desconforto. Em poucos minutos, “quebrado o gelo” inicial, Eduardo passou a falar com tanta naturalidade que era até difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa que anteriormente havia colocado tantas barreiras ao nosso contato. Por fim, obtidas todas as informações pertinentes ao estudo em questão, a entrevistadora teve que lembrá-lo por duas vezes de seu próximo compromisso, ao que ele respondia: “Não, tudo bem, o pessoal pode esperar, o papo tá tão bom!” Salientamos ainda que sua entrevista foi a segunda mais longa de todas.

Diferentemente de Eduardo, Daniel (24 anos) manteve-se reservado durante todo o tempo de duração da entrevista, mas, à sua maneira, foi cordial e colaborativo, o que, ao final, pareceu não muito diverso de sua forma habitual de lidar com suas namoradas e suas emoções, em geral.

Outras situações interessantes que ocorreram antes mesmo da realização das entrevistas foram relativas a Paulo (41 anos), Victor (47 anos) e Rui (43 anos). No caso de Paulo, nosso primeiro contato foi por *e-mail*, através do qual foi sondada sua disponibilidade de tempo, uma vez que é executivo de uma empresa multinacional, um homem tipicamente muito ocupado, que costuma viajar regularmente para fora do país. Reproduzimos abaixo sua resposta também via *e-mail*:

“Podemos conversar, sim, mas você precisa saber que eu sou um cara muito ‘pé no chão’ em termos de emoções e sentimentos. Amor, paixão, sentimentos íntimos, etc..... são importantes, mas administro isso de forma muito básica, muito preto no branco, sem grandes elucubrações. Não consigo me ver indo a um terapeuta/analista para resolver problemas íntimos. Talvez não seja o entrevistado ideal.” (Paulo, 41 anos)

Sua resposta nos suscitou de imediato algumas questões: Mas quem disse que a entrevista seria para falar sobre problemas? Por que Paulo associou a proposta de falar sobre sua vida afetiva com a idéia de falar sobre problemas? Será que pelo fato dos profissionais envolvidos na pesquisa serem psicólogos ele pensou que, necessariamente, deveria falar sobre seus problemas como numa sessão de psicoterapia e/ou de psicanálise? O que ele realmente entende por um “entrevistado ideal”? Pareceu-nos que esta sua noção de “ideal” estava atrelada aos novos estereótipos de *homem feminino*, *homem sensível* e afins, mas nossa curiosidade teve que esperar até o final de todo o processo de análise das demais entrevistas.

Muito interessante foi observar a argumentação de Victor, que também se considerava inadequado para a pesquisa por razões diametralmente opostas às de Paulo. Em contato telefônico, Victor disse mais ou menos o seguinte:

“Olha, pra mim não tem o menor problema conversar com você, seria até um prazer participar da sua pesquisa, mas é que eu acho que eu não sirvo pro que você tá querendo, pois eu não sou um homem muito comum... eu sou meio diferente dos homens normais, sabe? Porque eu não tenho nada desses machões... Eu, na verdade, sou um cara muito feminino, eu choro, dou banho em filho, faço feira, supermercado... essas coisas que mulher diz que gosta muito, mas...”
(Victor, 47 anos)

Sua abertura em nos relatar suas experiências era tal que Victor continuou falando por vários minutos até que, não obstante o enorme interesse que suscitava, foi delicadamente solicitado a deixar suas revelações para o momento da entrevista propriamente dita. Ou seja, apesar de seu sentimento de inadequação por considerar-se muito diferente da maioria dos homens, sua atitude durante todo o tempo não pode ser, absolutamente, considerada como resistente. Até pelo contrário, sua participação foi bastante colaborativa desde o início.

Por fim, mas não menos importante, citamos o caso de Rui, que insistiu em ser entrevistado, mesmo não sendo recomendável sua participação na pesquisa, devido à sua proximidade com a entrevistadora. Rui é namorado de uma pessoa conhecida e, apesar de não manterem quase contato algum além de duas ou três ocasiões sociais por ano, foi, inicialmente, contactado apenas para que indicasse algum amigo seu. De imediato ele quis participar, mas sua oferta foi gentilmente recusada mediante as devidas explicações. Alguns dias depois ele nos procurou dizendo que não tinha nenhum amigo para indicar no momento e, refutando todos os nossos argumentos, insistiu em participar dizendo que não havia problema algum, ao que acabamos cedendo, mesmo receando não ser plenamente adequado.

Preconceito por parte da entrevistadora?!

Outro exemplo de como a subjetividade da entrevistadora pode ter influenciado em suas avaliações diz respeito à entrevista de Gabriel (30 anos), que parecia querer se livrar logo da incumbência, mas ao final perguntou: “Só isso?!” Num primeiro momento, sua fala pareceu por demais econômica. “Fala masculina”, talvez, muito objetiva, curta, sem muitos detalhes, sem muitas explicações ou adjetivos. A análise desta entrevista em particular foi uma excelente oportunidade de observar os efeitos da fala de um homem sobre a própria escuta de uma entrevistadora mulher. Vale lembrar, novamente, o aspecto de tensão subjetiva, apontado em Mendes de Almeida (1995) e Tannen (1990) dentre outros, quando masculino e feminino se encontram e tentam dialogar.

Na verdade, em alguns momentos, a tarefa talvez tenha excedido alguns limites pessoais da entrevistadora, que por vezes se questionou sobre a aparente impossibilidade de ouvir homens com “ouvidos de mulher”. Mas se esta foi a escuta que pôde ser realizada, como fazê-lo de outra forma?

Gabriel falou pouco, mas não se negou a responder nenhuma questão, não se esquivou, falou sobre sua intimidade na medida do que lhe foi solicitado, se não falou mais foi porque a entrevistadora esteve todo o tempo preocupada em não ser excessivamente invasiva. Afinal, há que se levar em consideração o fato de que os sujeitos, que colaboraram oferecendo suas experiências e seus discursos como material para a realização deste estudo, foram procurados por nós, não foram eles que bateram à nossa porta solicitando que ouvíssemos suas questões como acontece nas situações clínicas. Por esta razão, a preocupação em não tentar ultrapassar determinados limites pode ter sido até prejudicial no que diz respeito à quantidade de informações obtidas. Mas, mesmo nos casos em que talvez pudéssemos ter nos detido um pouco mais em determinados pontos, acreditamos que conseguimos manter a qualidade desejada.

Ainda com relação ao aspecto intersubjetivo da situação de entrevista, analogamente ao que ocorreu com Gabriel, os sujeitos que falaram de modo mais expansivo e, por vezes, ruidoso, inicialmente, causaram uma certa estranheza. Vale, então, perguntar: Caso se tratasse de mulheres, será que a forma destes sujeitos se expressarem teria causado o mesmo impacto na entrevistadora? Será que justamente pelo fato de serem homens e de, no fundo, ter sido esperado que falassem menos um pouco, acabaram dando a impressão de desviantes? Neste caso, cabe ainda indagarmos a respeito da própria noção de desvio em questão. Desvio em relação a quê? Em relação aos estereótipos de gênero, é claro! Em relação ao que se espera de um homem, mesmo quando se pretende objetivamente vê-lo com olhos mais isentos, como se isso fosse subjetivamente possível, sobretudo quando o olhar da entrevistadora continua sendo feminino...

Bem, feitas estas ressalvas iniciais, apresentaremos a seguir as categorias centrais de nossa análise. Gostaríamos de lembrar, contudo, que o material obtido é extenso e não será possível, neste momento, expor tudo o que nele encontramos. Nos ateremos, portanto, ao que diz respeito mais estritamente às questões que nos colocamos com relação ao papel dos estereótipos de gênero nas vivências amorosas de nossos entrevistados, apesar de termos sempre em mente uma imagem mais global do que foi observado durante a análise das doze entrevistas realizadas.

5.2.1. Categorias de Análise

5.2.1.1. O sentimento

Como vimos no capítulo anterior, ao discutirem os problemas relacionados à identidade masculina, alguns autores afirmam uma grande dificuldade por parte dos homens em entrar em contato com seus próprios sentimentos, chegando ao extremo de sequer reconhecê-los, em alguns casos. Veremos a seguir como isto se apresenta no discurso dos homens por nós estudados.

Há seis meses Daniel retomou um namoro de três anos que havia sido interrompido, pois a namorada fora morar um ano no exterior. Ainda incerto quanto ao futuro da relação, conta sobre as dificuldades que têm surgido durante este período de readaptação.

“No começo foi bem difícil, porque você nem tá começando do zero, nem é o relacionamento de antes... é esquisito isso... porque é a mesma pessoa, você pensa que já conhece, mas ao mesmo tempo não, né... Se ela acha que eu mudei, imagina ela!” (Daniel, 24 anos)³

Diz que atualmente o relacionamento talvez esteja “um pouco mais sério” se comparado à experiência anterior, tanto em termos de “compromisso” quanto no que diz respeito a uma maior grau de “intimidade e unidade”. No entanto, não consegue definir o sentimento em si:

“Ela não é só uma pessoa que eu namoro... é um pouquinho mais...”
(Daniel, 24 anos)

Fábio fica a maior parte do tempo “solteiro” e raramente se envolve por muito tempo com alguém, mas com relação à pessoa com quem se relacionou durante mais tempo afirma o seguinte:

“Alguma coisa me ligava muito a ela, mas hoje eu vejo que eu já gostei até mais de outras pessoas, só que de repente não durou tanto, entendeu? Por algum motivo que eu... talvez eu tenha amadurecido mais e aprendido a lidar com certas coisas e... aí as coisas mudaram um pouco. Então, eu comecei a ver as coisas de um outro jeito e... até ser mais sincero mesmo... comigo, assim, com os meus

³ As reticências indicam pausas breves, denotando reflexão ou hesitação; as palavras sublinhas indicam ênfase no tom de voz do sujeito.

sentimentos e quando não dá certo uma coisa eu corto, como eu fiz. E, de repente, eu antes não fazia isso...” (Fábio, 26 anos)

Conta que a maioria dos relacionamentos termina pelo desgaste das cobranças e ciúmes, geralmente, infundados. Lamenta que tenha que ser assim, mas, por outro lado, orgulha-se de não mais insistir em manter uma relação em que não se sente bem. Com relação à pessoa de quem mais gostou relata:

“No início era muito legal, mas também acabou desgastando... Eu acho que eu amava ela, sim, mas não tenho certeza... acho que sim... Depois disso eu nunca mais gostei de ninguém assim, nunca mais senti isso... assim, dessa forma... Só a minha primeira namorada mesmo... mas foi uma coisa bem rápida. Essa coisa bem de euforia, né... De repente, agora, eu já tô bem mais tranquilo... você vai amadurecendo, né... e você vai encarando as coisas de outro jeito também...”

(Fábio, 26 anos)

Explica que desenvolveu um certo censo crítico com relação à empolgação inicial, pois sabe que a idealização sempre dá lugar a uma realidade bem diferente.

A experiência de Eduardo é oposta à de Fábio, pois mesmo não estando seguro quanto ao que sente pela namorada, não consegue sair da relação.

“Eu sinto uma vontade incondicional de tê-la ao meu lado, entendeu? Um sentimento poderoso, assim do ponto de vista fraternal e forte do ponto de vista como mulher... mas eu não sei se isso é amor... eu só sei que não tê-la nunca mais ao meu lado deixaria um vazio imenso...” (Eduardo, 25 anos)

Esclarece que está com a mesma pessoa há seis anos e fala longamente sobre uma série de conflitos que tem enfrentado ultimamente. Tem uma ligação muito forte com a namorada, diz que não consegue se imaginar vivendo sem ela, mas algumas vezes provoca discussões como pretexto para se afastar momentaneamente (“tipo dar um tempo”). Admite que a motivação para o afastamento é o desejo de se relacionar com outras mulheres, embora afirme um excelente entrosamento sexual com a namorada. Em tom de confissão, acrescenta que esta é a única maneira de se sentir “menos culpado” por estar sendo infiel, apesar do artifício não surtir muito efeito, uma vez que, em seu íntimo, sabe de suas reais intenções. O que mais o perturba atualmente é o fato de estar sendo pressionado a se casar, pois acredita que depois de casado não poderá prosseguir com este tipo de comportamento. Ao mesmo tempo não tem vontade de terminar

o namoro, pois gosta muito dela e, além disso, tem muita dificuldade em se afastar das pessoas devido ao que se referiu como “um problema de vínculo”.

“Se chegar ao ponto de ter que cortar o vínculo com ela eu sei que eu vou sofrer pra caramba! Eu tenho esse problema, eu tenho pena de terminar com o vínculo... não é pena dela, vê se me entende. Eu tenho esse problema de vínculo com as pessoas, eu me apego muito... não sei lidar... fica parecendo uma perda... Eu tenho esse problema, eu não consigo *move on*... Eu preferiria me apegar menos às pessoas, qualquer pessoa, até amigo mesmo... eu acho que a minha vida seria mais agilizada. (...) Pra mim o mundo ideal seria assim... o ideal seria ter uma pessoa assim e ao mesmo tempo não ter que deixar de fazer nada só pra ficar com ela. Eu seria cem por cento feliz!” (Eduardo, 25 anos)

Não obstante as particularidades do discurso de Eduardo ele espelha um tipo de queixa que surgiu nas falas da maioria dos entrevistados mais jovens, no que diz respeito aos ciúmes excessivos de suas namoradas e à necessidade de um pouco mais de liberdade para estarem com os amigos mesmo que não seja para “azaração” ou “zoação”. Segundo dizem, este “problema” é a principal fonte de “estresse” e “desgaste” dos relacionamentos. A principal exceção foi mencionada por Fred, como mostraremos logo a seguir, além de Daniel e do próprio Eduardo afirmarem ter conseguido “ensinar” às namoradas a aproveitar a companhia de suas amigas sem a presença deles, de tal modo que, hoje, já entendem que eles tenham o mesmo prazer sem que isso represente nenhuma ameaça à estabilidade da relação, até mesmo pelo contrário.

Fred, por sua vez, fala sobre uma ex-namorada com ar de arrependimento, pois acredita que terminaram por “orgulho e imaturidade”:

“Foi por bobagem, sabe... a gente teve uma briguinha à toa e... aí, o tempo foi passando e acabou que um nunca mais ligou pro outro. (...) Ela foi a única que eu acho que eu amei... só que na época eu não sabia disso... Eu gostava de tudo nela, sabe...” (Fred, 26 anos)

Diz que o “único problema” do relacionamento residia no fato dela “estudar demais” e de “sobrar pouco tempo” para ficarem juntos. Ao rememorar a razão da “briguinha à toa” dá a impressão de efetivamente sentir-se desprestigiado pela ex-namorada, apesar de aproveitar estas ocasiões para sair com os amigos sem que ela se queixasse de ciúmes como acontecia freqüentemente com as demais namoradas.

Gabriel fala aliviado do fim de um relacionamento que considerava “meio neurótico”, pois havia pouco respeito pelos espaços individuais e “muitas cobranças” diretas e indiretas de ambas as partes. Atualmente, namora uma menina onze anos mais nova do que ele e parece completamente apaixonado:

“Ela é uma pessoa como eu nunca tive! Por incrível que pareça, completa... Apesar da idade, é muito madura, tem uma cabeça muito boa, nada a ver com o pessoal da idade dela. (...) Eu posso falar, com certeza, que eu a amo de verdade!”
(Gabriel, 30 anos)

Miguel, que diz ter sido pouco “namorador”, vive há onze anos com a “esposa” e seu discurso reflete bem a maturidade do relacionamento:

“Ah, eu acho complicado descrever o que eu sinto por ela... Amor, com certeza! Mas esse amor durante esses onze anos ele foi é... Sabe quando você joga uma pedrinha num rio? As ondas vão, batem na margem, voltam... Eu acho que é mais ou menos isso: ele vai numa direção qualquer e daqui a pouco ele volta a ser igualzinho ao que era há cinco ou seis anos atrás. (...) Eu não sei se é uma evolução... ele muda, mas ele às vezes volta a ser o amor de namorado, né... às vezes meio apaixonado... daqui a pouco já está como amigo de novo, contando as coisas mais íntimas... Fica aí, fica variando nisso...” (Miguel, 40 anos)

Paulo diz que teve “três grandes namoros” antes de conhecer a esposa e fala longamente sobre o último deles. Conta que apesar da “total afinidade sexual” não concordavam em muitos outros aspectos e a família dele era, de certa forma, contra o namoro, pois achava que ele era mais dedicado do que ela. Lembra: “No início eu gostava por nós dois... ela foi a mulher que mais mexeu comigo...” Depois de aproximadamente três anos de freqüentes desentendimentos, acabaram se afastando, pois ele foi convidado a trabalhar um ano fora do Brasil e quando voltou ela já estava de casamento marcado com outro homem.

“Foi uma paixão muito grande e se não fossem esses problemas todos... essas divergências, eu estaria casado com ela hoje, mesmo com a família não gostando...” (Paulo, 41 anos)

Sobre a esposa refere também um excelente entrosamento sexual, além de sentir-se “muito orgulhoso” por ter conseguido constituir uma família nos moldes por ele idealizados. Ao longo da entrevista Paulo dá várias informações que

confirmam um estilo de vida bastante tradicional e marcado por uma série de estereótipos, contrastando muito com os demais entrevistados de sua faixa etária.

“Chegou uma fase em que eu já sabia exatamente o que eu queria: chega de putaria, né, já tá na hora de parar... Eu sempre quis muito uma família certinha, tradicional... Então, eu já tava com quase trinta anos... aí, eu tive a sorte de encontrar a Patrícia que encaixou bem... encaixou bem no meu modelão...”

(Paulo, 41 anos)

Esclarece que o “modelão” a que se refere diz respeito ao estereótipo de “mulher pra casar” e quanto ao que sente por ela afirma:

“Eu amo a minha esposa, tá, mas... eu acho que alguém já falou isso e... já virou até lugar comum, mas depois de três filhos e onze anos de casamento, outras coisas passam a contar no relacionamento, né... Essa coisa do companheirismo, essa coisa do gostar, essa coisa da preocupação... essa necessidade de estar junto... a dedicação dela como mãe, como profissional, como esposa... Quer dizer, essas coisas contam mesmo pra cacete! (...) Eu acho que é isso, né, ela é uma puta companheira e... a gente nunca pode dizer como vai ser o dia de amanhã, mas ela é uma pessoa com a qual eu pretendo viver ainda por bastante tempo.” (Paulo, 41 anos)

Mais tarde acrescenta que amou a namorada anterior de uma outra forma, com muito mais emoção talvez, pois ela “chacoalhava mais a sua vida”, enquanto o amor que sente pela esposa está mais vinculado a uma busca por estabilidade.

“Eu acho que é exatamente isso: com a Ana era uma montanha-russa e com a Tereza é um passeio mais tranquilo, né... Mas era isso o que eu tava buscando, é isso o que eu busco, atualmente...” (Paulo, 41 anos)

Pedro está casado pela quarta vez e fez questão de falar detalhadamente sobre cada um de seus relacionamentos. Refere-se à atual esposa da seguinte forma:

“Essa agora... se você pegar tudo o que eu tô te falando, nessa minha verborragia toda... é a que tem pontos... tudo o que tinha de positivo nos outros relacionamentos ela também tem... e tem mais outros também! Tem coisas negativas? Tem, claro que tem! Mas são coisas que eu já passei e sei que são tranquilas de passar se precisar de novo. É claro que o último [casamento] é sempre aquele que a gente mais bota fé, né... A gente sempre acha que encontrou a pessoa certa naquela hora... Eu já achei isso várias vezes! (Risos) Às vezes eu até brinco: se não for com essa, vai ser muito difícil ser com qualquer outra!”

(Pedro, 41 anos)

Lamenta que as pessoas não costumam levá-lo a sério a este respeito, o que o incomoda “tremendamente”, pois todas as separações foram “muito sofridas”. Lembra que sempre “investiu muito” em todos os relacionamentos e que “preferiria que tivesse dado certo logo com a primeira”:

“Quando eu me casei com a minha primeira mulher eu não queria ter me casado com a segunda, quando casei com a segunda eu não queria a terceira e quando casei com a terceira eu não queria ter me casado com a quarta... E tô na quarta! E não quero a quinta! Então as pessoas desvalorizam isso, achando que é fácil pra você e não é... é muito difícil! (...) Se você acredita naquilo, você não vai querer ver acabar... mas as pessoas não entendem... inclusive, porque a maioria continua muita cretinamente, junto, sim, mas falando mal um do outro! Não é isso o que eu quero pra mim... eu acho que eu ainda sou um romântico, entendeu... eu quero acreditar nisso... eu quero uma relação que valha a pena de verdade... em todos os sentidos...” (Pedro, 41 anos)

Ao que parece Pedro permanece em busca da realização do desejo idealizado de uma relação “completa” e quanto ao sentimento com relação à esposa atual, diz:

“O que eu tenho pela Júlia é o amor que eu sempre quis ter: amor com tesão, com paixão, com amizade, tudo! Tudo de mais profundo e de muito mais forte! Porque tesão não é paixão e paixão não é amor, mas com ela eu tenho tudo isso junto!”
(Pedro, 41 anos)

Rui é divorciado e há dois anos reencontrou uma ex-namorada do tempo de adolescência. Conta que sempre foi “muito mulherengo” e que até reencontrá-la nunca havia entendido porque jamais a havia esquecido, nem porque sempre se lembrava dela com tanto carinho toda vez que passava pela rua onde morara há quase vinte anos atrás. Diz que era “muito arrogante e egoísta” e que esta é a primeira vez em que “entra de cabeça” em um relacionamento, apesar de achar que “abriu demais a guarda”, uma vez que “ela não se entrega muito facilmente”. Assim como Pedro e Gabriel, Rui parece bastante apaixonado, apesar de não tão esperançoso como os demais no que diz respeito ao futuro do relacionamento.

“Ela é a mulher da minha vida! Eu amo a Beatriz demais! (...) O amor é o lado maduro, o negócio do companheirismo, das qualidades, né... mas também tem o lance da paixão, né, essa coisa química... Eu falo pra ela que eu gosto dela de graça! (...) Eu gosto de estar com ela, eu gosto de sair com ela, eu gosto de ver televisão com ela... eu gosto de tudo com ela! (...) Eu me sinto completo com ela... eu só gostaria que ela tentasse resolver essa coisa, né... fazer essa viagem

dentro dela... esse amadurecimento dos sentimentos, entendeu... dar um pouco mais de abertura... Eu gostaria de ter reencontrado ela há uns dez anos atrás... se bem que naquela época talvez não tivesse dado certo, mas, se eu pudesse, ela seria a mãe dos meus filhos e eu seria o pai do filho dela. É por aí que eu penso, eu gostaria que ela fosse a mulher com quem eu vou viver pro resto da minha vida...” (Rui, 43 anos)

Tadeu já foi casado duas vezes e vive com sua terceira companheira há quatro anos. Teve apenas uma namorada antes de se casar pela primeira vez e todas as demais tornaram-se suas esposas.

“Ah, eu amo a Joana, claro! Assim como amei as outras... não que tenha amado igual, porque nunca é igual, mas... eu já amei, já me apaixonei diversas vezes! É muito bom! Eu acho que o amor é uma coisa natural e... que faz parte da nossa dimensão humana... Isso parece chavão, mas é uma coisa muito comum e... ao mesmo tempo muito especial e... você não querer se apaixonar é você querer negar a sua própria humanidade.” (Tadeu, 45 anos)

Tadeu faz referência e cantarola um trecho de uma canção pouco conhecida de Geraldo de Azevedo e Renato Rocha, cuja letra reproduzimos abaixo. Chamamos desde já a atenção para o fato de que mais adiante ele vai discorrer sobre as limitações da linguagem para comunicar os sentimentos.

Inclinações Musicais

Quem inventou o amor
 Teve certamente inclinações musicais
 Quantas canções parecidas
 E tão desiguais
 Como as coisas da vida
 Coisas que são parecidas
 Feito impressões digitais
 No violão essa mesma subida
 Na voz a rima de sempre
 Coração, essa mesma batida
 Que bate tão diferente
 Quando acontece na gente
 O mesmo amor
 É um amor diferente demais
 Quem inventou o amor
 Teve certamente inclinações musicais

Geraldo Azevedo / Renato Rocha

Victor foi casado durante oito anos, está separado há onze e não mantém nenhum relacionamento estável atualmente, mas relata vários amores e paixões desde que se separou. Curiosamente, também emprega uma referência musical para descrever a forma como lida com suas emoções.

“Eu sou um apaixonado por natureza! Quando o Lulu Santos falou que ele era o último romântico é porque ele não me conhecia! (Risos)” (Victor, 47 anos)

Esclarece que a ex-esposa não foi a mulher que mais amou e que hoje, após tantos anos, “fica até difícil dizer exatamente o que sentia por ela”, inclusive porque nos últimos anos o relacionamento foi muito conturbado, o que contribuiu para que tivesse confundidas também as emoções.

Vicente foi casado durante quatorze anos, está separado há dois anos e, apesar de ter inicialmente parecido bastante expansivo e bem-humorado, em alguns momentos falou de forma visivelmente emocionada, com a voz embargada e os olhos marejados. Nestas ocasiões, chegamos a propor interromper a entrevista, mas ele insistia em prosseguir. Sobre seu sentimento pela ex-esposa disse o seguinte:

“Eu tava, assim, querendo achar alguém e achei! (...) É, eu queira uma companheira... mas, claro, rolou uma paixão louca também! Pô, teve dois anos disso... no início eu era muito feliz...” (Vicente, 47 anos)

Em outro momento da entrevista, ao relatar sobre um período de muita prosperidade financeira, devido ao grande sucesso de sua banda, que coincidiu com a gravidez da esposa e o nascimento da filha, ambos muito desejados e celebrados, Vicente acrescenta:

“Pô, cara, lua-de-mel eterna! (...) Você tá com a família que ama e... p-, cara, p-q-p! Se eu fosse dizer... eu sou um privilegiado! Eu já cheguei... eu sei o que é o céu!” (Vicente, 47 anos)

A partir destes relatos podemos observar uma espécie de incerteza ou pouca clareza por parte dos entrevistados mais jovens com relação à definição do que sentem ou sentiam por suas namoradas ou ex-namoradas. Os mais velhos, por

outro lado, parecem já ter tido mais tempo para se questionar a este respeito, apresentando-se um pouco mais seguros neste aspecto.

5.2.1.2. A comunicação

Como veremos a seguir, as respostas de nossos entrevistados variaram denotando posturas desde as mais reservadas até as de franca exposição de sentimentos também nesta categoria.

Fábio conta que, em geral, suas namoradas não sabem muito a respeito de seus sentimentos, porque não costumam conversar sobre isso. Vale lembrar que, com exceção de um único namoro que durou um ano e meio e que terminou há aproximadamente dois anos, seus relacionamentos raramente passam de cinco ou seis meses, a maioria dura em torno de três ou quatro meses apenas. Ou seja, talvez nunca cheguem ao ponto em que se tornam comuns os momentos de “discutir a relação”, apesar de ter afirmado que sempre há “muitas cobranças” e que, por esta razão, a “empolgação do início acaba esfriando”. De qualquer forma diz:

“É difícil uma pessoa conversar sobre essa coisa assim... ou porque tem vergonha ou porque, de repente... acha que está se expondo demais...” (Fábio, 26 anos)

Carinho, atenção, interesse, preocupação e companheirismo foram citados pela maioria dos entrevistados como importantes vias de comunicação do sentimento por suas companheiras. Os sujeitos que se limitam a estas formas de demonstração, sem conseguirem expressar verbalmente o que sentem, dizem que suas companheiras não chegam a questionar seus sentimentos, porque os “conhecem” e conseguem, de alguma forma, interpretar suas atitudes.

“Eu nunca fui muito de falar, eu sou mais de demonstrar...” (Eduardo, 25 anos)

“Eu já fui mais de falar... eu não sou de ficar fazendo declaração de amor e tal... mas eu sou muito carinhoso, eu sou bastante atencioso... com ela e com as coisas dela...” (Daniel, 24 anos)

“Eu sempre fui muito fechado e ela reclamava que eu não conversava da relação, eu não gostava de ficar discutindo... Eu não sou de falar, prefiro agir do que ficar, assim, conversando... Mas eu faço questão de mostrar, né... com gestos e... com

atitudes que também servem pra mostrar o que eu tô sentindo, né... e aí, pô, dava pra ela saber...” (Fred, 26 anos)

Mais adiante Fred acrescenta que “gosta muito de agradar e fazer surpresas” e, para tal, lança mão de uma série de comportamentos bastante tradicionais:

“Todo mês, no aniversário de namoro, eu mandava flores com cartão... às vezes, a gente saía pra jantar fora, assim do nada... nenhuma data... e eu passava antes no restaurante e deixava um buquê com o maître pra entregar mais tarde. Eu gosto, sabe, dessas coisas...” (Fred, 26 anos)

Paulo não admite textualmente a dificuldade em falar de seu sentimento para a esposa, afirma “fazer o básico” e acha que ela “sabe de sua importância na vida dele”. Esclarece que “fazer o básico” significa estar atento, elogiar e também criticar...

“Eu falo, eu falo... eu faço o básico, né? (...) Eu não sou aquele cara de aparecer com flores, eu não sou aquele cara de aparecer com alguma coisa diferente... Não sou. Mas, eu elogio quando ela tá bonita... eu percebo coisas quando mudam com ela, também critico quando não gosto. Eu acho que eu n-não deixo... eu reparo nessas coisas e eu comento. Agora, aquela coisa do romantismo tradicional eu acho que eu não sou, não...” (Paulo, 41 anos)

Miguel diz que sempre conversou muito com a esposa sobre diversos assuntos e que eles têm uma ligação muito forte de companheirismo, amizade e cumplicidade desde quando ainda sequer namoravam. Conta que eram tão unidos que um amigo comum os chamava de “Tamba e Tajá”. Explica:

“São duas árvores que, segundo dizem, só crescem uma ao lado da outra. Você não vê um tajá sem que haja uma tamba por perto e vice-versa... eles vivem juntos... lá no interior do Brasil...” (Miguel, 40 anos)

Apesar da poesia de seu relato, não foi nada fácil saber como expressa o que sente por sua esposa, pois Miguel parece ser muito tímido. Em alguns momentos suas respostas foram evasivas, dificultando o acesso ao que queríamos saber, uma vez que, como já dissemos, procuramos respeitar ao máximo os entrevistados, evitando constrangê-los além do mínimo inevitável e inerente à

própria situação de entrevista. Mesmo assim, é possível que para ele, mais do que para os outros, tenha sido um pouco penoso falar sobre sua vida íntima, apesar de tê-lo negado quando perguntado ao final da entrevista.

“É... a gente bate muito papo, né... a gente fala sobre como se relacionar com as crianças e... falamos bobagens também. (...) Falamos sobre nós, claro!”
(Miguel, 40 anos)

Alguns dos sujeitos entrevistados não aparentaram ter nenhuma dificuldade em falar abertamente sobre o que sentem por e para suas companheiras, chegando, algumas vezes, a ser bastante enfáticos em seus relatos.

“Eu sou daqueles que abre porta, puxa cadeira, manda flores, escreve cartão, faz declaração de amor... tudo bem paraíba mesmo! (Risos) São coisas bem ultrapassadas... o que não deveria... eu falo mesmo que eu gosto e não tô nem aí! Os valores estão invertidos de uma maneira que, pô, nada a ver...”
(Gabriel, 30 anos)

“Eu demonstro o que eu sinto por ela em atos, em palavras, em atitudes... eu sou parceiro, sou companheiro... lavo, passo, cozinho... (Risos) Eu digo, conforme eu te falei, e ela sabe disso... que ela é a mulher da minha vida! E eu demonstro isso... eu falo, eu compro flores, presentes... coisas bobas, sabe, não necessariamente presentes caros... faço cartãozinho, elogio... Eu encho a bola dela o tempo todo e ela diz que eu tô lambendo ela! Aí eu digo: ‘Não tô lambendo nada, isso é carinho sua boba!’” (Rui, 43 anos)

“Ah, eu sempre fui muito amoroso com as pessoas... de falar, de escrever... eu nunca tive medo de mostrar aquilo que eu tô sentindo por uma pessoa, entendeu? Assim como não tenho medo de me entregar em qualquer relacionamento. Simplesmente não tenho medo, porque eu sei que se acabar eu não morro. (...) Eu não tenho medo de ser feliz... e se tiver que sofrer, eu sofro também! (...) Eu sempre fui muito amoroso, mandava flor... só que com a mãe do meu filho era aquela coisa, né: ‘pô, você aprontou alguma!’ (...) Mas, diferente da maioria dos homens que eu conheço, eu sempre demonstrei muito os meus sentimentos sem problema nenhum...” (Victor, 47 anos)

“Todas sempre souberam de tudo o que eu penso e sinto, porque eu sempre falei. Todas elas sempre souberam o que elas tinham que me fazia feliz e o que elas tinham que não batia e em que proporção. (...) Então, eu sempre falo, as coisas boas e as coisas ruins... sabe, eu sou daqueles homens que gostam de discutir a relação. (Risos) Eu falo, eu falo muito até! Faço declaração de amor, choro... eu me reservo o direito de chorar, de rir e de xingar. (...) As minhas reações até não são consideradas, às vezes, pelo grande público, adequadas, mas eu me reservo o direito de colocar pra fora como eu acho que tenho que colocar, tá. É claro que cometo muitos enganos... muitas falhas... isso, assim, do lado ruim... mas em

compensação, do lado bom... Eu adoro pegar a minha mulher e beijar, dizer que eu a amo, que morro de tesão por ela! Adoro mandar flores, adoro comprar presente! Adoro todas estas coisas! Como adoro receber também!”⁴

(Pedro, 41 anos)

Tadeu foi um pouco menos eloqüente e fez uma distinção entre dois momentos do relacionamento. Afirma se expressar “tranqüilamente” quando já é íntimo da pessoa, mas alega dificuldades de fazê-lo quando ainda não tem certeza se seu sentimento é correspondido.

“Ah, eu digo, assim... que sou apaixonado por ela... e todas aquelas coisas... sem o menor problema! Ainda mais quando a gente é correspondido, quando a gente pode dizer tranqüilamente. (...) A gente só se sente intimidado quando a pessoa não corresponde ou quando a pessoa não é íntima, mas quando a pessoa já é íntima e... é uma pessoa que a gente entende que é... de preferência que esteja apaixonada pela gente também, é tranqüilo... Mas, eu acho que falar textualmente é um negócio complicado prá mim. Eu preciso ter certeza de que eu vou ser bem recebido antes de falar... E tem uma série de mensagens, assim, não verbais que a gente recebe, né... existe uma comunicação não explícita desse assunto antes de você falar explicitamente que tá apaixonado... eu me sinto pouco confortável prá abrir o assunto diretamente...” (Tadeu, 45 anos)

Um pouco mais adiante Tadeu acrescenta que nem sempre consegue transmitir a totalidade de seu sentimento, mesmo quando já está envolvido com a pessoa há algum tempo:

“Eu acho que às vezes eu passo muito a impressão de ser uma pessoa fria. Porque eu sou muito distraído, eu sou muito brincalhão e... normalmente, a paixão, ela é... eu acho que ela é associada a uma pessoa que é focalizada, que é intensa... e eu sou distraído e brincalhão... então, os dois conceitos são um pouco antagônicos... Então, eu acho, às vezes, que a pessoa acha que eu tô brincando ou que eu não tô levando a sério...” (Tadeu, 45 anos)

Como não estava claro o que queria dizer, prosseguiu com uma reflexão bastante interessante sobre a problemática da comunicação do sentimento e falou quase teoricamente sobre sua dificuldade pessoal:

“Não sei, eu acho que ser apaixonado é um negócio muito profundo, que tem muitas facetas, e você transmitir isso completamente... eu acho que esbarra um

⁴ É interessante notar que, assim como Paulo, Pedro relata também sobre a expressão do que Vicente vai chamar mais adiante de “maus sentimentos”. Deixamos indicada aqui a idéia de que, não obstante hajam idealizações, estes homens também parecem realistas, além de deixarem transparecer também uma certa dureza ou frieza...

pouco no próprio meio da linguagem. Você prá transmitir isso... muito bem... você precisa ser uma pessoa que domina muito bem a linguagem... e mesmo assim eu acho difícil. Eu acho que você transmitir isso, às vezes, é pontual. Às vezes, você consegue dar essa impressão, mas, reiteradamente, é difícil. Eu acho difícil você comunicar a sua paixão reiteradamente e ser... até ser sincero reiteradamente. Porque a sua paixão flutua com o tempo e, às vezes, você está mais imbuído da paixão... e tá mais imbuído do desejo de ser compreendido na sua paixão. Eu acho que a comunicação verbal ela é só corroborativa, mas ela não é... ela não transmite a paixão... Duvido! A não ser que seja um poeta, mas esse não é o meu caso. (Risos)” (Tadeu, 45 anos)

Tadeu aponta uma dificuldade sua como sendo de ordem lingüística, mas não necessariamente relacionada a uma questão específica de gênero, e talvez possamos afirmar com alguma segurança que este foi o motivo que o levou a cantarolar uma canção quando tentava explicitar o seu próprio sentimento.

Vicente também foi muito vago quanto aos recursos que costumava empregar na comunicação de seu sentimento para a ex-esposa:

“Claro que ela sabia, eu demonstrava! (...) Ah, várias coisas, vários momentos... carinho... a gente se curtia... via filme juntos, almoçava juntos... sempre saíamos juntos...” (Vicente, 47 anos)

Como é compositor, perguntamos se fez letra de música para a ex-esposa, ao que ele respondeu: “Fiz. Claro que fiz! Pior é que foi no final, você acredita?” Logo em seguida, divaga teorizando sobre o processo de construção de uma letra de música ou de um poema e sobre como as palavras bem combinadas podem formar um bela estética sem necessariamente expressar um sentimento real.

“Letra de música é uma coisa muito engraçada, sabe? Porque você vai montando a coisa... sobre um sentimento... mas não necessariamente... Por exemplo, eu tenho uma música que eu fiz... uma música que era... eu amo alguém que eu não conheço. (Longa pausa) Então, quer dizer, você sempre foca essas coisas... quer dizer, letra de música... eu não considero, assim... um parâmetro de gostar, entendeu? Não considero. Assim como não considero a grande poesia... a poesia quando o cara ssssseente (sussurra lentamente enfatizando a idéia de um sentimento profundo)... Eu não acredito nisso. Eu acredito que as palavras, elas têm combinações... e à medida que elas combinam, elas formam pensamentos, entendeu? Elas não são... eu não acredito nessa coisa de dizer: ‘Nossa, que palavras bonitas!’ (Pausa) Não, tudo bem, você pode até escrever bonito, mas não... pode escrever de uma maneira genial... mas não necessariamente com aquela coisa, aquele sentimento que as pessoas conf-... pensam que é...”

(Vicente, 47 anos)

Insistimos um pouco mais para tentar saber se ele conseguia ou não encontrar as palavras para expressar o que realmente sentia, seja falando diretamente ou através de uma letra de música, ao que ele respondeu da seguinte forma:

“Às vezes você até acerta, entendeu? Tem até uma música do Gil, eu acho que se chama Drão, que fala justamente sobre a mulher dele. Ele consegue fazer isso... não sei, eu fico meio... eu ficaria meio incomodado de falar sobre isso assim... de falar sobre um mau sentimento, sei lá...” (Vicente, 47 anos)

Não restam dúvidas de que Vicente ainda está tentando elaborar as perdas da separação e este tema foi diversas vezes por ele retomado, mesmo quando não era por nós colocado em questão. Reproduzimos abaixo a letra da música à qual ele se referiu, pois entendemos que ela espelha bem o que pudemos perceber durante sua entrevista.

DRÃO

Drão, o amor da gente é como um grão
uma semente de ilusão
tem que morrer pra germinar
plantar nalgum lugar
ressuscitar no chão nossa semente.

Quem poderá fazer aquele amor morrer?
Nossa caminhada
dura caminhada pela estrada escura.

Drão, não pense na separação
não despedace o coração
o verdadeiro amor é vão
estende-se infinito, imenso monolito
nossa arquitetura.

Quem poderá fazer aquele amor morrer?
Nossa caminha dura
cama de tatame pela vida afora.

Drão, os meninos são todos são
os pecados são todos meus
Deus sabe a minha confissão
não há o que perdoar
por isso mesmo é que há de haver mais compaixão.

Quem poderá fazer aquele amor morrer
se o amor é como um grão?
Morre e nasce, trigo, vive e morre, pão.

Drão...

Gilberto Gil

Estas não são palavras proferidas por Vicente, mas são as que ele indiretamente elegeu para se referir à paixão que se desfez em meio às dificuldades do cotidiano, mas que, de sua parte não implicou na anulação do desejo de prosseguir com a parceria, pois provavelmente deu lugar a um amor maduro. Ao ouvirmos a música e relembrarmos o relato de Vicente ficamos com a impressão de que ele gostaria muito de ter sido compreendido em suas particularidades e aceito em suas limitações. Após dois anos de separação ele ainda se diz “muito mexido” e temeroso quanto a se envolver novamente, apesar de precisar disso tanto quanto de “um alimento”.

“Pô, eu sou um cara que... vivo, preciso disso... até pra minha sobrevivência mental! Mas é gozado... é uma cilada também, entendeu? Quer dizer... pela segunda vez... eu não sei se eu viveria isso... de novo...” (Vicente, 47 anos)

Se para uns não é fácil falar do amor, para Vicente, durante nossa entrevista, não foi possível falar senão da dor do fim do amor, um sentimento talvez tão ou mais difícil de ser expresso quanto o próprio amor em si.

5.2.1.3. Palavras, flores e gestos

Flores, cartões, presentes, jantares, surpresas... comportamentos bastante tradicionais e estereotipados por parte de quase metade dos entrevistados, cinco no total, dois do grupo mais jovem (Fred e Gabriel) e três dos mais velhos (Pedro, Rui e Victor). Diante destes números, algumas questões surgiram de imediato. O que será que isto quer dizer? Será que se trata meramente de galanteio ou cavalheirismo? Estariam estes homens ainda presos a convenções? Por que razões? Será que estes comportamentos poderiam estar a serviço da dificuldade de falar explicitamente sobre o sentimento? Esta talvez seja uma solução interessante, pois, agindo desta forma, é possível ao mesmo tempo atender a uma

provável demanda da companheira e expressar o que sente por ela, sem ter que passar pelo constrangimento de falar sobre isso.

Gabriel, Pedro, Rui e Victor não parecem se enquadrar nesta hipótese, pois além de darem flores, cartões, etc... também falam abertamente sobre seus sentimentos. Fred é o único que se diz “muito fechado” e não se dispõe a expressar oralmente o que sente — expressa-se por escrito através dos cartões —, mas não pareceu lançar mão destes comportamentos de forma deliberadamente compensatória, uma vez que diz realmente ter prazer em agir romanticamente. É bem verdade que este prazer pode estar relacionado ao alívio de ter encontrado uma alternativa para externar seus sentimentos, uma vez que não se sente à vontade para fazê-lo de outra forma. Em todo caso, isto pode significar também que, apesar da dificuldade em dizer o sentimento, Fred não deseja esconder-se atrás de uma máscara de “durão insensível” e acaba preferindo a do romântico tradicional.

No caso de Gabriel, Pedro, Rui e Victor, como dissemos, não há sinais evidentes de que as flores e os presentes estejam substituindo as palavras, nem são um subterfúgio para não terem que falar sobre o que sentem. Se tomarmos por base a argumentação de Tadeu, isto é, a noção de que a linguagem não é suficiente para expressar a totalidade do sentimento, sendo, por conseguinte, meramente “corroborativa”, talvez os comportamentos tipicamente românticos empreendidos por estes homens sejam apenas uma das possíveis maneiras de tentarem complementar o que talvez jamais possam expressar plenamente por nenhuma via isoladamente, ou sequer conjuntamente. Neste caso, a limitação lingüística talvez não se refira a uma problemática de gênero, pois falar de sentimentos, certamente, envolve uma série muito intrincada de fatores culturais, pessoais, conscientes e, sobretudo, inconscientes. Palavras, flores e gestos podem ser infinitamente repetidos e ainda assim permanecer insuficientes.

E quanto aos demais entrevistados? O que eles dizem a respeito do romantismo mais tradicional?

A questão da espontaneidade e da legitimidade surgiu como argumento fundamental na desqualificação dos comportamentos ditos românticos, por parte de três entrevistados mais jovens (Daniel, Eduardo e Fábio), seja por serem vistos apenas como parte de um jogo de sedução, seja por serem considerados “forçados” e, portanto, ilegítimos. Esta desqualificação vem, na verdade, exprimir

um descontentamento por parte de pelo menos dois deles pelo fato de sentirem-se pressionados a atender às demandas de suas namoradas.

“Eu acho chato esse negócio de romantismo, acho meio piegas.⁵ Não que eu ache cafona, eu acho mesmo... acho forçado. Eu gosto das pessoas no dia-a-dia. Eu não sou uma pessoa rude, mas também não sou de dar flores toda hora, gentileza toda hora, esse nhenhenhem... Acho que tem que ser espontâneo. Mas acho que toda mulher gosta disso e, infelizmente, ela sente falta disso um pouco... ela se queixa d’eu só mandar flores quando a gente briga e eu quero voltar. (...) Na verdade, ela só questiona o meu sentimento porque ela sabe que mudou com relação ao que era antes... porque eu demonstro pouco, porque eu sinto pouco. Não é que seja desinteresse sexual, nada disso... mas eu não me preocupo mais em seduzí-la, não quero mais impressioná-la... No âmbito total o sentimento não diminuiu, até pelo contrário! Só nesse aspecto da conquista e da sedução...” (Eduardo, 25 anos)

“Mais ou menos, eu acho que eu não sou romântico como um romântico de verdade deve ser. (...) Estar sempre agradando, sempre cortejando, sempre dizendo coisas bonitas só pra... eu não sou assim, como um amigo meu que já vai dando logo buquê de flor...” (Fábio, 26 anos)

“Eu gosto de fazer as coisas, assim, quando eu sinto vontade. Eu sou assim com tudo, não é só nessa coisa de romantismo, não. Eu não gosto de fazer nada forçado, só por convenção, tipo... é dia dos namorados, então tenho que dar flor. Eu não gosto desse negócio de cartilha: ‘ah, vou dar flor porque isso é que é ser romântico de verdade’, entendeu? Nada disso, eu gosto de ser romântico assim... eu cultivo, assim, carinho, afeto, mas... quando surge naturalmente, espontaneamente, sem estar cumprindo um ritual... igualzinho a todo mundo. Porque isso que todo mundo faz igual nem sempre é verdadeiro, né... é só pra cumprir um papel, uma coisa que já é esperada... uma coisa mais social do que do sentimento mesmo até. Mas mesmo assim ela gostaria que eu fizesse mais...”
(Daniel, 24 anos)

Ressaltamos que Daniel, Eduardo e Fábio foram os únicos que se manifestaram contra o comportamento romântico tradicional e são igualmente os que aparentaram ter mais dificuldades em expressar-se por quaisquer vias. Sendo assim, podemos inferir quanto a este discurso supostamente menos anacrônico ser apenas uma maneira de encobrir uma real dificuldade em expor o sentimento.

Segundo estes jovens ser “romântico de verdade” diz respeito a um modelo de comportamento que preferem evitar por uma razão ou por outra. No caso de Eduardo, o romantismo que considera “forçado” durante o namoro se torna legítimo nas situações de conquista, em que precisa de artifícios especiais

para realizar seu “*marketing* pessoal”. Nestas ocasiões fará o que estiver ao seu alcance para passar uma imagem que não necessariamente corresponde à realidade do dia-a-dia, que é justamente quando ele diz perceber o seu sentimento mais autêntico. Daniel, no entanto, apresenta um discurso mais consistente que denota uma reflexão mais imparcial e madura a respeito do tema.

Lembramos, ainda, que Gabriel qualifica seu comportamento romântico de “paraíba” e “ultrapassado”, mas assume sua opção e procede uma crítica no sentido contrário ao dos demais, lamentando o que considera uma “inversão de valores”.

Contudo, nem todos os entrevistados associaram o romantismo a comportamentos tradicionalmente estereotipados. Miguel, por exemplo, que não se acha romântico, mas que gostaria de sê-lo um pouco mais, tanto para atender uma demanda da esposa quanto para usufruir um pouco mais de momentos que costumam ser vividos com uma certa indiferença ou automatismo, define o romantismo por vias distintas das já mencionadas.

“Bom, eu acho que o romantismo é uma coisa muito variável, assim, no sentido de você dar valor pra pequenas coisas (...) dar valor a coisinhas pequenas da vida, né, tipo passear na praia, sair com o cachorro, brincar com os filhos... Eu acho que o romantismo é esse valor de coisinhas pequenas tipo... comer pipoca juntos ou... ficar de mãos dadas dentro de casa... sentar pra ver televisão de mãos dadas, né... e eu faço pouco isso. (...) É, eu acho que eu gostaria de me tocar de vez em quando e, pô, eu podia ser mais romântico com a Sílvia!” (Miguel, 40 anos)

Não tendo conseguido anteriormente esclarecer como demonstrava seu sentimento para a ex-esposa, Vicente diz que tentava “fugir dos lugares comuns”, mas que às vezes não conseguia escapar deles. Sua visão de romantismo não exclui “falar coisas bonitas um para o outro”, mas está mais relacionada a comportamentos de carinho, atenção e companheirismo e dá como um dos principais exemplos o fato de ter insistido para ela concluir o curso universitário.

Deixando de lado as opiniões sobre romantismo e retomando a questão central que diz respeito à comunicação do sentimento, observamos que alguns dos relatos apresentados valorizam as palavras, outros as flores e outros, ambos. Alguns entrevistados consideram problemático o emprego de palavras, outros

⁵ Os dois principais dicionários da língua portuguesa adotados no Brasil, Aurélio Buarque de Holanda e Dicionário Houaiss, definem uma pessoa *piegas* como sendo alguém que “se embaraça com pequenas coisas” ou que é “ridiculamente sentimental”.

desvalorizam as flores. Entretanto, as atitudes de amizade, companheirismo, atenção, carinho, interesse e cuidado foram quase unanimemente referidas, não diferindo muito do que foi encontrado nos estudos que mencionamos no item 4.2. Formas mais inespecíficas e não explícitas de demonstração de apreço foram valorizadas por praticamente todos os homens de nossa amostra, inclusive por aqueles que se expressam mais explicitamente. A valorização destas atitudes pode estar relacionada à valorização da estabilidade do relacionamento e à noção do compromisso para além da influência das paixões. No entanto, não restam dúvidas de que esta valorização pode ser também um sintoma de todo o processo de construção dos estereótipos masculinos de que falamos anteriormente, muito embora a dificuldade de comunicação não tenha sido evidenciada pelo discurso de todos os homens entrevistados.

Com exceção de Eduardo e Miguel, de uma maneira geral, os entrevistados não reportaram um *gap* entre o que sentem e a forma como suas parceiras o percebem. Ou seja, de alguma maneira a comunicação está sendo bem sucedida, mesmo nos casos dos homens menos expressivos, o que se deve muito provavelmente à capacidade interpretativa de suas companheiras.

Nem tampouco foram reportadas muitas queixas das parceiras quanto à falta de carinho, atenção e romance, com exceção, é claro, dos poucos casos em que os entrevistados admitem “não ser muito de ficar falando ou dando flores toda hora”. Apenas um homem do grupo mais jovem referiu ter tido problemas com uma ex-namorada por não gostar de “discutir a relação”, nenhum outro entrevistado fez menção direta a este tópico. Segundo informaram, os “problemas” mais comuns que encontram em seus relacionamentos dizem respeito aos ciúmes das parceiras, sobretudo, no caso do grupo mais jovem. De uma forma geral, o ciúme é por eles interpretado como insegurança das parceiras, sendo esta uma questão estritamente de cunho pessoal, sem que esteja necessariamente atrelada à falta de demonstração de seus sentimentos por elas. Dentre os homens menos expressivos, houve, como era de se esperar, referências também à insatisfação de suas parceiras no tocante ao carinho e ao romance, o que não ocorreu no caso dos homens que aparentaram ser mais explícitos na comunicação de seus sentimentos.

Mas será que os que dizem que falam fazem-no realmente? Não se pode negar que nem todos foram muito convincentes a este respeito. Mas qual seria o

parâmetro para avaliar este “falar realmente”? Poderíamos questionar a acuidade e a precisão das informações prestadas pelos entrevistados quanto às queixas e demandas de suas namoradas e esposas. Poderíamos nos perguntar se elas concordam com o que eles afirmam, uma vez que poderiam, mesmo inconscientemente, estar distorcendo a realidade segundo vista por elas. Distorcendo ou apenas vendo-a de outra forma, por outro ângulo? Neste caso, estaríamos diante de uma situação comum de embate entre subjetividades masculinas e femininas.⁶ Indo mais além, será que elas não reclamam mesmo ou será que eles é que encontram-se tão alheios ao tema que sequer percebem a insatisfação de suas companheiras? Ou será que percebem mas não dão importância? Neste caso, a situação seria ainda mais grave, pois não se trataria meramente de uma questão de perspectiva e talvez pudéssemos, então, “julgar e condenar” estes homens ao estereótipo de “insensíveis”. Ocorreu-nos ainda uma última pergunta: Será que elas realmente não reclamam porque acham que não adianta? Neste caso, estaríamos diante de um impasse ainda mais difícil de ser solucionado.

Não temos como saber as opiniões das mulheres, nem estamos interessados em transformar este estudo em mais um espaço de queixas e repreensões às falhas ou faltas masculinas. Ouvimos doze homens que de forma mais ou menos fluente falaram sobre suas vidas afetivas, lembraram relacionamentos passados, recordaram angústias, sofrimentos e, em muitos casos, expuseram abertamente seus amores e paixões. Não temos, portanto, razão nenhuma para duvidar do que nos contaram. Seria tudo encenação? Seriam eles tão bons atores ou nós muito ingênuos? Acreditamos que nem uma coisa nem outra. Alguns titubearam? Sim, mas não observamos nenhuma grande contradição que pudesse anular completamente os depoimentos da maioria dos que disseram que falam sobre o que sentem para suas parceiras. Considerando a forma como se apresentaram a nós, ficamos com a impressão de que foram verdadeiros e talvez não tivessem porque não sê-lo.

5.2.1.4. Futebol, sexo e... problemas!

Ao discutirmos algumas intercorrências que interpretamos como possíveis resistências por parte de alguns sujeitos a participarem da pesquisa, citamos a fala

⁶ Heis novamente a questão lingüística indicada anteriormente.

de Paulo em resposta à nossa consulta sobre sua disponibilidade de nos conceder uma entrevista. Por *e-mail*, ele tentou se esquivar dizendo que não se considerava o “entrevistado ideal”, por ser “um cara muito ‘pé no chão’ em termos de emoções e sentimentos”. Explicou que, apesar de “amor, paixão e sentimentos íntimos” serem “importantes”, ele os “administra de forma muito básica, muito preto no branco, sem grandes elucubrações” e que, por esta razão, não consegue se imaginar “indo a um terapeuta/analista para resolver problemas íntimos”. Suas associações chamaram nossa atenção de imediato e, durante a entrevista, resolvemos perguntar sobre o que o levou a pensar que iríamos falar sobre seus problemas, ao que ele respondeu da seguinte forma:

“Bem, o negócio é o seguinte: como todas as pessoas, eu tenho lá os meus problemas, os meus anseios, os meus ressentimentos... Sabe, nisso eu sou igual a todo mundo. Mas, de uma forma ou de outra, errado ou não, eu consigo administrar isso. Eu, na minha visão, acho que consigo administrar bem, né. Eu tento resolver sozinho. Eu vou te contar uma coisa engraçada que acontece comigo desde pequeno: sempre que eu vejo alguém numa situação vexatória, em filme, televisão, principalmente novela... eu, até hoje, aos 41 anos de idade... eu saio da sala... porque eu sinto em mim aquilo que eu sei que o cara vai sentir... então, eu evito esse tipo de situação...” (Paulo, 41 anos)

Prosseguiu discorrendo sobre situações de trabalho em que se expõe com desenvoltura (palestras, cursos, reuniões de negócios, etc) e sobre situações em que tem que impor sua autoridade: “Quando tem que dar esporro eu dou mesmo, sem problemas, isso eu faço bem!” Todavia, quando está sendo avaliado por um superior hierárquico, ouve as críticas e não questiona, pois quer encerrar a conversa o quanto antes.

Diante de tais afirmações, passamos a crer que Paulo realmente tentou “evitar” conceder a entrevista, pois isto seria equivalente a uma das “situações vexatórias” por ele referidas. Mas ainda restava uma dúvida: será que o “problema” estaria em expor sua intimidade, pura e simplesmente, fosse ela problemática ou não? A resposta a esta pergunta veio somente ao final da entrevista, quando nos desculpamos por algum incômodo que pudéssemos ter causado inadvertidamente e perguntamos como se sentia, ao que Paulo respondeu:

“Não, foi tudo ótimo! Principalmente, porque eu tava preocupado, sabe... se você ia ficar chocada... c-com essa coisa, né... d’eu não ser santo e de dar as minhas

escapadas de vez em quando... Mas, você, pô, foi super tranquila... não me pareceu é... sei lá, não fez nenhuma cara de espanto, sabe?” (Paulo, 41 anos)

Ou seja, ao ser por nós contactado para marcar a entrevista, Paulo ficou preocupado em revelar o lado, digamos, sombrio de sua vida afetiva, apesar de durante a entrevista ter asseverado não sentir-se culpado em trair a esposa, pois acha “natural” que isso ocorra, muito embora tenha admitido que ficaria transtornado caso a situação de infidelidade se invertesse — um caso típico de *dupla moral sexual* que constitui o conjunto dos mais comuns estereótipos de gênero, frequentemente verificado em diversas pesquisas (Jablonski, 1991 e 1995; Goldenberg, 1991 e 1997; Giddens, 1992; Nolasco, 1993 e 1995; Wang, 2001).

Além disso, após analisarmos as falas dos demais entrevistados tivemos uma outra indicação sobre o porque de Paulo ter associado o tema da entrevista a “problemas”. Conforme pudemos observar, a maioria dos homens que integra a amostra que serviu de base para o presente estudo, só fala com terceiros a respeito de suas vidas afetivas quando estão atravessando alguma crise ou tendo que enfrentar algum problema.

Alguns sujeitos dizem que falam sobre suas vidas afetivas com pessoas próximas mesmo não sendo para “resolver problemas”, mas as informações prestadas foram muito vagas para que possamos ter certeza de que esta prática realmente se concretize.

De todo modo, devemos levar em consideração o fato de que se estes doze homens fossem totalmente refratários a falar sobre seus relacionamentos amorosos eles não teriam aceitado participar da pesquisa. É claro que suas intimidades só foram superficialmente escrutinadas e nenhum deles foi levado a revelar nada que não quisesse. Como dissemos anteriormente, muitos falaram até bem mais do que o esperado e, em alguns casos, forneceram informações que vão além do escopo deste estudo.

O único que admite jamais conversar com absolutamente ninguém sobre seus sentimentos é o próprio Paulo. Conta que eventualmente se queixa da esposa e dá alguns exemplos das “bobagens do cotidiano”, mas nada além disso:

“Eu só falo assim... sobre a Tereza, mas não sobre o sentimento...”

(Paulo, 41 anos)

Miguel explica que, como não tem irmãos e os amigos estão “espalhados pelo mundo”, o único espaço de que dispõe para falar sobre sua vida íntima é a análise. Tadeu também refere um certo afastamento dos amigos, mas assevera que, mesmo se estivessem próximos, só os procuraria para falar sobre problemas:⁷

“A minha relação com os meus amigos, a não ser os mais próximos, eu acho que... eu não discuto paixões com os meus amigos. Não é um... não é um tema recorrente. (...) Os meus amigos mais íntimos tem muito tempo que eu não vejo. Os mais íntimos mesmo, que eu já tive na minha vida, eu já não os vejo há algum tempo... e, normalmente, a vida amorosa da gente ela é comunicada, eu acho, com esses amigos... mais freqüentemente quando há problemas. Quando não há problemas... eu, pelo menos, nunca senti vontade de... de comunicar o meu prazer ou a minha felicidade em conversas. Quando há problemas, com certeza, já conversei diversas vezes! (...) Pra desabafar e pra pedir conselho... normalmente, a gente procura um amigo pelas duas coisas.” (Tadeu, 45 anos)

Sempre racionalizando, Tadeu acrescenta que é bom “saber o que é normal”, pois ao comparar a sua experiência com a de outras pessoas “pode ter mais certeza de sua própria avaliação das coisas”. Gabriel argumenta com semelhante objetividade:

“É muito interessante isso de você conversar com pessoas, porque isso, de repente, te dá outros rumos, né... te dá outra maneira de ver uma coisa e isso é muito legal... de saber que outra pessoa pode te dar uma outra visão do problema...” (Gabriel, 30 anos)

Inversamente a Tadeu e Gabriel, Daniel diz que não costuma pedir conselhos porque, mesmo quando pessoas amigas já passaram por experiências similares, prefere tratar das situações à sua própria maneira. Em geral, procura elaborar suas questões sozinho e só conversa com alguém quando já se sente seguro do que realmente pensa e sente a respeito do assunto.

“Quando tem que falar eu falo. Eu não sou muito ávido pra falar, mas também não sou de guardar tudo só pra mim. (...) Também não é só desabafo, tem vezes que a conversa até contribui pra eu repensar algumas coisas...” (Daniel, 24 anos)

⁷ A questão do afastamento dos amigos é muito interessante, pois os mais jovens parecem tentar evitá-la, enquanto alguns dos homens acima de 40 anos dão a impressão dela ter sido consumada sem que tenha sido percebida como um perda.

Esclarece que “ter” que falar diz respeito às ocasiões em que algum amigo percebe que ele “não está legal” e pergunta o que houve. Oposto a Daniel, Eduardo tem conversado muito com os pais e com alguns amigos devido ao momento de decisão que se aproxima no que diz respeito a casar-se ou não.

Fred, por sua vez, afirma conversar “sobre tudo” com alguns amigos: “(...) não só quando tá ruim, mas quando tá bom também...” Como pareceu estranho ele falar abertamente com os amigos após ter afirmado dificuldades em “discutir a relação” com a namorada, pedimos que esclarecesse um pouco melhor o contraste e, ao tentar se explicar, pareceu contraditório:

“Ela ficava querendo conversar sobre tudo o tempo inteiro, aí eu perguntava: ‘Tá bom? Então se tá bom, pra quê conversar?’” (Fred, 26 anos)

Permaneceu a dúvida: se não conversa com a namorada quando está tudo bem, porque o faria com os amigos? Será que quis mostrar-se “politicamente correto” e acabou se complicando? Ou será que quando o relacionamento está bom conversa com os amigos apenas para contar alguma vantagem?

Vicente pareceu igualmente contraditório ao afirmar que, além do analista, também fala sobre “tudo” com os amigos “sem o menor grilo”, sugerindo que no meio artístico as pessoas são mais abertas a se expor. No entanto, ao ser perguntado se compartilhava os bons momentos do relacionamento, tais como a fase à qual havia se referido como “lua-de-mel eterna”, respondeu de tal forma que pareceu-nos serem sempre os problemas a motivação principal das conversas.

“Claro! (Pausa um pouco mais longa.) Como também as reclamações: ‘p-, a Solange é f-, cara!’ Aí, vinha um outro também e falava: ‘P-, nem fala, cara... você sabe o que a minha fez?!’ Aquele papo de homem, né, reclamando de mulh... d-das suas respectivas esposas. Bom, pelo menos no meu meio, né, no meu meio a gente conversa. Não, e melhor! O bacana no nosso meio é que se conversa tudo, entendeu... tudo sem o menor grilo! (...) Não, e quer dizer... o fato de você estar conversando e ouvindo outras experiências você tá chegando à conclusão seguinte: que se relacionar é f-, cara! E você... não tem jeito, cara... você... a-as coisas... t-todo mundo reclama, todo mundo tem reclamações.”

(Vicente, 47 anos)

Victor diz:

“Sempre... quando tá bom e quando tá ruim! Não tenho aquela de só jogar pra platéia. Eu chego e digo que estou carente, sentindo falta de uma namorada... de um relacionamento legal... tá me castigando isso... Eu falo, eu falo... eu sou muito de me abrir com as pessoas...” (Victor, 47 anos)

Rui tem conversado muito com a irmã que se separou há pouco tempo e está morando em sua casa. Além dela, apenas com alguns raros amigos:

“Só um deles que se abre mesmo comigo... e também alguns pouquíssimos que falam que gostariam de ter um relacionamento desse que eu tô tendo... Engraçado que eles dão a maior força, mas às vezes acham que eu tô um pouco demais: ‘Pô, você nunca mais veio tomar *chopp* com a gente!’ Mas eu digo que isso não é porque eu sou um apaixonado babaca... é porque eu acho que isso é um momento muito especial que eu tô vivendo e... então eu quero aproveitar tudo o que eu puder, pô!” (Rui, 43 anos)

Gabriel conversa basicamente com duas amigas e um único amigo; acha que os outros amigos gostariam de se abrir mas se esquivam até mesmo de apenas ouvi-lo, quando eventualmente tenta introduzir o assunto. Paulo se parece com estes amigos de Gabriel, pois diz que, além de não gostar de falar de sua vida com ninguém, também não tem muita disponibilidade para ouvir sobre as dos outros. Pedro faz uma crítica acurada a este respeito:

“Olha só, na minha opinião as pessoas não conversam sobre os seus relacionamentos, as pessoas reclamam... da vida e das pessoas com quem vivem! Então é diferente... e eu também não tenho muito saco pra ouvir só reclamação... porque eu acho que a solução não é falar mal da mulher pra mim, é falar pra ela, com ela, entendeu?” (Pedro, 41 anos)

Quanto a si próprio Pedro afirma sentir-se mais à vontade para falar com mulheres, pois identifica-se mais com elas e Fábio também prefere falar com as amigas, pois, segundo ele, elas entendem mais do assunto.

“Eu não sou um cara de muitos amigos, não. Agora eu tenho me reaproximado mais de minha irmã... É engraçado, eu sempre fui um cara de muitas amigas e muito poucos amigos homens. Eu sempre achei muito mais fácil me abrir com mulher... e entender a mulher do que entender o homem. Eu tinha também um casal de amigas homossexuais com quem eu me abria muito. Engraçado que uma delas tinha uma cabeça muito mais masculina do que a minha! E eu ia conversar com ela como se fosse um amigo... eu até brincava que a Carla era o meu melhor amigo na época. (...) O homem não é um bom confidente. No meu entender, a mulher tem uma visão muito mais sensível, ela procura analisar... achar as causas, as conseqüências... É claro que tem homens e mulheres que são exceções, mas eu

tô generalizando, né. (...) Eu tive muitas amigas, desde muito cedo... e a visão feminina sempre me marcou muito. Eu sou um cara que... a Júlia acha isso, eu não sei se eu sou tanto assim... com uma visão feminina grande... eu acho que eu convivi muito com mulher e eu prefiro conviver mais com mulher... me abrir com mulher... a não ser assim, fulano tem uma cabeça que bate com a minha, ok. Mas infelizmente eu não vejo... eu não estou dizendo que sou mais ou menos que ninguém, não existe aqui uma comparação de valor... existem as diferenças e só.”

(Pedro, 41 anos)

“Porque mulher entende melhor mulher, né... pra dar uma luz, assim, de vez em quando... Porque a mulher parece que tá sempre insatisfeita e às vezes não dá pra saber... ela acha que o homem tem que adivinhar, mas se ela não fala o que ela quer, pô! Isso é muito complicado. Não é que a mulher seja mais frágil, é mais sensível, talvez... e pro homem isso é muito difícil...” (Fábio, 26 anos)

Dá exemplo de uma situação em que a namorada queria que ele fosse apanhá-la em algum lugar e ficou esperando ele se oferecer, mas como ele não o fez, isso foi motivo de uma longa discussão noite adentro. Conclui dizendo que com os amigos homens conversa sobre todos os outros assuntos:

“Ah... futebol, mulher... mas só de sexo, né... essa coisa de sentimento só com as amigas mesmo, porque mulher entende disso mais que homem...”

(Fábio, 26 anos)

Além das reclamações sobre as mulheres e das reclamações sobre as reclamações das mulheres, nossos entrevistados são unânimes quanto aos temas das conversas masculinas versarem principalmente sobre futebol e sexo. Vale ressaltar que em nenhum outro momento das entrevistas houve tanta referência explícita aos estereótipos de masculinidade. Expressões como “já comi” e “tô pegando” são citadas como sendo muito comuns quando querem contar vantagens que os façam merecer os louros do desempenho sexual de “um verdadeiro macho”. No entanto, quando o assunto é sentimento, a eloquência costuma dar lugar a um silêncio quase que total. A opinião geral é de que os homens são “muito fechados” e “reservados”, com exceção de alguns poucos amigos que falam, sim, de suas vidas afetivas, mas exclusivamente quanto têm problemas — assim como eles próprios, apesar de nem sempre admitirem-no.

Contudo, praticamente todos acreditam que a maioria absoluta dos homens “não se abre nem para falar de problema ou pedir ajuda”. Neste caso, cabe acrescentar: talvez muito menos para pedir ajuda, pois, como vimos, não é muito

fácil para um homem fragilizar-se diante de outro homem. Incluímos abaixo uma fala de Tadeu que, inclusive, corrobora um depoimento anteriormente prestado por Daniel.

“Eu acredito que os meus amigos me procurariam, sim, pra falar de seus problemas... mas, a partir do momento que a coisa se tornasse tensa. Quer dizer, porque os meus amigos... eu sei que eles teriam essa abertura, mas eu acho que este seria um... um recurso final, um recurso, assim, extremo. Normalmente, eu acho que o homem é muito independente em relação à sua vida amorosa. Ele não quer receber conselhos, ele não quer é... receber pressões... eu acho que, como regra geral, os homens são muito fechados em relação a decisões da sua vida amorosa.” (Tadeu, 45 anos)

Salientamos ainda que, aqueles que parecem ser mais fluentes consideram-se exceções com relação à maioria dos homens, que são por eles descritos como “ainda muito presos a certos estereótipos de machão”, e acreditam que “seria muito bom pra todo mundo” se os homens se abrissem mais.

Pedro falou longamente sobre os problemas que a maioria dos casais enfrenta e acredita que “tudo seria tão mais fácil se as pessoas simplesmente conversassem francamente”, mas diz que para isso elas teriam que estar verdadeiramente interessadas em resolver as questões que surgem, ao invés de “só ficarem culpando um ao outro”. Em sua opinião as mulheres usam muito os filhos para se vitimarem e manipularem os homens, que, por sua vez, também agem de forma totalmente inadequada. Diz:

“Eu acho que a solução masculina é sempre muito fácil, pô... vai prum bar tomar uns *chopp*s... ou então sai, arruma outra e depois vai à luta. Sabe, essa coisa assim tão pobre, tão vulgar... eu acho que não é por aí...” (Pedro, 41 anos)

Acrescentamos um relato interessante de Fred que alega ter se atrasado para a entrevista porque pegou carona na saída do trabalho com um amigo que está atravessando “uns problemas de relacionamento com a namorada” e que “precisava conversar um pouco”. Isto, no entanto, não acontece com os amigos de Gabriel que não conseguem vencer o constrangimento, mesmo quando dão a impressão de quererem “se soltar” mais:

“De repente, eles têm vontade de falar e se soltar, mas... nunca puxam o assunto e quando eu puxo, eles também ficam meio assim... mais naquela postura do homem... ‘Ah, não vou falar sobre isso...’” (Gabriel, 30 anos)

Paulo, que se diz “muito reservado”, não acha que todos os homens ajam da mesma forma que ele próprio e revela que alguns amigos e colegas de trabalho costumam compartilhar seus problemas íntimos com outras pessoas. Lembra de algumas raras vezes em que foi procurado por amigos que estavam se separando e que queriam “desabafar”:

“Quem me conhece sabe que eu não sou de conversar sobre essas coisas e que, portanto, não sou um bom confidente... nem muito menos a pessoa mais indicada pra aconselhar alguém nesses assuntos. (...) Então, não é sempre que acontece... mas, pra dar uma força pro cara eu demonstro algum interesse e, aí, pô, o cara despeja aquele caminhão de melancia e você nem sabe o que dizer, né... Pô, o negócio é sério mesmo, hein? (Risos.)” (Paulo, 41 anos)

Daniel conta que tem alguns amigos que gostam de falar sobre seus relacionamentos, especialmente um deles que chega a ligar várias vezes para contar uma série de detalhes:

“Aí, eu digo pra ele: ‘Pô, rapaz! Tu parece mulher! Fica ligando toda hora pra contar que saiu com a não sei quem e não sei o quê mais!’” (Daniel, 24 anos)

Miguel tem um único amigo que o procura para falar sobre sua vida amorosa, pois considera-a “um problema de *karma*”. Segundo Miguel, Joaquim é um homem muito rico, muito competente e bem sucedido profissionalmente, que já foi casado duas vezes e teve vários outros relacionamentos, todos igualmente insatisfatórios.

“Então, ele fala comigo, assim, direto, porque eu acho que ele vê que o meu relacionamento com a Sílvia é o oposto dos dele, né, e... aí, ele fica pensando por que é que ele não consegue isso... Então, esse é o único, né, que fala... fala muito sobre a vida afetiva dele... mas também é só ele... nenhum outro.”

(Miguel, 40 anos)

5.2.1.5. O peso dos estereótipos

Apesar de não referir queixas por parte de nenhuma de suas companheiras a este respeito, Tadeu gostaria de se expressar mais e melhor. Ao que tudo indica este

desejo de aprimoramento expressivo se aplique às ocasiões em que é solicitado a “discutir a relação”.

“Eu sou uma pessoa reservada. Eu acho que eu sou mais travado do que eu gostaria de ser... eu gostaria de ter mais liberdade prá exprimir os meus sentimentos... me sentir menos pressionado. Eu me sinto pressionado a não demonstrar meus sentimentos. (...) Eu acho que, quando uma emoção é prazerosa, eu me entrego... eu me entrego de forma livre às emoções prazerosas. Só quando há problemas é que eu acho que eu sou... travado. Eu procuro tratar os problemas emocionais de uma forma racional, inicialmente... porque é dessa forma que eu me sinto mais competente prá lidar com problemas. E, às vezes... às vezes, não! Como, normalmente, não é apropriado você tratar dos problemas emocionais de forma racional, eu passo prá... prá pensar emocional, eu passo a reagir emocionalmente com muito... com muito receio. Eu procuro não agir de forma emocional, inclusive, pela minha própria educação. Eu cresci ouvindo meu pai dizer que não se deve agir de forma emocional porque você comete muitos erros...” (Tadeu, 45 anos)

Vicente teve sérios problemas em seu casamento devido à instabilidade financeira e deu a impressão de que esta foi a principal razão para a separação, cujo luto ainda não elaborou completamente. Falando sobre outros relacionamentos, antes e depois do casamento, acrescenta:

“Vários, vários! Cara... e o pior é que todos terminaram pela mesma razão... grana! Cara, isso é f-! Tudo começa bem e, de repente, a grana vai acabando... aí, já é um sinal, cara... é f-! (...) E esse [relacionamento] de agora eu já tô vendo que... ela é igualzinha, sabe, porque ela chegou contando, assim, que terminou com o namoro de antes porque o cara... ela contou que dizia pro cara: ‘P-, você não batalha e não sei mais o quê!’ Aí, eu olhei pra ela e falei assim: ‘P-, você tá falando igualzinho à minha ex-mulher! Eu quero te dizer o seguinte... presta bem atenção... agora você não tá falando isso pra mim, mas daqui a pouco eu sei que você vai falar!’” (Vicente, 47 anos)

O depoimento de Vicente nos leva a pensar no peso que o estereótipo do homem bem-sucedido tem sobre alguns homens que não buscam, ou buscam mas não alcançam, determinados troféus. Por outro lado, Paulo é um exemplo dos que buscaram e alcançaram, mas nem por isso pode-se dizer que seja poupado das conseqüências de viver segundo um modelo esterotipado de sucesso. É um executivo que conseguiu muita projeção em sua carreira, mas, ao observarmos seu relato, podemos nos perguntar acerca do nível de estresse a que se submete diariamente para garantir o *status* e um estilo de vida como o que escolheu adotar. Escolheu?

Bem, atualmente, o homem já não precisa mais ser o provedor — até mesmo porque, como muito bem observado por Rosiska Darcy de Oliveira, hoje em dia, o único provedor que está em alta é aquele das relações virtuais, que provê acesso rápido e ininterrupto para uso da *Internet* — apesar do sucesso profissional e financeiro persistir como um troféu a ser conquistado. Todavia, estas conquistas não permanecem como imposições exclusivas aos homens, uma vez que a preocupação com a carreira já foi amplamente incorporada pelas mulheres. Não obstante, e talvez justamente por isso, o homem que não alcança o sucesso profissional e financeiro não é bem visto, respeitado ou valorizado. Por esta razão, Vicente deixou transparecer uma visão estereotipada com relação ao que algumas mulheres esperam dos homens.⁸

“Porque eu não tenho essa coisa de: ‘Ah, tô com grana vou comprar um carro ou... só vou andar de táxi.’ Não, nada disso, eu nem sei dirigir! Eu pegava ônibus mesmo, sempre andei de ônibus... porque eu gosto disso... de viver a realidade... absoluta... excessiva até! Tanto que as pessoas me viam e até achavam estranho... algumas diziam que eu tinha que me comportar mais como um artista e coisa e tal... Mas eu odeio essas m-, entendeu, mas... quer dizer, isso pra muitas mulheres também conta ponto... conta ponto contra, porque as mulheres gostam de homens práticos!” (Vicente, 47 anos)

Pedro afirma que os homens também querem carinho, atenção e romance. Conta que durante os três casamentos anteriores “sempre se sentiu só”, pois suas ex-esposas não eram suas companheiras de fato.

“Embora eu fosse um cara casado, eu sempre vivi muito sozinho. As coisas que eu gostava de fazer, eu fazia muito sozinho... as coisas que elas gostavam de fazer, faziam comigo. Porque eu sou um cara muito assim: Quer ir pro *shopping*? Eu detesto, mas eu vou. Lojinha de artesanato? Quer coisa mais chata?! Eu vou! Agora, venha na minha também! Eu nunca forcei nada, é claro, porque não faz sentido, mas você começa a questionar: pô, porque eu tenho que ter só as responsabilidades do relacionamento e nenhum benefício?” (Pedro, 41 anos)

Quando discutimos a comunicação dos sentimentos, mencionamos uma fala sua que terminava assim:

⁸ Uma visão estereotipada mas talvez não muito distante da realidade de uma parcela significativa de mulheres que ainda vivem como nossas avós e/ou daquelas que foram tragadas pelo ideário consumista do capitalismo liberal exposto por Coontz (1992).

“Eu adoro pegar a minha mulher e beijar, dizer que eu a amo, que morro de tesão por ela! Adoro mandar flores, adoro comprar presente! Adoro todas estas coisas! Como adoro receber também!” (Pedro, 41 anos)

Para completar, gostaríamos de apresentar mais este depoimento de Pedro:

“Uma vez eu tava numa reunião de pessoas, basicamente mulheres, que trabalhavam com a Cristina, a terceira [ex-esposa]. Aí, começou aquele papo: não, porque a gente quer um homem sensível, compreensivo, um homem não sei quê... Aí, quando acabou tudo, ela virou pra mim e disse: não é Pedro? Eu falei: olha só, eu também quero uma mulher assim! Porque tudo que a mulher quer o homem também quer! Quem disser que não, tá mentindo! Porque o homem tem muito disso, de esconder os sentimentos... a mulher, não... é mais sincera nessa coisa, tá... mas o homem, na verdade, também... Você pode contar... ele fica de *bundalele* um tempo, mas quantos você conhece que ficam sozinhos mesmo até o final da vida? Poucos. Muito poucos. Um dia ele vai tentar encontrar alguém. Pode demorar quarenta, cinquenta anos, mas um dia ele vai tentar encontrar alguém.” (Pedro, 41 anos)

Rui conta ter passado por um momento de crise na qual buscou realizar uma revisão de valores. Seu relato é o de um homem que empreendeu busca absolutamente solitária. Recorda ter sempre vivido muito em função de duas coisas: o trabalho e as noitadas. Estava sempre cercado de muitas pessoas, especialmente mulheres, mas sentia-se profundamente só, até que “resolveu se casar com a primeira que aparecesse” preenchendo o requisito básico de ser “de família”, uma típica “mulher pra casar”. Casou-se e continuou sentindo-se só, pois, segundo diz, a ex-esposa não diferia muito das outras pessoas que o cercavam: “? Eu acho que ninguém gostava de mim mesmo... por quem eu era, mas pelo que eu era...”, diz ele. Rui era dono de um escritório de comércio exterior e num determinado momento teve que enfrentar sérios problemas financeiros. A falência foi o estopim para a separação, pois segundo conta a ex-esposa não lhe apoiou em nada e, neste momento, teve certeza de que não fazia sentido continuar com ela, apesar dos filhos pequenos.

A crise reportada por Rui parece ter todos os requisitos descritos pelos autores que enumeram os fatores mais comuns que levam um homem a parar para repensar sua vida. Mesmo sem nomeá-la uma *crise de masculinidade*, Rui fala de seu percurso em direção a um novo mod de viver. Hoje, diz que “se encontrou” e, apesar da pressão dos amigos, está tentando construir um relacionamento sem se guiar pelos padrões anteriores (“? Eu era muito egoísta e prepotente com todo

mundo...”) e diz não ter vontade de voltar a viver como antes: “? Eu nunca vi muito sentido naquilo, sabe?”

Lembramos um relato curioso seu com relação à atual namorada se queixar dele ser carinhoso demais com ela (“ficar lambendo o tempo todo”). Isto pode se explicar por duas vias: (1) ela é quem tem dificuldades no contato íntimo ou (2) ele ainda não achou o meio termo entre ser como antes (“egoísta e prepotente”) e ou ser o extremo oposto. Não obstante, Rui parece muito satisfeito com suas novas descobertas sobre si mesmo e sobre as novas possibilidades de realização que vê na sua vida.

Victor relata uma situação inversa à de Rui. Se este passou por uma “crise de revisão de valores masculinos”, Victor passou por uma “crise de confirmação de valores femininos”. Diz que nunca foi como os outros homens, nunca se identificou com os estereótipos machistas que via serem uma constante nas vidas de seus amigos. Acredita que as mulheres apenas dizem que querem um *homem sensível*, mas que, na verdade, não sabem respeitar um homem que não “fale grosso”. Conta que sempre preferiu conversar sobre os problemas de relacionamento, pois considera que esta é a única forma de tentar solucioná-los, embora nem sempre tenha sido realmente ouvido. Durante um certo tempo chegou a achar que havia algo de errado consigo próprio, até que resolveu procurar um psicólogo. Após alguns meses de terapia viu que: “? Errado seria tentar ser o que eu não era... errado era achar que eu tinha que ser como os outros...”

O que mais podemos dizer diante de tais evidências? Não muito talvez, pois o que procuramos mostrar através destes relatos é que os estereótipos de masculinidade não aparecem de forma simétrica nas experiências de nossos entrevistados e que, alguns deles, mesmo não percebendo claramente do que se trata, procuram encontrar soluções para o desconforto por eles causados.

6. CONCLUSÃO

A análise das doze entrevistas por nós realizadas com homens heterossexuais de classe média, com idades variando entre 24 e 30 anos e 40 e 47 anos, possibilitou observarmos que os estereótipos de gênero parecem influenciar a vida amorosa dos homens entrevistados de formas variadas. Quatro homens da faixa etária acima de 40 anos apresentaram relatos bastante contundentes a respeito da influência negativa dos estereótipos de gênero em suas vidas e boa parte dos integrantes deste grupo demonstrou ter alguma consciência a respeito desta influência; a maioria dos mais jovens, nem tanto.

De maneira geral, podemos dizer que nossos entrevistados não são totalmente refratários a falar sobre suas vidas íntimas como é costume generalizar-se a respeito dos homens, caso contrário, sequer teriam aceito o convite para participar da pesquisa. Evidentemente, nem todos falaram o tempo todo de forma livre e tranqüila. Inicialmente, alguns apresentaram uma certa resistência que foi sendo gradativamente vencida, na maioria dos casos. O clima de constrangimento inicial foi sendo quebrado à medida que a entrevista avançava e os sujeitos foram, com o tempo, sentindo-se mais à vontade para falar de forma mais aberta e descontraída.

Apenas dois homens mantiveram-se reservados até o final da entrevista e, apesar de ambos terem sido colaborativos, um deles pareceu ser bastante tímido, o que dificultou um pouco o acesso às informações que buscávamos. Por outro lado, outros tantos, mais precisamente cinco homens do grupo acima de 40 anos, mostraram-se fluentes e, às vezes, até intensos e passionais, dando a impressão de estarem aproveitando a ocasião para “desabafar” algumas mágoas talvez não resolvidas. A “verborragia” auto-intitulada de um dos entrevistados pareceu poder caracterizar o discurso de outros sujeitos igualmente empenhados em explicar detalhadamente os motivos pelos quais agem ou pensam de determinada maneira.

Sete entrevistados afirmaram falar abertamente sobre seus sentimentos com suas parceiras, sendo que apenas cinco (um jovem e quatro acima de 40 anos) pareceram realmente convincentes a este respeito. Não obstante as diferenças individuais, a maioria dos entrevistados demonstrou dificuldades em falar explicitamente sobre o que sente para a parceira. Contudo, é importante salientar

que esta não foi uma maioria expressivamente superior ao conjunto de homens que deu evidências de não corresponder ao estereótipo de que “homem não fala sobre sentimentos e emoções”. Sendo assim, poderíamos rephrasing esta observação dizendo que quase metade dos homens entrevistados fala abertamente sobre seus sentimentos.

Constatamos que os mais jovens parecem ter mais dificuldade em identificar e expressar seus sentimentos; três deles parecem se beneficiar da capacidade interpretativa de suas namoradas, uma vez que não expressam clara e textualmente o que sentem por elas; dois são muito românticos, sendo que, destes, apenas um consegue realmente falar sobre o sentimento. Ressaltamos que a incerteza e a pouca clareza observadas nas falas dos entrevistados mais jovens com relação à definição de seus sentimentos, não foi verificada no mesmo grau nos depoimentos dos mais velhos que, por outro lado, já tiveram mais tempo e experiência para se questionar a este respeito, apresentando-se, assim, um pouco mais seguros neste aspecto.

Um único homem do grupo acima de 40 anos parece ter sua vida como um todo, e não apenas a vida amorosa, pautada por todo tipo de estereótipo de masculinidade de que falamos nos capítulos 2, 3 e 4. Quanto à demonstração de seus sentimentos à esposa, afirmou “fazer o básico”, categoria na qual podemos incluir os discursos de três homens do grupo mais jovem. De fato, a atitude estereotipada deste sujeito pode ser interpretada como “imaturidade emocional”, característica apontada por alguns autores referenciados no capítulo 4 para indicar a falta de fluência na esfera afetiva. Portanto, esta imaturidade o aproxima dos mais jovens, ao mesmo tempo em que afasta-o dos homens de sua faixa etária.

Ao que parece, com a maturidade os homens passam a ter um trânsito afetivo mais livre dos estereótipos de “durão”, “insensível”, “fechado”, etc. Talvez a maioria dos homens com menos de 30 anos ainda esteja preocupada em se apresentar segundo determinadas representações de masculino das quais os mais velhos demonstraram já ter se libertado, ao menos em parte. Até certo ponto, os sujeitos com mais de 40 anos já não têm a necessidade de provar-se “machos” na mesma medida que os mais jovens, para os quais a pressão exercida pelo grupo de amigos parece ter um peso muito grande.

A maturidade, neste aspecto, pode estar associada ao próprio tempo de convivência íntima e intensa com uma ou mais mulheres, sendo que esta(s) experiência(s) pode(m) refletir-se no auto-conhecimento diante de situações de intimidade, como também no conhecimento que desenvolveram a respeito das mulheres e de como com elas relacionar-se.

As experiências vividas podem ter contribuído para que os homens mais maduros tenham o desejo e, porque não dizer, a coragem de abandonar as referências simplistas e empobrecedoras que integram parte do imaginário social no que diz respeito às representações de gênero. Com exceção do sujeito muito marcadamente estereotipado de que falamos acima, no grupo dos homens com mais de 40 anos, parece que as imagens tradicionais estão sendo gradativamente substituídas por novas referências que propiciem relações amorosas mais satisfatórias e compatíveis com seus desejos mais íntimos. Neste sentido, lembramos os achados de Magalhães (1993) a respeito de como os homens por ela pesquisados se comportam com relação ao que denominou “aspecto defensivo do segredo” em relações conjugais. A autora apontou que a postura defensiva é comum nos mais jovens e vai se tornando cada vez mais rara à medida que amadurecem.

A internalização de novas referências, bem como a incorporação de novos comportamentos ao repertório habitualmente estereotipado não se dá sem que surjam alguns conflitos. Estes puderam ser percebidos em falas que denotavam haver cobranças internas e/ou externas no sentido de um “aprimoramento da qualidade expressiva” de alguns entrevistados e/ou da frequência com que demonstram mais explicitamente seus sentimentos pelas companheiras. Por esta razão, é possível que uma parte, mesmo dos entrevistados com mais de 40 anos, não tenha, ainda, encontrado novas representações de masculino das quais queiram lançar mão. Alguns talvez não se questionem sobre o que consideram *ser homem*, mas, certamente, já puderam relativizar posturas rígidas quanto ao lugar que querem ocupar como homem ao lado de uma mulher.

O *desmapeamento* que denota a coexistência de valores e crenças contraditórias em um mesmo indivíduo (Figueira, 1987), também pôde ser observado na eventualidade de alguns entrevistados estarem, consciente ou inconscientemente, apenas “querendo parecer modernos”. Isto ficou, de certa

forma, evidente nos discursos dos dois sujeitos que afirmaram falar abertamente sobre seus sentimentos com suas companheiras, mas que, no entanto, não foram muito convincentes a este respeito. Não obstante, ao terem este tipo de preocupação, já demonstram que, pelo menos, algum efeito já está se fazendo presente no que diz respeito à possibilidade de quebra de estereótipos por parte destes homens. Ou seja, entendemos que, mesmo nos casos em que certas atitudes não foram efetivamente revistas, a preocupação com relação a elas pode ser interpretada como uma possibilidade de mudança. Assim, estes homens já estariam tendo que se haver com o *conflito entre permanecer ou mudar* e já foram, de alguma forma, tocados por questões que podem efetivamente levá-los a novas formas de *ser e estar no mundo*. Seja como for, nossos entrevistados podem estar mais próximos de novas possibilidades identitárias nas quais tenham um espaço real para a livre expressão de suas subjetividades.

Por fim, com relação ao clichê de que os homens não falam sobre sentimentos e emoções, nossos entrevistados se apresentaram da seguinte forma: sete parecem corresponder ao estereótipo e cinco, não. Um destes clamou o engano do compositor Lulu Santos no que diz respeito à canção *O Último Romântico*, então poderíamos perguntar: Seriam estes cinco homens os últimos românticos? Ou será que se dermos tempo bastante aos mais jovens poderemos contar com mais alguns?

7. Referências Bibliográficas

ARMONY, A. (1995) Van Gogh: anunciador de uma nova masculinidade. In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 83-95.

BADINTER, E. (1986) **Um é o outro**: relações entre homens e mulheres. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

_____ (1992) **XY**: sobre a identidade masculina. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARASCH, M. (1997) Sexo e afeto no cotidiano do homem. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: SENAC, p. 93-119.

BAUMAN, Z. (1997) **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (2000) **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BETCHER, R. W.; POLLACK, W. S. (1993) **In a time of fallen heroes**: the re-creation of masculinity. New York: The Guilford Press.

BINGEMER, M. C. L. (2001) Delicadeza. In: YUNES, E.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). **Virtudes**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, p. 56-68.

BOURDIEU, P. (1998) **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BREEN, D. (Org.). (1993) O enigma dos sexos: perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade. **Nova Biblioteca de Psicanálise**, Rio de Janeiro: Imago, 1998, v.18, p. 11-47.

BURDON, B. (1998) Envolvendo os homens na vida familiar: se eles podem fazê-lo, por que não o fazem? In: SILVEIRA, P. (Org.). **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 81-90.

CHODOROW, N. J. (1978) **Psicanálise da maternidade**: uma crítica a Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CITELI, M. T. (2001) Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento. In: **Estudos Feministas**, v.9, n.1, p. 131-145.

COONTZ, S. (1992) “My mother was a saint”: individualism, gender myths, and the problem of love. In: **The way we never were**. New York: Basic Books, p. 42-67.

CUSCHNIR, L. (1999) Os homens pedem socorro. **Claudia**, São Paulo, set. 1999, p. 49-51. Entrevista.

_____ (2000) A crise do macho. **Veja**, São Paulo, 12 abr. 2000, p. 11-15. Entrevista.

CUSCHNIR, L.; MARDEGAN JR., E. (2001) **O homem e suas máscaras**. Rio de Janeiro: Campus.

DAMATTA, R. (1997) Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: SENAC, p. 31-49.

DAMÁSIO, A. R. (1994) **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARCY DE OLIVEIRA, R. (1991) **Elogio da diferença**: o feminino emergente. 1a. reimpressão da 3.ed. de 1993. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____ (2003) **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco.

DARIO, N. (2001) A identidade masculina e o movimento da emancipação da mulher. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Revista do Instituto de

Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago, v.11, p. 79-92.

DEAUX, K.; LAFRANCE, M. (1998) Gender. In: LINDZEY, G.; GILBERT, D. T.; FISKE, S. T. (Eds.) **The Handbook of Social Psychology**. Boston: McGraw Hill, v.1, 788-827.

DIAS, M. V. (2000) **A construção do casal**: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas. Tese de doutorado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

DIEHL, A. (2002) O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena**. Petrópolis: Vozes, p.135-158.

FALCONNET, G.; LEFAUCHEUR, N. (1975) **La fabrication des mâles**. Paris: Éditions du Seuil.

FALKE, D.; DIEHL, J. A.; WAGNER, A. (2002) Satisfação conjugal na atualidade. In: WAGNER, A. (Org.). **Família em cena**. Petrópolis: Vozes, p.172-188.

FERREIRA, A. B. H. (1986) **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FIGUEIRA, S. A. (1987) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: _____ (Org.). **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Riode Janeiro: Jorge Zahar.

FREUD, S. (1910) **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** – Contribuições à psicologia do Amor I. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1926) **A questão da análise leiga**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1930) **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1933) **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII: Feminilidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937) **Análise terminável e interminável**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIDDENS, A. (1992) **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.

_____ (1999) **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GILLIGAN, C. (1982) **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press.

GOLDENBERG, M. (1991) **Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento**. Estudos Antropológicos. Rio de Janeiro: Revan.

_____ (1997) **A outra: estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado**. Rio de Janeiro: Record.

_____ (2000) O macho em crise: um tema em debate dentro e fora da academia. In: _____ (Org.). **Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros**. Rio de Janeiro: Record, p.13-39.

GRATCH, A. (2001) **Se os homens falassem...** como compreender as atitudes masculinas. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.

HAMAWI, R. (1995) Que querem os homens? In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9-12.

HOUAISS, A. et al. (2001) **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.

JABLONSKI, B. (1991) **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

_____ (1995) A difícil extinção do boçalossauro. In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 156-165.

_____ (1996) Papéis conjugais: conflito e transição. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal, Coletâneas da ANPEPP**, v.1, n.1, p. 113-123.

_____ (1999) Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Nau, p. 55-67.

_____ (2001) Atitudes frente à crise do casamento. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau, p. 81-95.

KEHL, M. R. (1996) **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago.

_____ (1998) Onde vai parar o ônibus do amor? In: **Cadernos de Psicanálise**, SPCRJ, v.14, n.17, p. 32-43.

LASCH, C. (1977) **Refúgio num mundo sem coração: a família, santuário ou instituição sitiada**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MAGALHÃES, A. S. (1993) **Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo**. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

MARTINS, R. C. (2001) Equidade. In: YUNES, E.; BINGEMER, M. C. L. (Orgs.). **Virtudes**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, p. 76-81.

MEAD, M. (1935) **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____ (1949) **Macho e fêmea**: um estudo dos sexos num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes, 1971.

MELLO FILHO, J. (Ed.). (1992) **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas.

MENDES DE ALMEIDA, M. I. (1995) **Masculino / feminino - tensão insolúvel**: sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MIRANDÉ, A. (1997) **Hombres y machos**: masculinity and latino culture. Boulder (Colorado): Westview Press.

MUZIO, P. A. (1998) Virilidade: conhecemos el costo de ser hombre? In: **Cadernos de Psicologia**, Série Social e Institucional. Revista do Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro, p.19-43.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1989) Questões metodológicas sobre a análise de discurso. In: **Psicologia**: Reflexão e Crítica. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, Porto Alegre, v.4, n.1/2, p. 103-108.

_____ (1992) Teorias lingüísticas e concepções de lingua(gem). In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Revista do Instituto de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, Rio de Janeiro, v.44, n.1/2, p. 22-41.

_____ (1994) A análise de discurso em questão. In: **Psicologia**: Teoria e Pesquisa. Revista do Departamento de Psicologia da UNB, Brasília, v.10, n.2, p. 317-331.

NOLASCO, S. (1988) **Identidade masculina**: um estudo sobre o homem de classe média. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

_____ (1993) **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (1995) A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: _____ (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 15-29.

_____ (1997) Um “homem de verdade”. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: SENAC, p. 14-29.

_____ (2001) **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco.

PEREIRA, C. A. M. (1995) Que homem é esse? O masculino em questão. In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 53-58.

RAMOS, M. S. (2000) Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, p.41-59.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (1994) **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. (2000) **Psicologia Social**. 20.ed. Petrópolis: Vozes.

RUBIN, Z., et al. (1981) Loving and leaving: sex differences in romantic attachments. In: **Sex Roles**. New York: Plenum Publishing Co., v.7, p. 821-835.

SENNETT, R. (1974) **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SHOUMATOFF, A. (1985) The rise of modern individualism. In: _____ **The mountain of names**: a history of the human family. New York: Vintage Books, p. 115-155.

SKOLNICK, S. (1987) The ultimate human connection: the love relationship. In: **The intimate environment**: exploring marriage and the family. Boston: Little, Brown and Company.

SPENCE, J. T. et al. (1985) Sex roles in contemporary american society. In: LINDZEY, G.; ARONSON, E. (Eds.). **The Handbook of Social Psychology**. 3.ed. New York: Random House, v.II, p. 149-178.

STOLLER, R. (1985) **Maculidade e feminilidade**: apresentações do gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

TANNEN, D. (1990) **You just don't understand**: women and men in conversation. New York: Ballantine Books, 1991.

TRAVIS, S. (1997) **Conflitos conjugais**: um estudo sobre as expectativas no casamento. Dissertação de mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

TREVISAN, J. S. (1997) **O espetáculo do desejo**: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, D. (Org.). **Homens**. São Paulo: SENAC, p. 51-91.

VALABRÈGUE, C. (1976) **Eux, les hommes**. Paris: Éditions Stock.

VEIGA, F. D. (1997) **O aprendiz do desejo**: a adolescência pela vida afora. São Paulo: Schwarcz.

VELHO, G. (1987) **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ (1986) **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

WALSTER, E.; WALSTER, G. W. (1978) **A new look at love**. Reading (Massachusetts): Addison-Wesley Publishing Company.

WANG, M.-L. (2001) **Relações afetivas heterossexuais na atualidade**: breve estudo exploratório sobre a perspectiva masculina. Monografia de graduação não publicada, Departamento de Psicologia, PUC-Rio.

WILLIAMS, J. E. et al. (1981) Traits associated with men and women: attribution by young children in France, Germany, Norway, The Netherlands, and Italy. In: **Journal of Cross-Cultural Psychology**. Bellingham: Western Washington University, v.12, n.3, p. 327-346.

Matérias de Jornais e Revistas:

BOSCOV, I.; MARTHE, M. Sexo. Como nossos ancestrais. **Veja**, Rio de Janeiro, n.1812, p. 69-79, 23 jul. 2003.

BYDŁOWSKI, L.; OYAMA, T. (Eds.). Mulher. **Veja**, Rio de Janeiro, Edição Especial, n.25, ago. 2003.

LUIZ, E. Morre PM que sofreu traumatismo durante treinamentos. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 26 jan. 2003.

PINHEIRO, D. (Ed.). Homem. **Veja**, Rio de Janeiro, Edição Especial, n.27, out. 2003.

SCHELP, D. O novo homem. O homem em nova pele. **Veja**, Rio de Janeiro, n.1822, p. 62-72, 01 out. 2003.

SEGATTO, C.; VASCONCELOS, Y. O porquê das diferenças. **Época**, Rio de Janeiro, 05 jul. 1999. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/ed050799/ciencia1.htm>> Acesso em: 16 jun. 2001.

SIMÕES, D. Tenente da PM morre em treinamento do BOPE após 12 horas na água gelada e outro oficial tem pneumonia. Eles cumpriam a última etapa do curso especializado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 jul. 2002.

WERNECK, A. Tortura persiste em quartéis militares do rio. Soldado morreu de pneumonia em Campos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2000.

Genes contribuiriam para a formação da identidade sexual. Hormônios não seriam os únicos a influenciar diferenças na formação do cérebro e do comportamento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 out. 2003. Ciência e Vida, p.28.

ANEXO

Roteiro para Entrevistas Semi-Estruturadas

Perfil do Entrevistado:

nome / idade / escolaridade / ocupação principal
estado civil (de direito e de fato) / residência (com...)
filhos (sexo / idade) / religião / psicoterapia

Relacionamento(s) afetivo(s) heterossexual(is) mais significativo(s)

Caracterização do relacionamento
Duração (idade início / término)
Melhores e piores aspectos
Queixas mais freqüentes da companheira
Se terminou: razões / iniciativa / sentimentos
Intervalos entre relacionamentos

Experiência amorosa e percepção do sentimento

Descrição do sentimento / significados / reflexos / romantismo

Expressão do sentimento

Comunicação do sentimento / formas de demonstrar
Percepção por parte da companheira
Percepção por parte de terceiros

Compartilhamento da vida afetiva com terceiros

Conversa com...